

REVISTA DA SEMANA

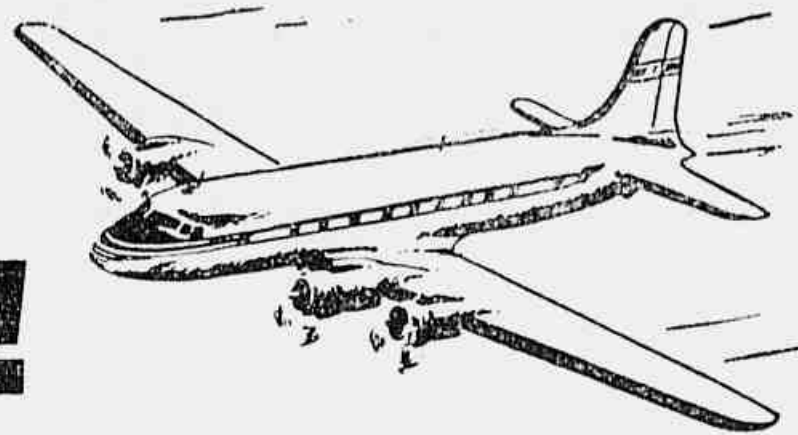
N.º 34

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

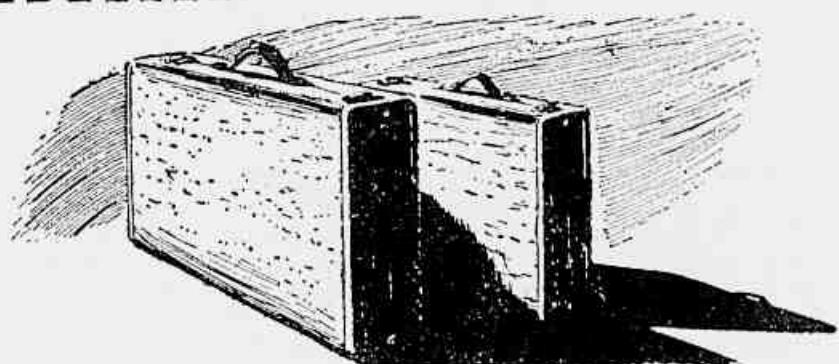
23-8-47



Vôe por Clipper ...é mais fácil!



Descanse... Quando você embarca num *Clipper* gigante, sinta-se descansado e seguro, porque as tripulações de um *Clipper* são as melhores do mundo... o treinamento, experiência e capacidade de que dispõem tornam cada viagem por *Clipper* inteiramente segura, cheia de prazer e conforto.



Esqueça... todos os detalhes incômodos relativos à sua bagagem, numa viagem por *Clipper*. A PAA assegura-lhe que ela será transportada cuidadosamente durante toda a viagem. E traga quanta bagagem quiser — os primeiros 25 quilos serão transportados sem despesa... e nas bagagens acima de 25 quilos, cobra-se uma pequena taxa.



Conte... a sua família os momentos maravilhosos de sua viagem aérea — a melhor possível, a bordo de um *Clipper* da PAA. Para sua família, viajar por *Clipper* é muito mais fácil... até para os bebês, para os quais dispomos de alimentos especiais, cuidados especiais, atenções especiais a bordo de cada *Clipper*.

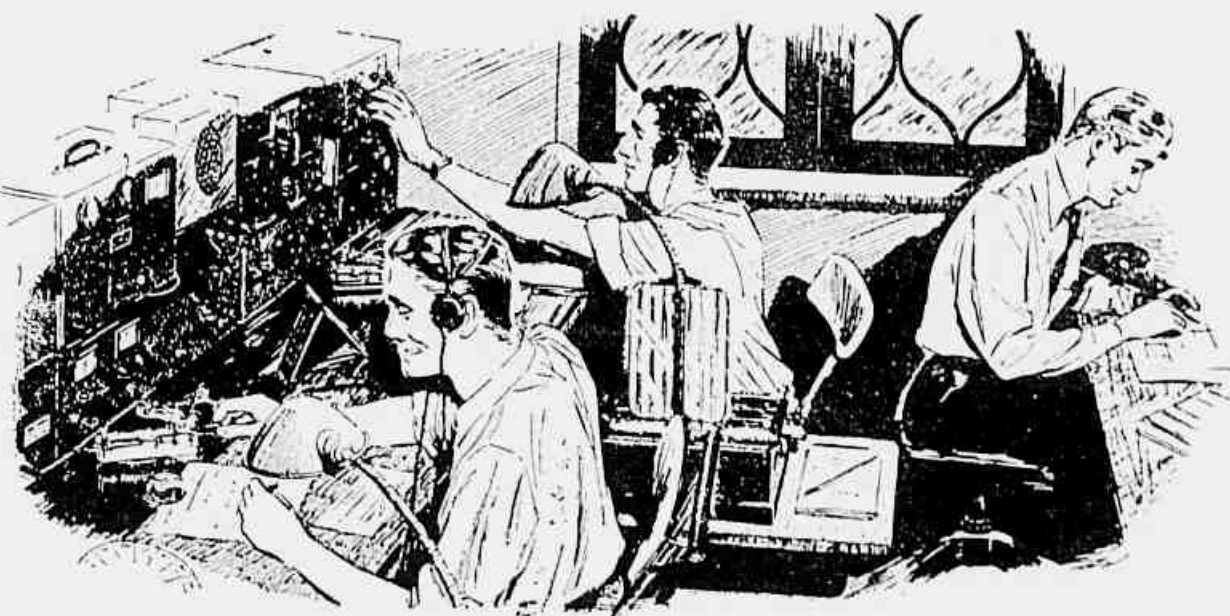


Desfrute... os luxuosos serviços da PAA, tanto na terra como no ar. Para que você viaje com prazer e conforto, por todo o percurso, a PAA mantém agora confortáveis hotéis, em pontos convenientes, ao longo de sua extensa rede internacional.

Vôe pela PAA... experiência sem PAR!

Confie... na Pan American World Airways, cujos técnicos capazes estão ao par dos mais recentes aperfeiçoamentos da ciência aeronáutica e dispõem dos mais modernos instrumentos... outra razão por que a PAA oferece os padrões mais elevados em Transporte Aéreo. Quando um *Clipper* gigante levanta vôo, esses instrumentos precisos e técnicos capazes, estacionados em diversos pontos de sua rota, estão em constante alerta para salvaguardar sua jornada pelos céus do mundo.

VIAGENS PARA QUALQUER PARTE
CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

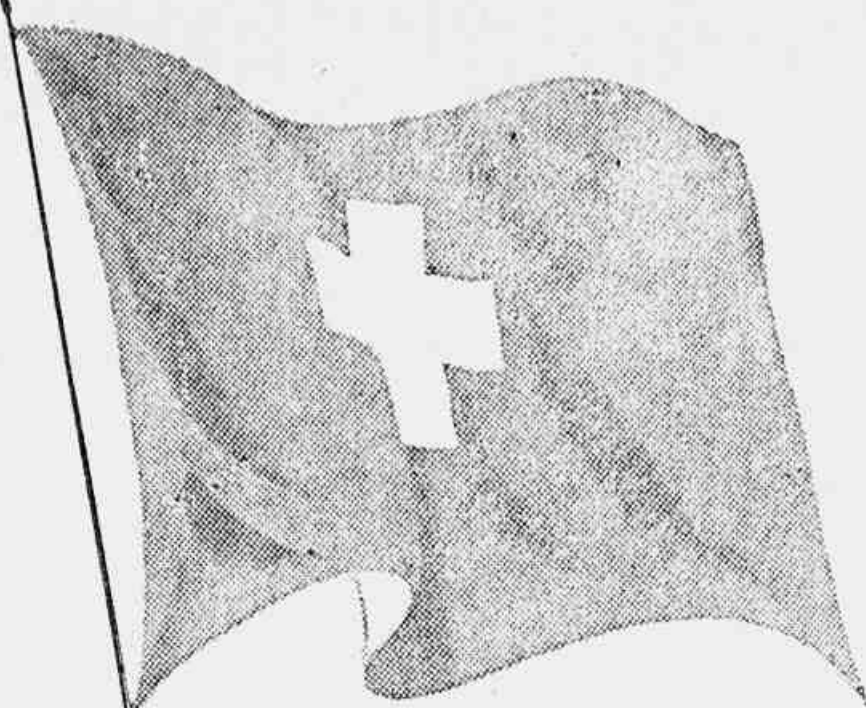


A Rede dos Clippers Voadores

Alasca — Antígua (Índias Ocidentais Britânicas) — Argentina — Áustria — Açores — Bahamas — Bélgica —
Bermudas — Bolívia — Brasil — Chile — Colômbia — Congo Belga — Costa Rica — Cuba — Curaçao —
Equador — Estados Unidos da América — Filipinas — França — Guadalupe — Guam — Guatemala — Guiana
Francesa — Guiana Inglesa — Haiti — Havai — Honduras — Ilha do Cantão — Ilhas Fiji — Ilha Midway —
Ilha Wake — Inglaterra — Irlanda — Itália — Jamaica — Libéria — Martinica — México — Nova Caledônia
— Nova Zelândia — Nicarágua — Panamá — Paraguai — Perú — Portugal — Porto Rico — República Dominicana
— República do Salvador — Sta. Lúcia (Índias Ocidentais Britânicas) — São Tomás (Ilhas Virgens) — Senegal — Surinam —
Tchecoslováquia — Terra Nova — Território do Yucon (Canadá) — Trinidad — Uruguai — Venezuela — Zona do Canal.



A BRIU-SE finalmente o jogo... político, no ex-Cassino da Quitandinha, hoje convertido em Fórum Inter-Americano. Com a presença dos chanceleres de quase todas as nações do continente, inaugurou-se, pela palavra do general Eurico Gaspar Dutra, presidente da República, o importante encontro destinado a ter funta repercussão nas relações dos países deste hemisfério e nos rumos da política continental. Embora sem serem um país militarista, os Estados Unidos foram representados na conferência de Petrópolis por um dos seus mais ilustres generais, que aqui compareceu, entretanto, à paisana, na qualidade de secretário de Estado, ou seja, de ministro das Relações Exteriores do governo do Presidente Truman. Tendo sido o nosso chanceler, sr. Raul Fernandes, aclamado presidente da Conferência, os Estados Unidos do Brasil, para não ficarem atrás, passaram a ter sua delegação chefiada também por um general, o senador Pedro Aurélio de Góes Monteiro. A Conferência está se desenvolvendo em ambiente de grande cordialidade, sendo Quitandinha presente-mente um dos maiores focos de noticiário do continente, abrindo não apenas delegações numerosas, mas igualmente verdadeiros batalhões de repórteres, fotógrafos, locutores, tradutores, telegrafistas e telefonistas. Está despertando este interesse a grande excursão ao Santuário de Fátima, em Portugal, promovida pelo Touring Club do Brasil, para o mês de setembro. Todos os dias a secretária do Touring Club atende algumas dezenas de pedidos de informações por telefone, por carta e pessoalmente, tal o êxito da iniciativa. Êxito de resto esperado em razão dos preços convidativos que estão sendo cobrados. O escritor André Maurois, que foi recebido na Academia Brasileira e no Pen Club do Brasil, saudado em francês na primeira dessas instituições pelo acadêmico Rodrigo Octávio Filho e na segunda pela senhora Maria Eugênia Celso, — realizou com muito êxito suas conferências no Teatro Municipal e, segunda-feira, falou no Ministério da Educação às 17 horas com entrada franca, sobre "L'esprit et l'humour". André Maurois foi também homenageado com um almôço na ABI e deu ao cartógrafo R. Magalhães Junior autorização, por escrito, para dramatizar sua obra "Bernard Quesnay", romance que contém, nas suas linhas mestras, os elementos essenciais de uma excelente peça de teatro. Como os presos de Niterói estavam indo para casa, para os cinemas e para os cafés ou bñlhães, recolhendo-se à cama apenas para dormir, houve certo escândalo quando se divulgou essa novidade. E foi em razão disso que o governo do Estado tomou a providência de expedir ordens no sentido de que os detentos só possam deixar a prisão "com eficiente escolta". O regresso dos presos à cadeia só pode ser interpretado como uma consequência da crise de habitação. ... Proclama Ferreira, o notável comediante, que há vinte anos mantém permanentemente uma companhia teatral — "record" talvez não atingido por qualquer outro dos nossos grandes atores, voltou ao palco do Serrador, teatro que inaugurara com "Maria Cachucha" e onde atualmente dá "Sonata a Kreutzer", peça de Alfred Savoir e Ferdinand Nozères baseada num romance de Leon Tolstói. No Pará se passa cada uma! Para que o leitor tenha uma idéia do que está se passando na terra do assaí e do cupuaçu aqui transcrevemos esta pequena nota telegráfica da Asa Press: "Belem, 16 — Informa um jornal local que o secretário da Educação proibiu que as professoras de Vila Mosquetel, frequentem as danças do Prata-Bar. Também por outro ato vedou-lhes o banho de mar aos domingos, só podendo as professoras ir a praia nos dias de semana". Francamente! O secretário da Educação do Pará precisa receber com urgência um exemplar da Constituição Federal e saber que "ninguém é obrigado a fazer ou deixar de fazer qualquer coisa senão em virtude de lei". ... No Paraguai, continua a luta. Dizem uns que Morínigo venceu, que Morínigo foi derrotado, que Morínigo não está em Assunção. Outros dizem que os rebeldes é que estão derrotados, — e entre estes estão alguns jornais que mandaram enviados especiais receber "informações" no Paraguai. Enquanto a verdade verdadeira não aparece, uma proposta foi feita na Conferência de Petrópolis, para que seja pacificado o Paraguai de acordo com as bases da mediação proposta pelo Brasil e pela Argentina. Tomou posse do cargo de secretário geral da Prefeitura o embaixador Francisco Negrão de Lima, que havia encabeçado brilhantemente aquela mediação rejeitada pela teimosia e pela intransigência de Higino Morínigo. Ex-ministro de Estado interno, embaixador em postos de relevo, deputado federal por Minas, o sr. Francisco Negrão de Lima é um homem público ilustre e experimentado, sendo uma ótima aquisição feita pelo dinâmico prefeito da cidade, general Angelo Mendes de Moraes. Chegou ao Brasil o fogo simbólico, vindo do cemitério de Pistóia, pelo avião "Bandeirante", da Panair do Brasil e tendo sido recebido pelo general Zenóbio da Costa, um dos comandantes da FEB. Deixamos de registrar, no número passado, um incidente impressionante e mais impressionante dos últimos tempos — ocorrido no "Hotel Yankee", à rua Paissandu, onde um oficial do Exército, que ali residia, deixara um fôco elétrico ligado. Verificando-se um curto circuito, o velho hotel foi consumido pelas chamas morrendo carbonizadas dentro de um dos quartos, três senhoras que ali residiam: Maria Amélia e Alade Vilas-Boas. Pendurado a um friso da Câmara dos Deputados, de onde os bombeiros conseguiram arrancar com o uso de uma escada e de uma rede protetora, o jovem Jorge Barroso de Oliveira, que os jornais dizem ser um débil mental, atraído a atenção do público e da imprensa, tendo, uma vez em baixo, feito as seguintes declarações: "Havia entrado ali, julgando ser uma igreja. Viera de Niterói com uma missão... Salvar a humanidade e mandar uma mensagem ao Presidente Truman. Quería dinheiro, muito dinheiro para os seus e para salvar o Brasil que comparo a um campo de futebol, onde o Supremo Tribunal Eleitoral é o juiz, a imprensa e o rádio bandeirinhas e jogadores essa grande massa que vive passando miséria, graças aos tubarões que assistem a peles nas sociais". Mandou para o hospital, pela polícia, o louco não nos parece tão louco assim... Pelo menos, é bem lucido, ao comparar o Brasil com um imenso campo de futebol...



MAIS UM

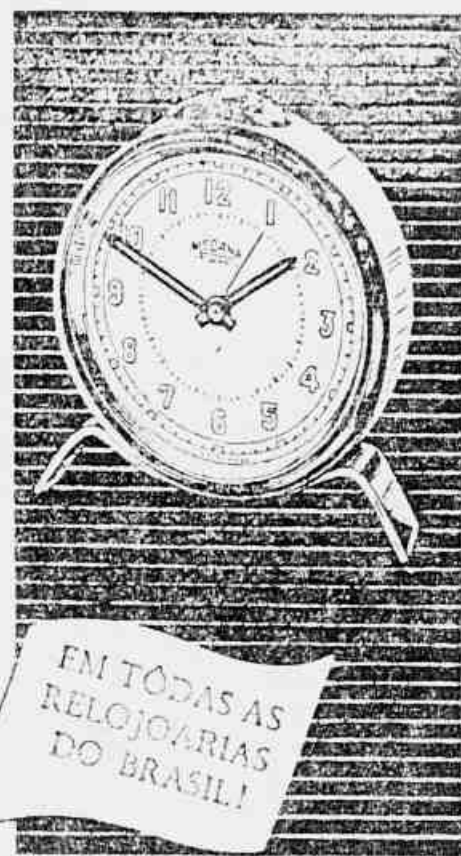
Primor

DA RELOJOARIA
SUÍÇA!

MEDANA

finíssimo despertador de confiança
próprio para presente distinto

- Proporções e dimensões delicadas
- Cores variadas em lindas combinações
- Luxuoso aspecto
- 7 rubis
- Números e ponteiros fosforescentes
- Precisão absoluta e de confiança
- Funcionamento garantido

EM TODAS AS
RELOJOARIAS
DO BRASIL!

1 NOSSO CONCURSO DE CONTOS

REVISTA DA SEMANA ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedotas não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAME RECITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

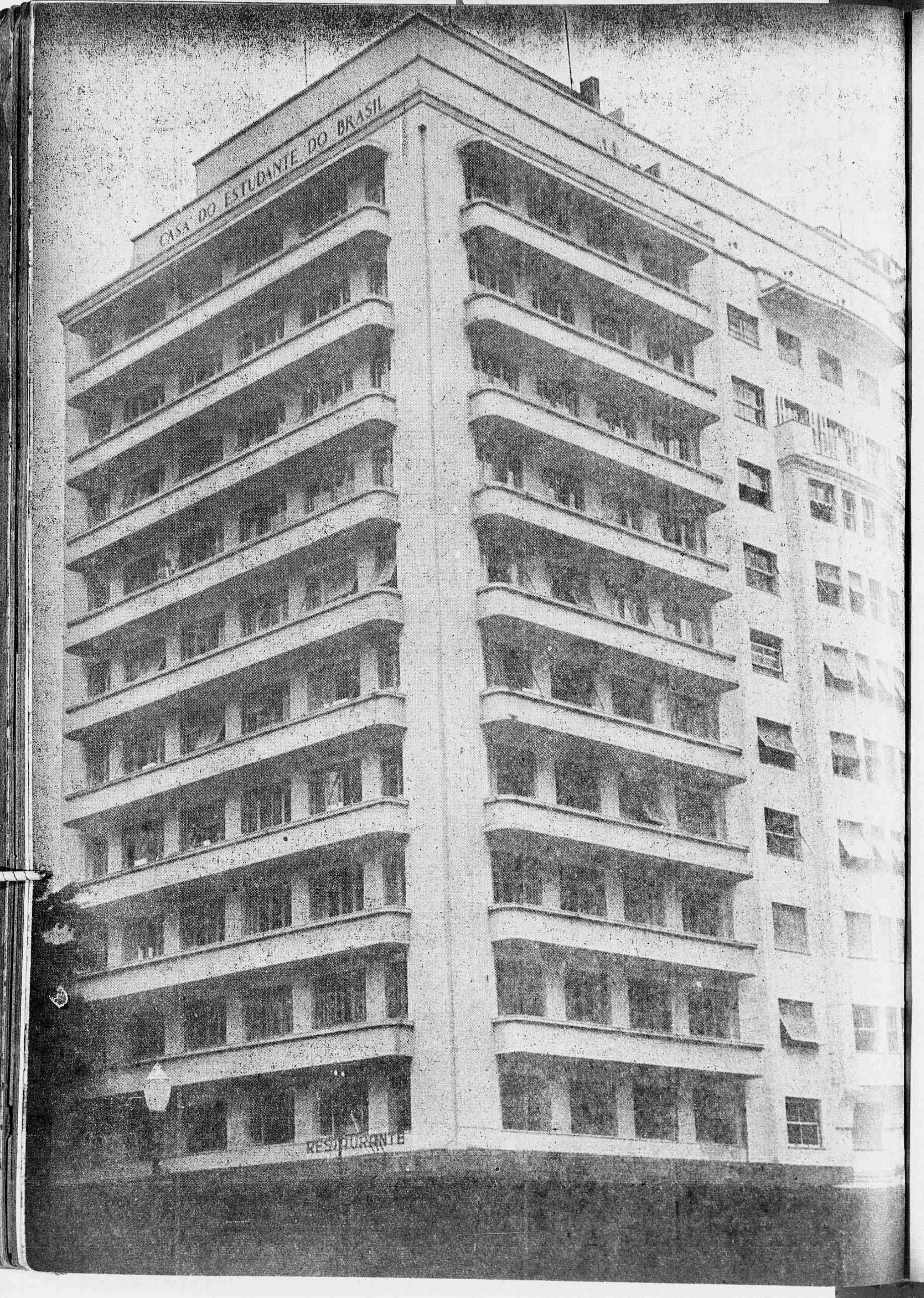
OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28

Joaquim
Foltheria

DE OURO

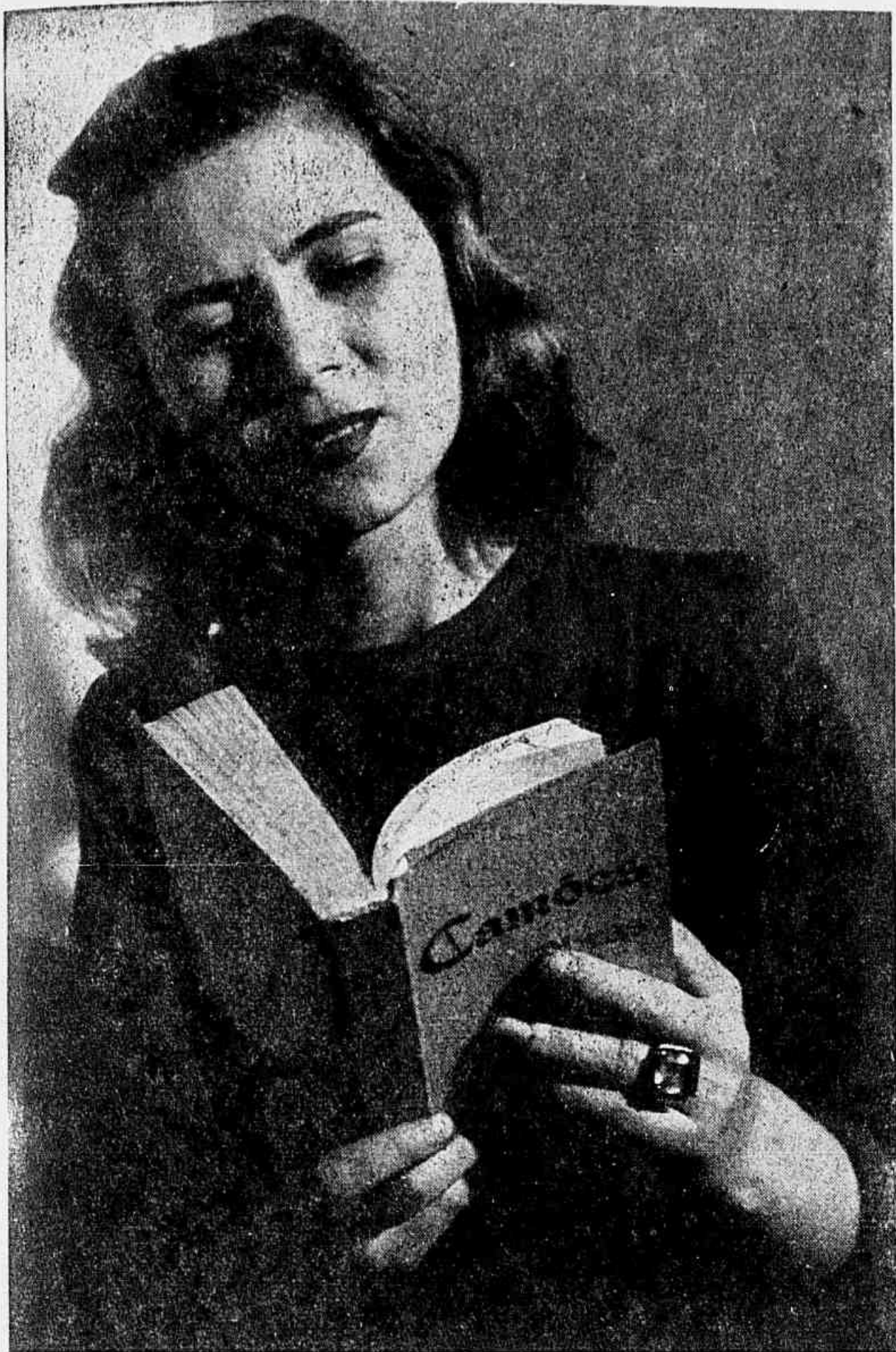
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELOGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

RESIDUENTE



Na página ao lado: O edifício da Casa do Estudante do Brasil, construído na Esplanada do Castelo. Essa instituição completou no dia 13 deste mês dezoito anos de vida, toda ela dedicada aos interesses da classe estudantil. O que em 1927 era um sonho de meia dúzia de poetas, tornou-se anos depois, uma vigorosa realidade. Nesta página, em cima: Uma leitora, lendo Camões, e a doutora Aldeir Paraguassú, bibliotecária da Casa, durante a sua faina diária. As estantes da biblioteca foram construídas para vinte mil volumes e têm, apenas, seis mil. Ótima oportunidade para quem quiser doar livros à Casa do Estudante.

A CASA DO ESTUDANTE ATINGIU A MAIORIDADE

OS poetas no Brasil têm ensinado, muitas vezes aos homens práticos como se leva a cabo um projeto aparentemente inexecutável. Prova disso é a gigantesca realização da Casa do Estudante do Brasil. Em 1927 um grupo de acadêmicos da Faculdade de Direito da extinta Universidade do Brasil sonhou construir um lar que auxiliasse o estudante pobre, que amparasse o acadêmico que deixava sua longínqua terra natal para estudar nas faculdades do Rio. Durante dois anos esse assunto foi discutido e propagado. Em 1929, Paschoal Carlos Magno, um dos pioneiros desse movimento, resolveu fazer por conta própria uma excursão pelos Estados do Brasil com o objetivo de conseguir os primeiros recursos para a realização do projeto. Foi uma das fases mais difíceis da luta, quando teve que demonstrar aos homens práticos que a idéia daqueles estudantes seria exequível, desde que contasse com apóio das pessoas que pudessem ajudá-los. Até então nenhum movimento estudantil de grande envergadura existia, que pudesse apoiá-los com o seu exemplo. Teriam que ser pioneiros em todos os sentidos. Um médico, metido a crítico, fez um longo artigo na imprensa querendo desmoralizar o movimento e perguntava no título do artigo: "Casa de estudantes ou de poetas?" Apesar de tudo, Paschoal seguiu para o Norte e depois de muita conversa com usineiros e outros industriais voltou para o Rio com a importância de oito mil cruzeiros. Era o

UM MILAGRE DA POESIA — O QUE JÁ FEZ A UTILÍSSIMA INSTITUIÇÃO EM DEZOITO ANOS DE VIDA — CONRADO MUTZENBECHER, UM PIONEIRO — DEMOCRACIA NA BIBLIOTECA: "MINHA LUTA" AO LADO DE "O CAPITAL", A "BÍBLIA" AO LADO DE LIVROS DE LUTERO E DE ALAN KARDEC — A ORQUESTRA SINFÔNICA MAIS BARATA DO MUNDO — A LUTA CONTRA OS "DEFICITS"

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

primeiro tijolo para o futuro edifício. A poetisa Ana Amélia, eleita rainha dos Estudantes em 1928, iniciou uma ofensiva de recitais, chás e campanhas financeiras, e a renda dessas festas revertia para a formação do pecúlio. Cedeu uma sala em sua casa, que foi transformada em sede do movimento pró-Casa do Estudante. Embora oficialmente inaugurada em 13 de Agosto de 1929, somente dois anos teve realmente sede, que foi no Largo da Carioca, no mesmo local em que ainda hoje funciona o seu restaurante popular.

O GOVERNO COMEÇA A ACREDITAR

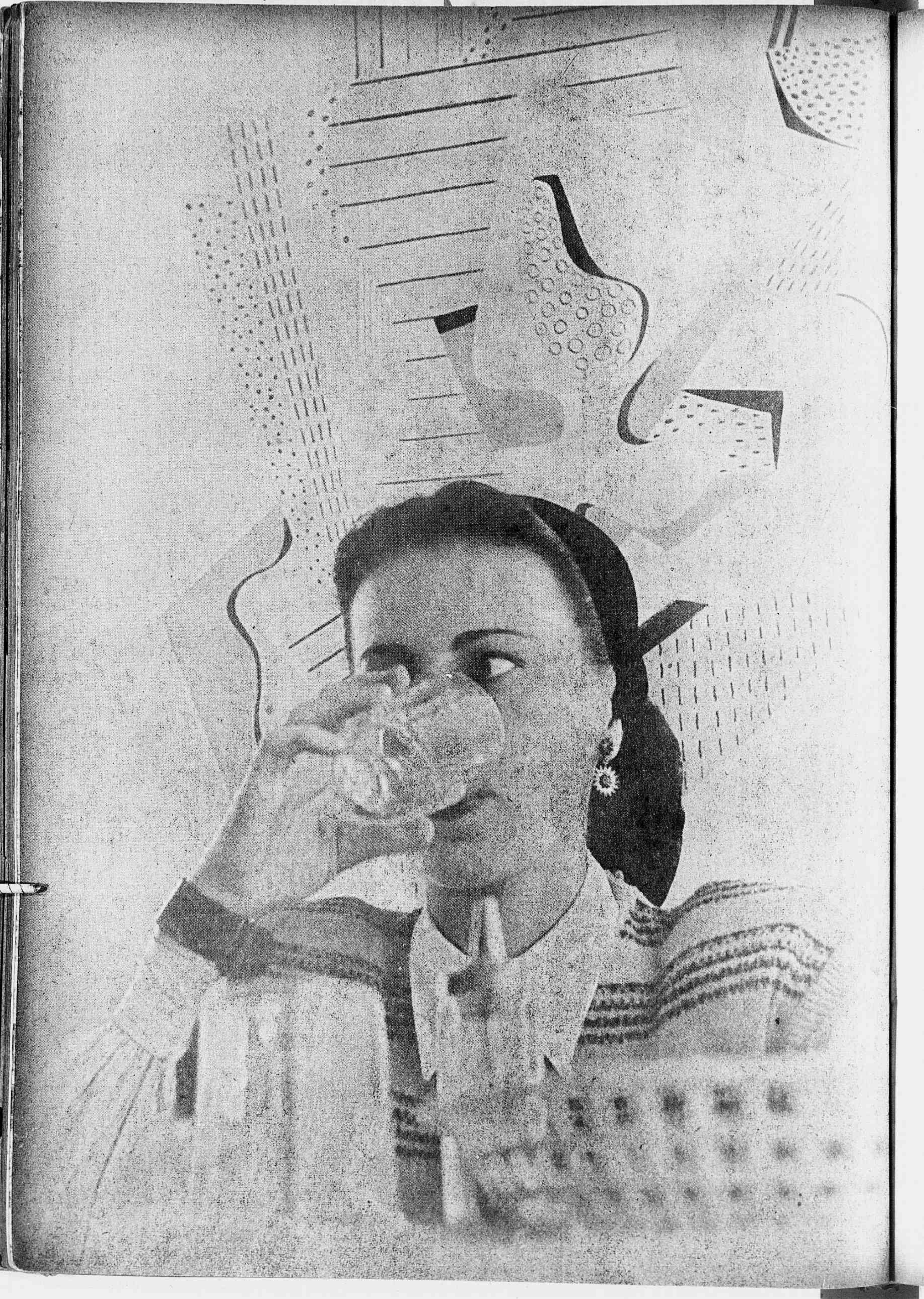
Quem primeiro acreditou naquela empreitada foram os particulares, como quase sempre acontece com as iniciativas

honestas nessa terra. O senhor Conrado Mutzenbecher entusiasmou-se certa vez com a idéia daqueles poetas e doou-lhes a casa à rua do Riachuelo, 327. Foi a primeira residência para estudantes mantida pela Casa no Rio de Janeiro. Três anos depois o governo deu setecentos mil cruzeiros para a futura sede e o prefeito Pedro Ernesto, em nome da Prefeitura, cedeu a área de terreno necessária. Para se avaliar a vitória que se iniciava é oportuno transcrever as palavras de outro dos pioneiros, o professor Edgardo Castro Rabelo, da Faculdade de Direito. Disse ele quando apreciava o muito que a Casa do Estudante já houvera feito: — "Isso mais se torna valioso quando se sabe que este é um país onde, a não ser o decorativo, tudo se nega para o ensino da modica-

de". Citando um fato concreto com referência a essa afirmação revela que "na Faculdade de Direito não há "programas" impressos oficialmente porque a respectiva verba foi suprimida. Há-os, sim, impressos particularmente e vendidos no câmbio negro". Por tais afirmações pode-se avaliar muito bem o que era conseguir alguma coisa de prático do governo naquele sentido. E com ajuda de Bailes da Primavera, Feiras de Livros e campanhas financeiras, foram mantidos em funcionamento a residência da rua do Riachuelo, em 1937, 1938 e 1939, e o restaurante do Largo da Carioca, enquanto prosseguiram vagarosamente as obras. Em 1945 foi finalmente inaugurada a Casa do Estudante do Brasil, à rua Santa Luzia. Compareceram à inauguração todos os lutadores, que vinham batalhando há dezesseis anos por aquele ideal. Magdala da Gama Oliveira, Carlos Lacerda, Letícia Rodrigues, Maria Luiza Doria Bittencourt, o professor Artur Ramos e muitos outros ali estiveram, naquela hora de triunfo.

BALANÇO DA ASSISTÊNCIA ALIMENTAR

Em onze anos de funcionamento, atravessando o período do vertiginoso encarecimento de vida, o modesto restaurante do Largo da Carioca vem cumprindo sua finalidade — a de proporcionar alimentação sadia e barata, e sem aumentar os preços, apesar da crise. Naturalmente que no final de cada ano os "deficits" crescem, vindo em seu socorro os co-



Na página ao lado: A acadêmica Elisa Plut, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, fazendo sua refeição no restaurante universitário, que funciona no décimo segundo andar do edifício-sede. "Por seis cruzeiros não poderia haver melhor comida" — disse-nos a universitária.

tres da Casa. Em dez anos forneceu cento e sessenta mil refeições gratuitas. Calculando-se mesmo o preço de cada refeição a três cruzeiros, — preço das que são pagas, — isso significa um auxílio de quatrocentos e oitenta mil cruzeiros. Pela estatística podemos ver que os estudantes que mais se utilizam das refeições gratuitas são os que cursam os colégios cuja frequência é sabidamente constituída de elementos da classe média, como o Pedro II, a M.A.B.E. e outras semelhantes. Ouvimos de uma acadêmica que frequenta o restaurante universitário (instalado no edifício-sede, à rua Santa Luzia) que, embora sadia, a refeição do restaurante do Largo da Carioca não satisfaz a quem tenha um dispêndio maior de energia. Ao estudante que trabalha, por exemplo. Para remediar esse mal é preciso o apoio daqueles que podem dar... e não dão! É preciso não esquecermos que o balanço geral da Casa do Estudante do Brasil, referente ao ano passado, foi fechado com um "déficit" de quase trezentos e cinquenta mil cruzeiros. Para solver o montante desse débito só há um recurso: apelar para a realização de uma nova campanha financeira que, por sinal, vai ser iniciada ainda este mês.

OITENTA ESTUDANTES FELIZADOS

Sim, infelizmente são apenas oitenta dentro desses milhares de estudantes do Brasil. Esses privilegiados são os residentes na Casa. Situada na Esplanada do Castelo, com todos os requisitos de conforto moderno, a sede não pode — e é pena — abrigar mais do que esse número. Alguns dos seus andares foram destinados à locação para escritórios afim

de que com a renda mensal auferida pudesse satisfazer os seus encargos. Os quartos são amplos e arejados e toda a mobília, a roupa de cama e o café da manhã são fornecidos pela Casa. Por tudo isso cobra apenas duzentos e trinta cruzeiros mensais. Perguntamos ao acadêmico Tiago de Melo, amazonense, quais as suas impressões sobre a fundação e ele nos declarou:

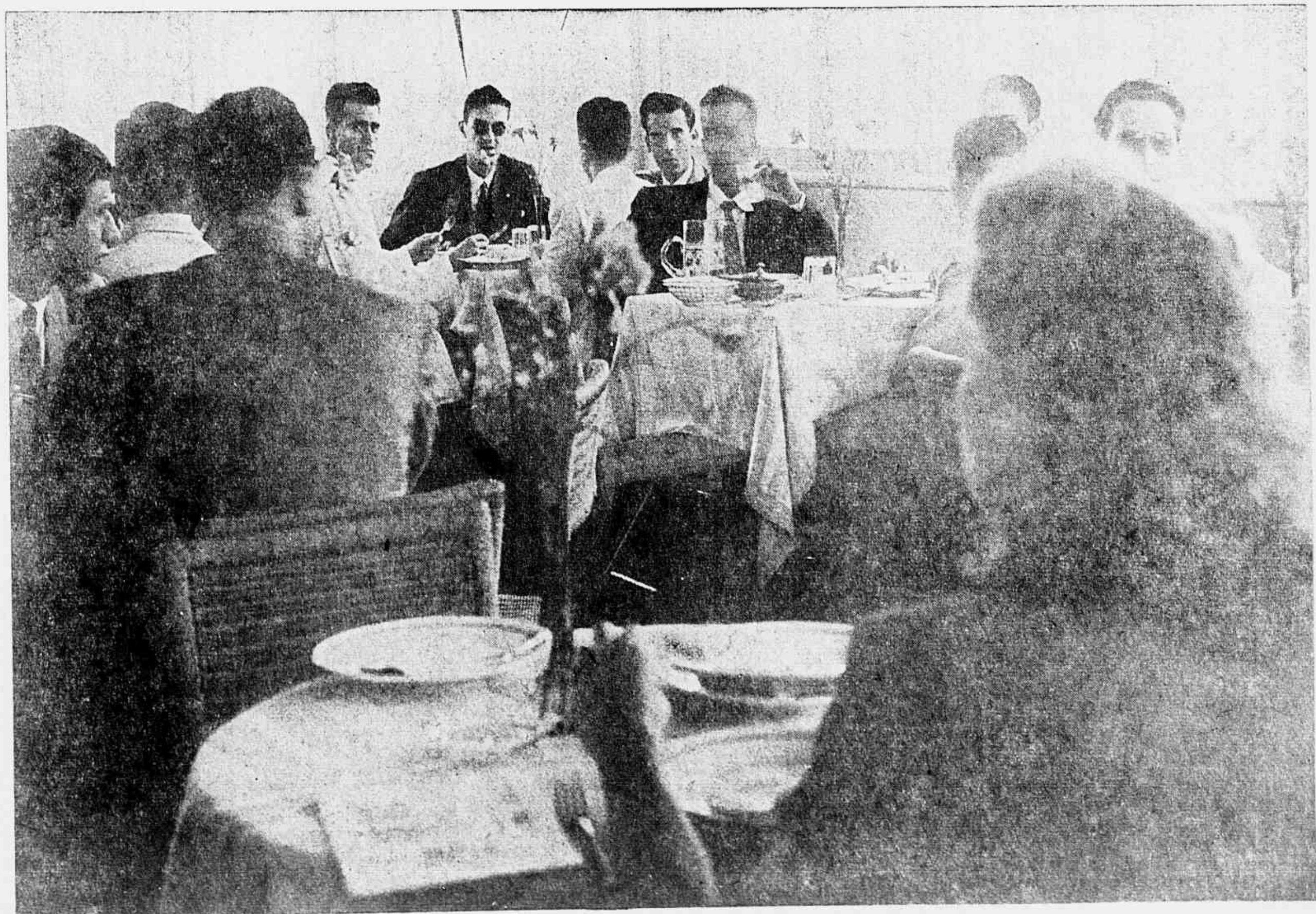
— Não poderia ser melhor o auxílio que ela nos presta. Lamento apenas que a ajuda que a Casa do Estudante recebe do governo e do público, em geral, não lhe permita estender esses benefícios a um maior número de estudantes.

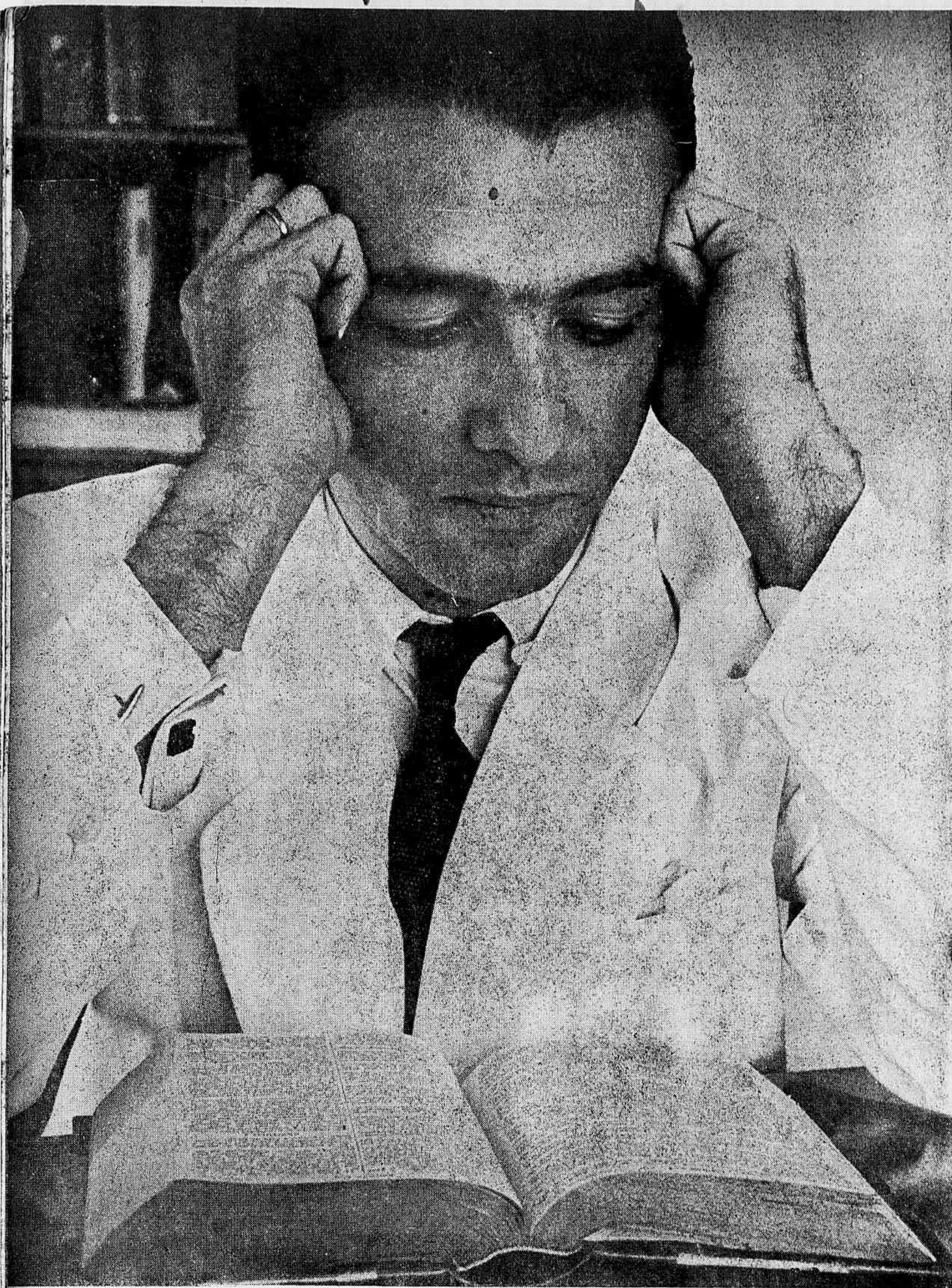
BIBLIOTECA DEMOCRATA

Os benefícios que a Casa do Estudante vem prestando, aproveitam a qualquer cidadão, não sendo necessário que o mesmo seja estudante. No restaurante universitário, que funciona no décimo segundo andar do edifício-sede, qualquer pessoa pode fazer suas refeições, por preço excepcionalmente módico. Se esta pessoa for estudante terá ainda um desconto extra. Sua biblioteca está também aberta a qualquer leitor e quando nos inteiramos da sua forma de funcionamento e a comparamos com a de outras bibliotecas públicas existentes na cidade, temos que louvar o seu sistema. O leitor encontrará ali os livros que defendem todas as ideologias políticas ou religiões. Você poderá ver "Minha Luta", de Adolf Hitler ao lado dos cinco volumes de "O capital", de Karl Marx. Na mesma mesa de leitura encontramos um cearense que lia alguns preceitos da Bíblia e um carioca que manuseava livros e revistas espíritas. Digamos de pas-



Em cima: Dona Ana Amélia, uma das fundadoras da Casa e eleita sua presidente perpétua, ao lado de seu braço direito na administração da instituição, o senhor Geraldo Avelar. "Foi um autêntico presente de grego", afirmou a doutora Maria Luiza Bittencourt, referindo-se ao cargo vitalício da poetisa Ana Amélia. Em baixo: aspecto do salão do restaurante universitário, frequentado por mais de duas centenas de estudantes, diariamente.





O estudante Francisco Gerson Pinheiro, da Faculdade de Medicina, fotografado quando lia preceitos da Bíblia, na biblioteca da Casa do Estudante. Livros de todas as ideologias políticas ou tendências religiosas são encontrados nessa biblioteca democrática.

qualquer livro pra ler em casa. Pode retirar — um de cada vez — quantos livros desejar durante o prazo de um ano. É uma prova de confiança que se dá ao leitor e que até hoje não foi ludibriada por um só. A organização da Biblioteca Nacional teria muito que aprender nesta ainda pequena biblioteca (tem apenas seis mil volumes), não só quanto à organização e fichário, quanto à facilidade de manuseio e retirada.

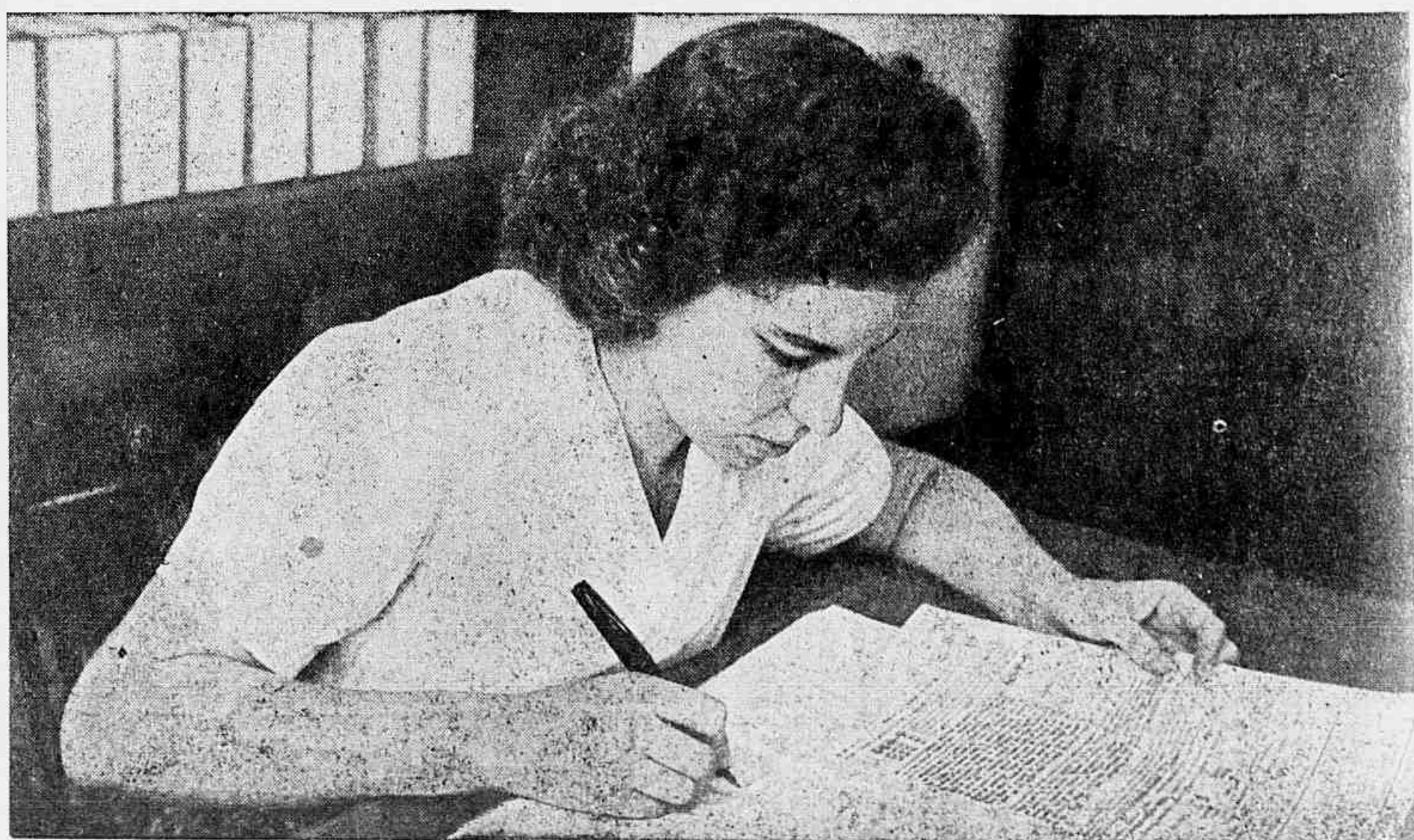
um trabalho de aproximação entre os

INTERCÂMBIO CULTURAL

Silenciosamente, a Casa do Estudante vem fazendo há mais de um decênio, jovens de todos os países do mundo, como até agora não se fez no Brasil. Seu Departamento de Correspondência Escolar recebe pedidos dos estudantes brasileiros que desejam se comunicar com os seus colegas de outros países e re-envia os pedidos diretamente aos colegas estrangeiros que já estão cadastrados no seu imenso fichário. Da mesma forma, recebe as cartas dos estudantes do exterior e as remete diretamente para os endereços de estudantes de todos os Estados do Brasil. Não serve apenas de intermediária, porque intensifica, procura suscitar nas academias de outros países interesse pelo intercâmbio, oferece os seus préstimos às escolas estrangeiras para qualquer informação sobre assuntos brasileiros. No ano passado de três mil e quinhentos estudantes brasileiros iniciaram correspondência com seus colegas da América do Norte, Argentina, Canadá, Inglaterra, México, França e outras nações. Até com estudantes residentes na Ásia, África e Oceania foi trocada correspondência. O único país que não abre suas portas a esse sistema de conhecimento mútuo é a União Soviética. A Casa do Estudante já tentou várias vezes quebrar essa muralha, mas sem nenhum resultado. Não é só com esse livre intercâmbio que a Casa do Estudante promove a aproximação da mocidade do mundo. Consegue bolsas de estudos em nossas universidades para estudantes americanos e consegue outro tanto nas universidades dos Estados Unidos e da França para os nossos jovens. Quatro estudantes das nossas universidades já cursam aulas na França e na América do Norte, graças às bolsas de estudo concedidas à Casa do Estudante. No ano passado proporcionou trinta e seis matrículas gratuitas nos cursos superiores do Rio a estudantes pobres. Tudo isso é feito com muito esforço, não medindo sacrifícios, gastando

sagem que o sentido da direção da Casa do Estudante é essencialmente apolítico. Isto não implica que a maioria dos estudantes inscritos na biblioteca ou residentes na Casa — representantes por certo de outros milhares de companheiros — seja convictamente democrata. Democratas conscientes do que é a democracia. "Democratas que lêem livros nazistas, livros comunistas e que depois — mais certos do que antes — escolhem o caminho da liberdade democrática", foram as palavras que nos disse o estudante Pedro Estelita, de Santa Catarina, quando o interrompemos na leitura da obra do ex-líder nazista. É extrema a facilidade para a retirada do livro que desejamos ler em nossa casa. O leitor faz um depósito de dez cruzeiros e com esta módica quantia está apto a retirar

Um dos mais úteis departamentos da Casa do Estudante é o seu "bureau" de empregos. Por intermédio desse departamento já foram colocados muitos estudantes que precisam trabalhar para custear seus estudos. Na foto apareceu a estudante Lindaura, empregada numa companhia de seguros por intermédio daquela departamento.



o estudante Pedro Estellita, presidente da Casa do Estudante do Espírito Santo, lê pela primeira vez o livro mais detestado do mundo, de autoria do ex-líder nazista. "Para melhor conhecer a democracia" — dizem os estudantes — "é preciso que se conheça os regimes totalitários."

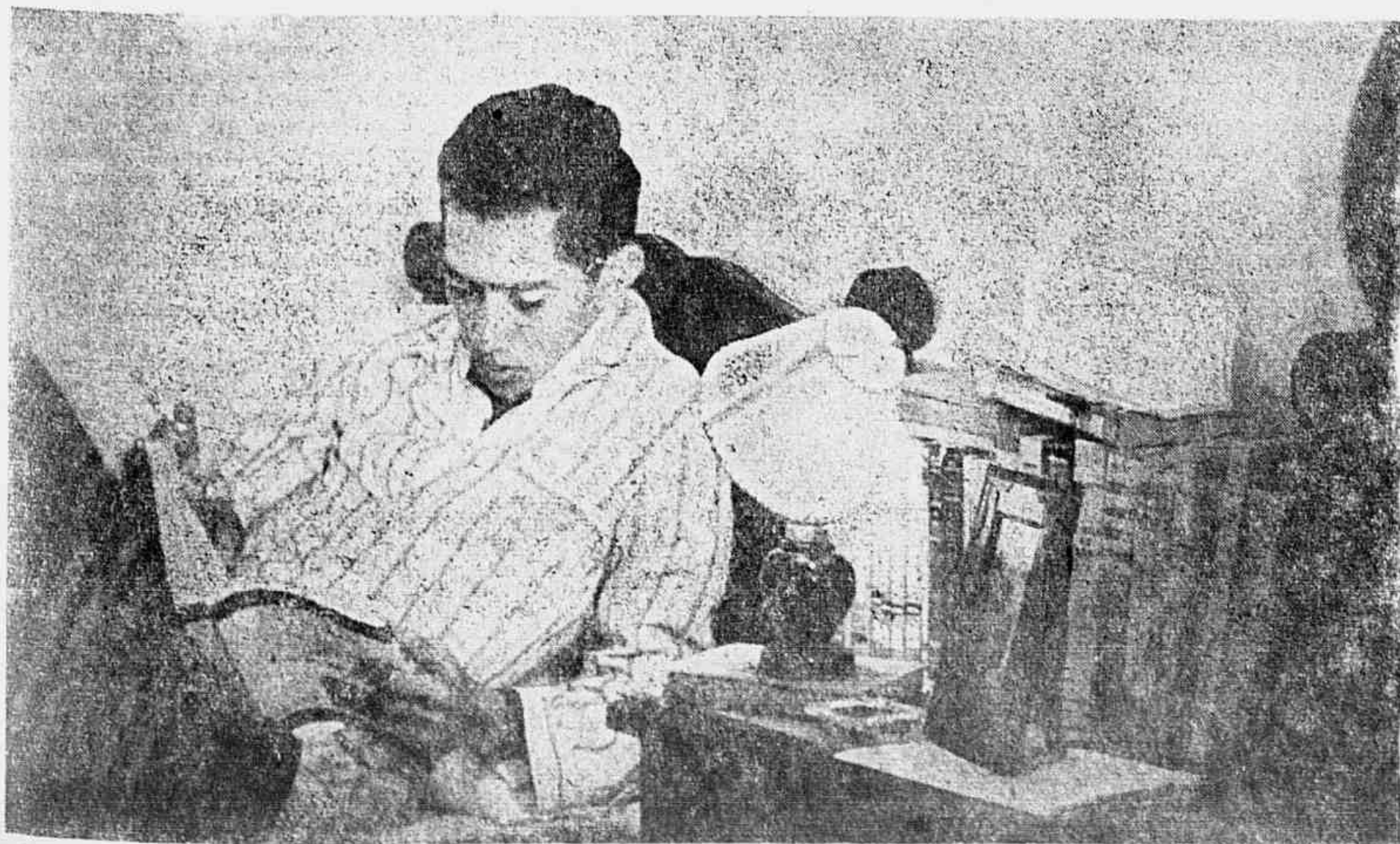
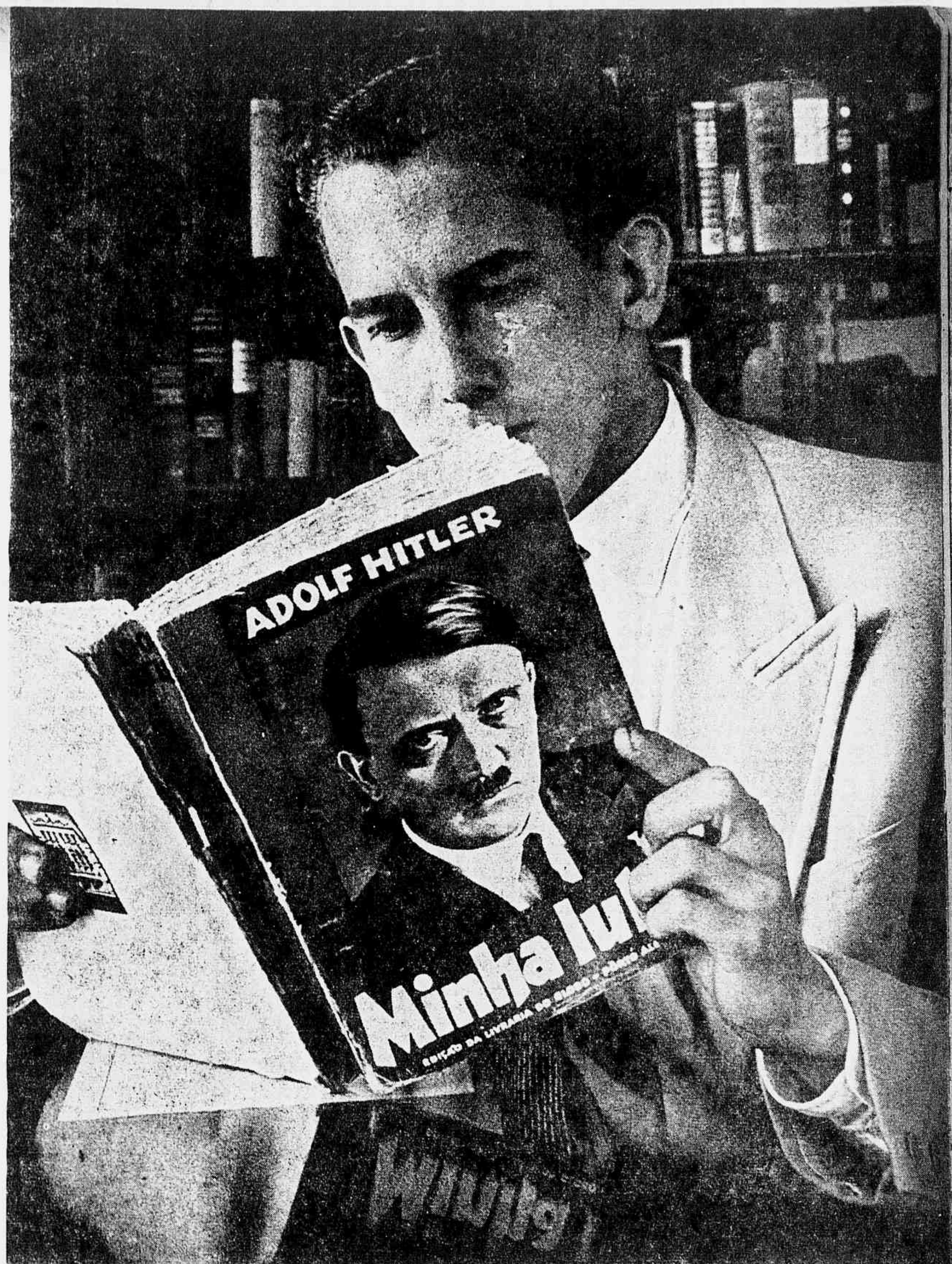
dinheiro que não tem, pois há dez que a fundação apresenta "deficits" cada vez maiores. Para cobertura dessas dívidas até sua própria presidente tem que correr todos os anos com alguma coisa da sua renda particular.

O "BUREAU" DE EMPRÉGOS E A ORQUESTRA UNIVERSITÁRIA

Um caso interessante: a Casa do Estudante arranhou jeito de amparar uma orquestra universitária que conta nada menos de oitenta e um executantes. Orquestra muito bem treinada e dirigida pelo maestro Rafael Batista e que executa sem vacilações as "Suites" de Rach e os concertos de Mozart. Os onze concertos que deu no ano passado renderam-lhe apenas oito mil cruzeiros, isso porque a maioria deles foi completamente gratuita. Em compensação, é a orquestra sinfônica mais barata do mundo. Sua despesa total em 1946 foi apenas de vinte e três mil cruzeiros. A orquestra é relativamente nova na fundação, mas apesar de seus quatro anos de vida já encaminhou e formou bons músicos sinfônicos entre os nossos jovens. Outra obra peritória vem fazendo o "bureau" de empregos da Casa do Estudante, colocando no nosso comércio rapazes e moças que precisam trabalhar. E se não coloca maior número de empregados deve-se em parte aos empregadores não solicitarem pretendentes para ocupações consentâneas com o seu preparo. Todos querem contínuos e "office-boys", quando podiam pedir à Casa rapazes e moças para cargos nos quais se exigisse maior aplicação intelectual. A par disso, a Casa do Estudante tem, também, uma seção editora aliás em regime de "deficit", porque não edita "best-sellers", mas obras de procura lenta.

A OBRA MÁXIMA DA CASA DO ESTUDANTE

Deixamos para o final para falarmos do Teatro do Estudante, por certo a obra de maior repercussão artística e cultural que já se fez no Brasil, devida exclusivamente ao esforço particular. Com apenas dez anos de existência esse teatro "de amadores" já fez mais pela evolução do teatro brasileiro do que todos os nossos departamentos oficiais. Não só pelas artistas que formou para o teatro profissional, como Sônia Otticira, Yara Sales, Paulo Moreno, Mario Brasini, Milton Carneiro, Alberto Perez, Cacilda Becker etc., como pelas renovações e idealizações que tem apresentado. Alguns dos nomes citados trabalharam também no Teatro



Universitário da UNE, o que vem dar no mesmo, pois a União Nacional dos Estudantes foi uma das criações da Casa do Estudante. O surto de amadorismo teatral provocado com a montagem, em 1938, de "Romeu e Julieta", de Shakespeare, tem sido intensificado até hoje. Veja-se por exemplo o que foi a concentração dos amadores desse teatro num palacete da Ilhaca, no mês de julho próximo passado e da qual tratamos em reportagem especial. Por todos esses motivos, a comemoração do décimo oitavo aniversário de fundação da Casa do Estudante, no dia 13 deste mês, foi um dia de festa e uma data gloriosa para os estudantes. Havia muita coisa realizada, mais talvez do que os seus idealizadores de há vinte anos poderiam imaginar. Casa de estudantes ou de poetas? — Perguntava aquele pessimista. Por que não dos dois? "Casa de estudantes e de poetas", podem os seus fundadores dizer orgulhosamente.

O quartoanista de medicina Tiago de Melo no quarto que ocupa na Casa do Estudante. Todo o conforto é proporcionado pela Casa aos seus residentes e pela moradia, mobília, roupa de cama e café pagam somente 240 cruzeiros mensais.

O Fogacheiro

Conto de LUCIA BENEDETTI Ilustração de A. PACHECO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")



AINDA escutava as risadas de Margarida. Era estúpido, mas, mesmo depois de despida, mergulhada entre os lençóis, sentindo o roçar macio do linho de encontro ao rosto, escutava Margarida rir. Passava-lhe pelos olhos o ar contente, os dentes brancos e — também era profundamente estúpido — o relógio de pulso de Margarida. Parecia que ainda não se despiria completamente e que qualquer coisa daquela festa ainda permanecia nela. Cerrou os olhos e procurou se alheiar. Aos poucos as risadas de Margarida foram se apagando e os restos de ruído que ainda permaneciam nela se dissiparam. Ficou somente Gustavo. Um sorriso tranquilo saudou a presença de Gustavo em sua lembrança. Parecia-lhe idoso. Não tinha vinte e cinco anos, mas parecia ter mais. E olhava-a com tamanha ansiedade! Parecia que segurava o tempo com as mãos e procurava mostrar-lhe que o tempo se escoava, se escoava, e que todas as coisas do mundo corriam perigo, porque o tempo se escapava. Entretanto quando ela se aproximava, quando lhe falava, o rosto de Gustavo tomava logo um ar indulgente. Talvez o tempo não importasse tanto assim. Ele se inclinava para ela e deixava que uma perigosa doçura transparecesse em seus olhos. Gustavo queria casar.

Quando o conheceu? Não fazia muito tempo. Ficou procurando na lembrança o primeiro dia, justamente o primeiro instante em que o viu. No teatro. O ar com que ele a olhara então não possuía ainda aquela doçura envolvente, nem parecia suplicar-lhe que não desperdiçasse tanto o tempo. Gustavo olhava-a com uma espécie de espanto. Ficava envaldecida. O amigo que os apresentara foi quem alimentou a conversa durante todo o intervalo. Gustavo conservou o ar de espanto até o fim. Apenas parecia mais alegre, quando se despedira. Prometera levar-lhe um livro, para que ela visse quanto a peça estava truncada e como haviam tomado verdades com o autor. Há quanto tempo não lia? Mês. Não resistira ao desejo de telefonar a Gustavo no fim da leitura.

— Ah, mas como é absurdo tudo isso! Por que escolheram essa peça, se desejavam representar uma outra muito diferente?

Gustavo convidara-a para jantar. Aos poucos fôra adquirindo aquele ar angustiado. Pouco a pouco, à medida que ia descobrindo a presença de Ruy em sua vida. Quanto mais penetrava na sua intimidade, mais torturado. Ruy nem sequer o importunava. Considerava-o mais um do grupo, um dos muitos admiradores que a cercavam continuamente.

Sem poder conter o impulso, sentou-se na cama e acendeu a luz. Ficou olhando para si mesma, refletida no espelho. Os olhos grandes e castanhos aos poucos perderam o ar crítico. Adoçaram-se na certeza de que era bonita. O cabelo cor de cobre ficavam ainda mais belos assim despenteados. E Isabel fi-

cou contemplando os fantásticos desenhos que a luz formava em seus cabelos. Apagou a luz tranquilizada e feliz. Queria pensar só em Gustavo. Nada mais poderia penetrar em sua lembrança, expulsaria qualquer pensamento para que ele permanecesse junto dela, tal como o viu. Seria bem doce viver o resto da vida com ele. E, afinal, não era assim tão difícil. Bastava uma decisão. Uma forte, uma vigorosa decisão. Apagaria de seus olhos o ar angustiado, desmancharia as rugas de sua testa com mãos brandas. E a presença de Ruy nunca mais o torturaria. Seria tão bela junto dele, que embora passassem todos os dias da vida lado a lado, ele a olharia muitas vezes com aquele espanto com que a contemplara pela primeira vez.

Começou a fazer planos. Era enervado se atirar assim, de frente para o futuro, traçar um desenho de sua própria vida. Só então compreendia que jamais planejara. Sua existência fôra até ali, uma espécie de saltos no espaço. Agarrara-se ao emprego com quantas forças tinha, dali, quando a oportunidade surgira, atirara-se para a frente, na disputa de uma situação melhor. Quando descobrira que o homem que amava era casado, pensara em morrer. Mas era como se a morte fosse de uma outra pessoa dentro dela. Talvez tivesse morrido mesmo. Aquela outra Isabel, mansa e apaixonada, desaparecera. Fôra um suicídio secreto. Uma Isabel matara a outra, com morte violenta. Ficava somente a Isabel frívola, ansiosa por prosseguir na marcha. Casado ou não ele era bastante rico para ter duas casas. E a casa de Isabel era tão bela, tão confortável. Os amigos que a rodeavam tão alegres. Se desejasse alguma coisa, bastava estender a mão. Jamais desejou coisa alguma que não fosse caríssima e nem deixou de estender a mão todas as vezes que a fantasia a impelia. Ruy representara para ela apenas um salto mais. Era um trapézio perigoso, um salto no ar. Transpusera o espaço sem vacilar, passara para o outro lado. E, agora, tantos anos depois, via-se insone, fatigada, a traçar um plano. Com toda certeza Gustavo tinha um apartamento pequeno. Uma onda de doçura invadiu-lhe os nervos. Estava vendo o apartamento. Gustavo sentado à mesa de trabalho, fazendo plantas de casa, projetos, orçamentos. Era possível que ela andasse de avental de um lado para outro. Há quanto tempo não botava um avental! Teria uma única empregada. Ela mesma tomaria conta de vários detalhes da lida doméstica. Por exemplo: que faria, de avental, alegre, naquele pequeno apartamento cheio de

sol? Usaria um espanador. Não permitiria que a criada entrasse no escritório de Gustavo.

O sono começara a perturbá-la, mas, mesmo assim, sorriu, vendo-se tão caselira, a andar de um lado para outro com um espanador. Gustavo seria bom marido? A noite, depois do jantar, ficariam conversando na salinha. Ele fumaria seu cachimbo. Talvez ligassem o rádio, talvez não. Ou então, quem sabe? visitar os amigos. Encontraria outras mulheres que de dia carregavam o espanador. Juntariam as cabeças para queixar-se do custo da vida. Quanto custaria um quilo de batata? Sentiu desejo de ir despertar a governante para saber quanto custava um quilo de batatas. Aprenderia a ser discreta nos seus gastos. Tinha gente que comprava fazenda e depois encontrava uma costureira baratinha para fazer o vestido. Ela escolheria tudo, teria também seus problemas de costureira, faria malagres com um pedaço de pano. Gustavo olharia para ela com orgulho. O amor que lhe tinha cresceria cada vez mais. Ele afirmava que seria impossível amar mais ainda. Mas, Isabel sabia que sim. Com mil feitiçarias, faria com que ele a amasse mais e mais.

Enfiou o rosto mais profundamente no travesseiro. Sentiu um arrepio pensando que, assim que se decidisse, tudo mudaria. E adormeceria nos braços de Gustavo.

Talvez ficasse olhando a aliança no dedo, brilhando, brilhando. Nunca mais as noites de solidão. Nunca mais teria quem a olhasse com ar inquisidor, vendo-a sozinho, na casa suntuosa. Nunca mais os vizinhos fariam baixo, quando ela passasse. Tudo mudaria. Ergueria a cabeça e encontraria os rostos rissonhos das vizinhas que diriam bom dia. E depois escutaria os comentários:

— E' a esposa do arquiteto.

— Como é bonita!

— O marido também é muito simpático.

E, no entanto, bastava que amanhecesse. Bastava que saísse do banho, que se arrumasse, que tomasse seu café com leite. As dez e meia, Gustavo estaria no telefone para saber a resposta. Não queria encarar-lo frente a frente.

De longe, ele saberia a resposta. Sentia uma covardia esquisita. Fosse qual fosse a resposta dela, seria definitiva. Gustavo não podia mais tolerar a dúvida.

resolvido. Precisava apenas dormir. E ela? Também a indecisão lhe pesava. Mas, agora, era como se tudo estivesse resolvido. Precisava apenas dormir. Aconchegou o travesseiro de penas bem junto ao rosto. Como era bom dormir. Em algum ponto do corpo se formava

uma bolha de torpor. No mesmo instante milhares de bolhas deslizavam, corriam, formavam novos núcleos de bolhas. Ficava leve e aérea. Dormia. Sempre gostara de dormir. Sempre. Desde menina, desde bem pequena. Dormia com a irmã mais velha. Ambas gostavam de conversar antes do sono vir. Conversavam molemente, até que uma se calava. Mais tarde a mãe veio também se juntar ao grupo. Quando a mãe passou a dormir com elas, não estavam mais na mesma casa. Era um quarto apertado e escuro. Escuro de dia e escuro de noite. A janela do quarto dava para a calçada, bem rente ao chão. Já haviam passado por todas aquelas agonias, de ver o pai morto, o choro dos amigos, a solidão. A mãe vendera primeiro a cama de casal. Depois a sala de jantar, com as grandes cadeiras de espadar comprido. Roupa de cama, roupa do pai, por fim o colarzinho de pérolas que ele comprara para a filha mais velha, no dia em que ela nascerá. Depois do colar ter ido embora, juntaram o que ainda restava e se mudaram para o porão. Ficava durante o dia, faminta e tristonha, olhando os pés das pessoas que passavam. Comiam uma vez só, às duas horas da tarde. Até chegar a hora da comida, ficava na cama. Olhava a janela e via os pés que passavam. Era seu único brinquedo. Assim que soavam os passos na distância, ficava apostando consigo mesma: — agora é homem; não, desta vez é mulher. As pernas passavam, magras gordas, bem calcadas ou arrastando tamanhos. A noite era difícil dormir. A sopa magra e bem dividida desaparecia por completo do seu organismo. Ficava somente o vácuo. Então queria conversar, pular na cama, mas ninguém deixava. Ficava quieta. A irmã não conversava mais com ela. A mãe tomara-a para si, fazia com que ela cosesse até alta noite, pregasse botões em roupas de homem. Ficava escutando a máquina e os pés que passavam na janela iam escasseando. Por fim se acabavam. A conversa da mãe com a irmã era triste. Pareciam sempre aflitas. A mãe perguntava:

— Ainda falta muito?

A irmã respondia:

— Um pouco.

A mãe suspirava:

— Ah, meu Deus. Dêsse jeito não conseguíamos nada.

A irmã suspirava também. Não era agradável ouvir a conversa das duas. A irmã tinha somente onze anos. E ela estava com sete. Por fim, a irmã ouvia a mãe falar e chorava. A mãe chorava também. Muitas vezes se abraçavam. Uma noite escutou:

— Ninguém sente nada. E' só fechar bem as portas, as janelas, não deixar o ar entrar.

A irmã começara a suplicar:

— Não, não!

Na noite seguinte, a mãe insistiu:

— Basta dormir. O sono é o mesmo. Não se sofre coisa alguma... Todos passarão que foi acidente.

A irmã soluçava, olhando o fogareiro a carvão.

— Não! Não!

E parecia ter tomado horror ao fogareiro. Também ela começou a sentir medo dele. Era agora uma ameaça constante, embora não soubesse porque poderia ser tão temível. A irmã lhe explicou:

— Podíamos morrer todos juntos. Basta fechar tudo e acender o fogareiro. Começara a ter medo de dormir. Começara a ter medo ao ver a mãe contar o dinheiro. Esperava com angústia que ela contasse o que lhes restava. Se por qualquer razão aquelas pequenas notas não fossem suficientes, estaria ameaçada de dormir e nunca mais acordar. Medo de dormir. Foi seu maior sofrimento. Os olhos pesavam, todo o corpo ficava entorpecido. E, no entanto, era preciso lutar, lutar, até que todos dormissem e, então, tranquila, sem a presença das brasas acesas, poderia dormir também. Seu pensamento corria a se prender ao dinheiro. Um níquel lhe causava o mesmo êxtase que uma boneca. Com os olhos luzindo de alegria atirava no colo da mãe os níqueis que lhe davam, por qualquer razão obscura, os conhecidos que a encontravam. Era como se estivesse adquirindo mais alguns minutos de sono. Cada nota que a mãe contava entre os dedos magros era um pontapé no fogareiro. Aprendera a ser discreta, a não chorar de fome, a não reclamar nada. Bem cedo, começara também a ganhar dinheiro. Acariciara o primeiro ordenado. Encostara o envelope ao rosto, tremendo de alegria. Entregara-o todo à mãe, como se lhe pedisse garantias de vida.

Seria impossível deixar de amar o dinheiro, seria impossível. Agora ele corria por suas mãos como uma orisa, sem começo nem fim. Sim, como uma brisa, soprada suavemente sobre ela. Jamais estancaria. Era deixá-lo passar, fazê-lo seguir esta ou aquela direção. A mãe recebia dela cheques inesperados, bem nutridos. Tão diferente das notas mesquinhas que repassava entre os dedos, chorosa e assustada. Por fim pudera dormir, dormir assim, docemente, sem nunca mais pensar no fogareiro. Nunca mais. E era tão bom dormir. Em companhia de Gustavo teria que prestar outra vez atenção ao dinheiro. Seria preciso administrá-lo com cuidado. Gustavo era pobre. Gustavo estancaria a brisa morna que lhe escorria entre os dedos. Tornou a enfiar o rosto no travesseiro. O sono se ia embora. O que estava presente agora era o porão, eram os pés ruidosos que iam e vinham. E o fogareiro escuro, silencioso, ameaçador. Queria afastar de si a lembrança, trazer para mais perto o rosto apaixonado de Gustavo. Mas era inútil. Somente o fogareiro persistia e a voz de sua irmã suplicando:

— Não, não!

O mesmo velho pânico que a dominara começava a tomar conta dela novamente. Puxou a gaveta do criado mudo e pôs-se a examinar as joias. Gustavo não admitia joias. A primeira lágrima correu-lhe do rosto para perto de uma enorme esmeralda. Ficou junto dela, luziu um pouco e depois se afundou no veludo. Adeus, Gustavo. Cerrou o cofre, guardou-o novamente. Adeus, adeus.





Começou em

— Doutor, quero que o senhor me tire de uma encrenca na qual estou metido até o pescoço. Imagine o senhor, que um salafrário meteu-se em minha casa e eu não sei como desabarracá-lo.

— Por favor, interrompeu o advogado, conte-me tudo com calma e por partes. Controle seu nervosismo. Talvez o caso não seja para tanto.

— Não é para tanto? Bem se vê que a coisa não aconteceu em sua casa.

— Pois bem, meu amigo, conte-me tudo sem acanhamento. O advogado é como um confessor. Respeitamos o segredo profissional.

— Há exatamente um ano e dois meses, doutor, voltava eu sossegado para casa, após 3 horas de espera na maldita fila de ônibus. Sabe o senhor que, para passar o tempo, discute-se política com quem está à frente, comenta-se a carestia da vida com quem está atrás... Acontece que, naquela tarde, vinha eu carregando embrulhos de encomendas feitas por minha mulher. Vendo-me com tantos pacotes, apressou-se um rapaz a vir ao meu auxílio, oferecendo-se gentilmente para carregar metade dos embrulhos, dos malditos embrulhos. Quando, doutor, deixarão as mulheres de obrigar-nos a fazer compras que elas mesmas deveriam fazer? Acham pouco o trabalho que temos o dia todo? O doutor é casado?

— Não, senhor. Creio que posso dizer "graças a Deus" pois, nesta época, não acredito que possa ser desmentido.

— Voltando ao assunto, doutor, o rapaz me aliviou da metade dos meus embrulhos, e, conversa vai, conversa vem, disse-me morar na rua D. Mariana, onde também moro. Alegrei-me. O rapaz era educado e muito gentil. Estudante; os pais moravam em Barbacena. Essa nova coincidência — eu também sou de Barbacena — mais ainda me alegrou. Contudo, o nome de seu pai me era totalmente desconhecido. Justificou-o dizendo que seus pais estavam em Barbacena há dois anos, mais ou menos. Antes disso residiam perto, em uma fazenda. Tivemos, assim, durante todo o trajeto uma longa conversa, que não interessa à questão. Acompanhou-me à casa, entregando-me, na porta, os embrulhos, mas, apesar do meu convite, não quis entrar. Até aí nada de mais. Comecei a notar, porém, que sempre que saía ou entrava, esbarrava com ele. O fato é que entre nós se estabeleceu uma espécie de amizade. Aos poucos, foi ele ficando ao par de minha vida. Tinha um modo inocente de perguntar que me deixava sem jeito para não responder. Repetia, sempre, que eu era um homem de sorte. Morava em uma bela casa. Eu ficava muito satisfeito,

como é natural. A casa é minha. Não há perigo de despejo. Passavam-se os dias... Um sábado, estava eu cuidando de meu jardim, quando avistei, passando pela calçada fronteira, o tal rapaz. Chamei-o. Artur — esqueci, doutor, de lhe dizer que esse é o seu nome — fez-se de rogado mas entrou com seu jeito de bonzinho. Admirou minhas roseiras, achou-as lindas. Apresentei-lhe minha senhora e minhas filhas. Ele, jeitosamente, conquistou as meninas com seu modo agradável. Brincou com elas, correram pelo jardim. Matilde, minha senhora, achou-o um encanto, delicado, etc. Ficou para o "lunch". Depois disto, mostrei-lhe a casa. Na garage, onde meu carro, sobre cavaletes, aguarda melhores dias, o interesse de Artur causou-me espécie. Quis ver tudo: foi ao quarto de cima, achando a mobília antiga. De lá, desceu esfregando as mãos, como alguém que houvesse encontrado o que pretendia. No momento, fiquei meio preocupado mas não liguei importância maior. Era pressentimento de... Dêsse dia em diante, Artur tornou-se amigo da casa. Um belo dia, apareceu-me com a fisionomia transtornada. Pareceu-me que seus pais haviam morrido. Com os olhos lacrimejantes, disse-me que já não tinha onde morar e que ia "Deus sabe para onde". Enfim, apresentou-me despedidas. A senhoria da casa onde morava falecera de moléstia contagiosa e, por esse motivo, os moradores receberam ordem de mudança, em 24 horas. Talvez voltasse a Barbacena, o que seria doloroso para seus pais, que tanto haviam gasto com os seus estudos. Perguntei se era tão difícil encontrar outro quarto. Encontrar ainda é possível, os preços altos com esta horrível crise, é que me impossibilitam, redarguiu Artur. Mal acabara de pronunciar estas palavras, aproximou-se minha mulher. Ficando ao par do ocorrido, lastimou-o muito e teve uma luminosa idéia: Se o Artur quisesse, durante esta temporada de falta de moradia, poderia ficar no quarto da garage. Limpo e arrumado o lugar tornar-se-ia ótimo. O quarto é grande e arejado. A casa, infelizmente, não podia oferecer, pois era o justo necessário. Doutor, a transformação foi imediata. Artur ficou contentíssimo. Beijou as mãos de minha mulher, e, também, as minhas, quase chorando. De repente, saiu pela porta a fora, voltando daí a instantes, com duas malas. Deu-me a impressão que tudo estava preparado de antemão para o golpe. Se eu, doutor, acertasse tudo na vida, como dessa vez, não precisaria trabalhar.

Artur instalou-se o melhor possível. Felizmente, limitou-se a morar na garage. Ofereceu-nos seus préstimos. Prontificou-se a fazer compras para minha senhora, na cidade.

Uma fila...

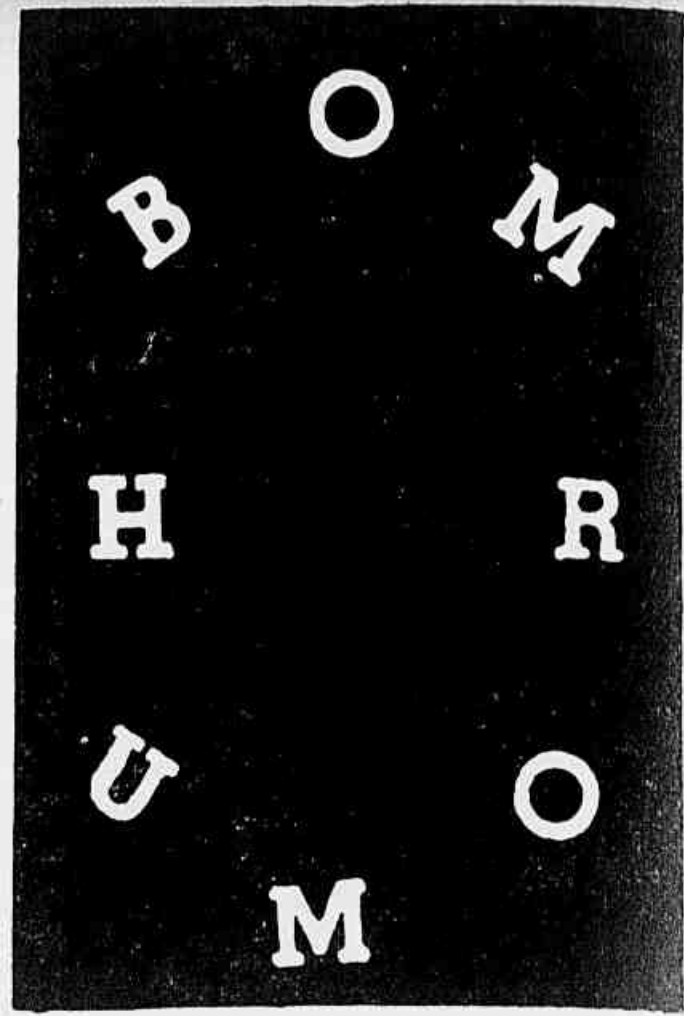
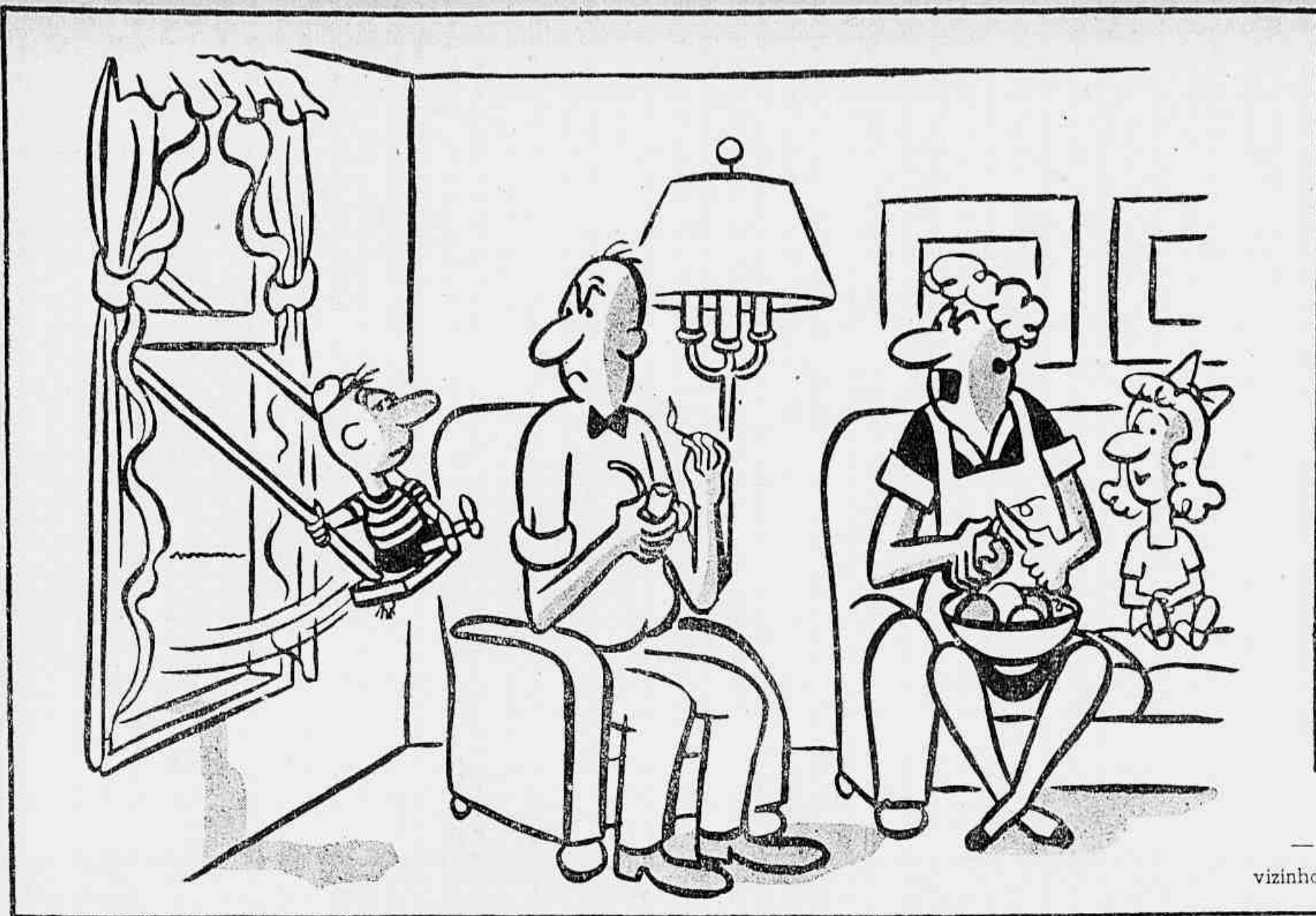
Conto de GITA DE BARROS

Folguei com isso. Os dias foram correndo... até que, um dia, dando por falta de um par de sapatos amarelos, soube que minha mulher os havia dado a Artur. O pobre rapaz estava necessitando. Os dêle estavam furados. Não gostei mas, que remédio? Aos poucos, Artur começou a dar palpites. Todos os dias, ao voltar do trabalho, encontrava, eu, em casa, uma novidade. Uma vez deparei com tudo em minha casa às avessas. Admoeitei minha mulher. Não gosto de modificações nos móveis. Chamou-me de antiquado. Artur é que entendia do assunto. Convenceu-a a trocar todos os móveis. Com um amigo, dono de uma casa de móveis, arranjará a troca com grandes descontos! Gritei, protestei, porém inutilmente. Dias após, lá estavam os móveis. Custaram-me uma fortuna. Creio que o safado do Artur embolsou uma gorda comissão. Para encurtar, doutor, até na cozinha estava ele metido! Tornou-se o verdadeiro dono da casa. Fazia o pagamento às empregadas. E minha mulher, doutor, repetia-me a todo instante: "Não sei o que faria sem o Artur. Ele entende de tudo. Que descanso!" Não vou contar-lhe os aborrecimentos que êsse moço me tem causado. Agora, doutor, vou contar-lhe o pior. Não costumo dormir cedo. Quase sempre, antes de recolher-me, fico à janela, fumando. Notei, de uns tempos para cá, uns tipos passeando defronte de minha casa. Certa vez, vi Artur aproximar-se e conversar com êles, entrando ambos, em seguida, na casa. Comentei com minha mulher, tendo ela afirmado serem colegas de Artur que vinham estudar com êle. Dessa noite em diante, fiquei à espreita. E o número de colegas aumentava. Cheguei a contar 6! Certa manhã, encontrei-me com dois que saíam. Quis interpelá-los, mas, nesse momento, Artur saiu com outro, dando-lhe tapinhas nas costas e dizendo: "Bem, até à noite, João". Dando comigo o patife perguntou se estava "madrugando" e foi dormir, pois, conforme afirmou, estava em vésperas de exame, tendo passado a noite em claro. Achei os tais estudantes mal educados, sujos, barba por fazer denotando mais serem vagabundos. Enfim... Comecei a notar que a vizinhança me olhava com ar desconfiado, evitando cumprimentar-me. Atribuí, no começo, à inveja. (Graças a Deus meus negócios vão bem e, com a guerra, tive algum lucro). Depois, comecei a receber telefonemas com indiretas: "Então, sr. José, arranjando sua vi-

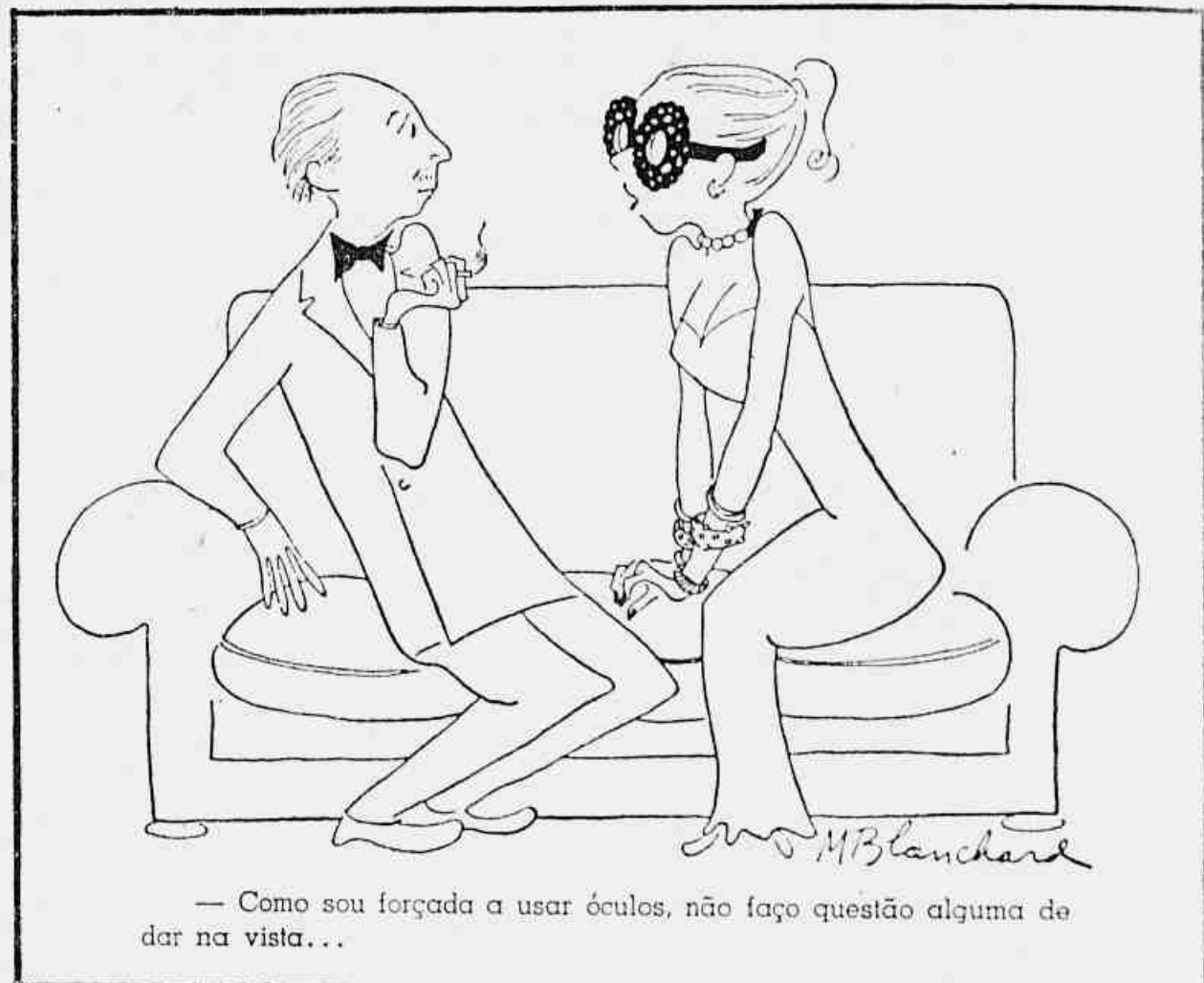
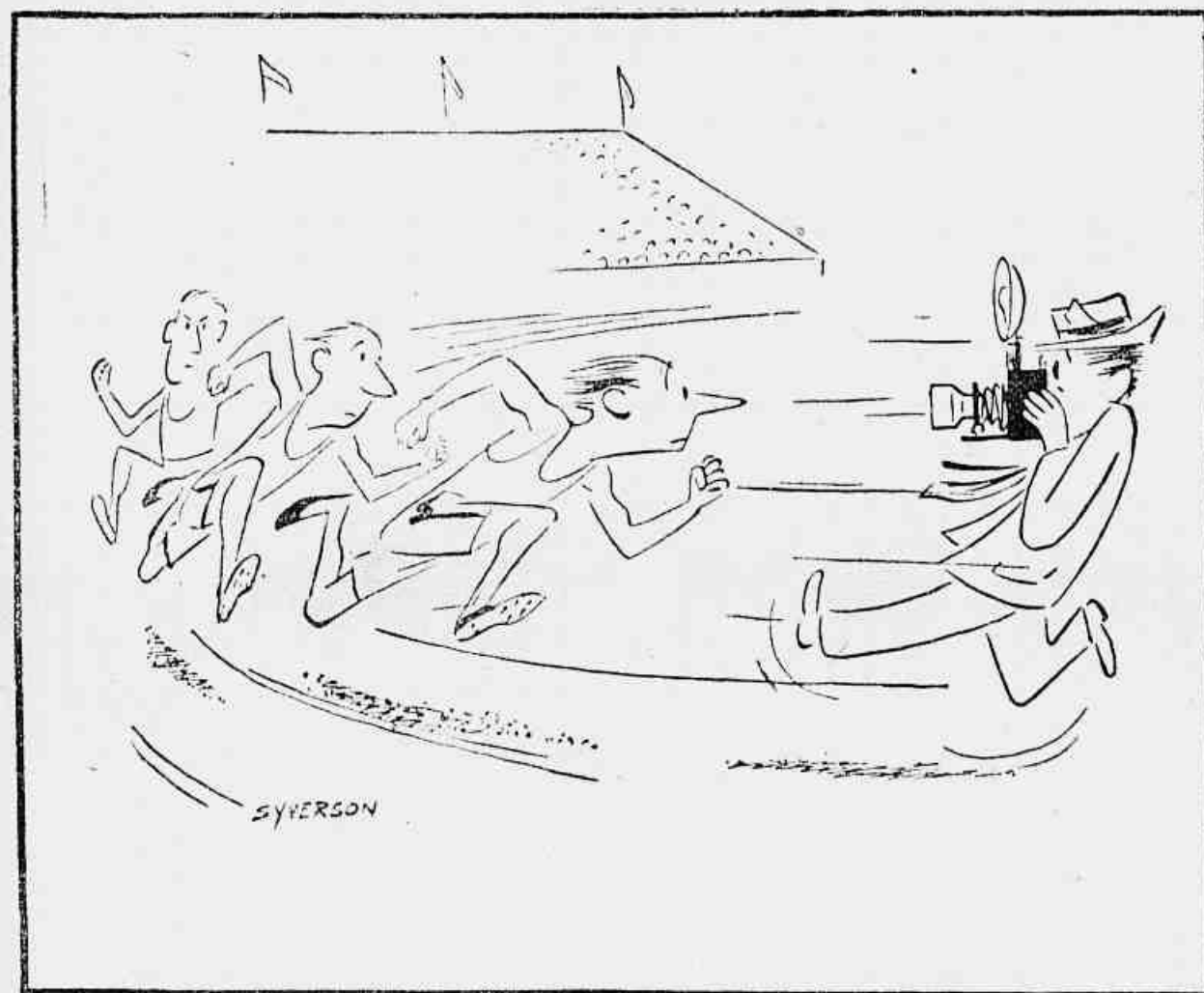
(Cont. na página 58)

Ilustração de A. PACHECO

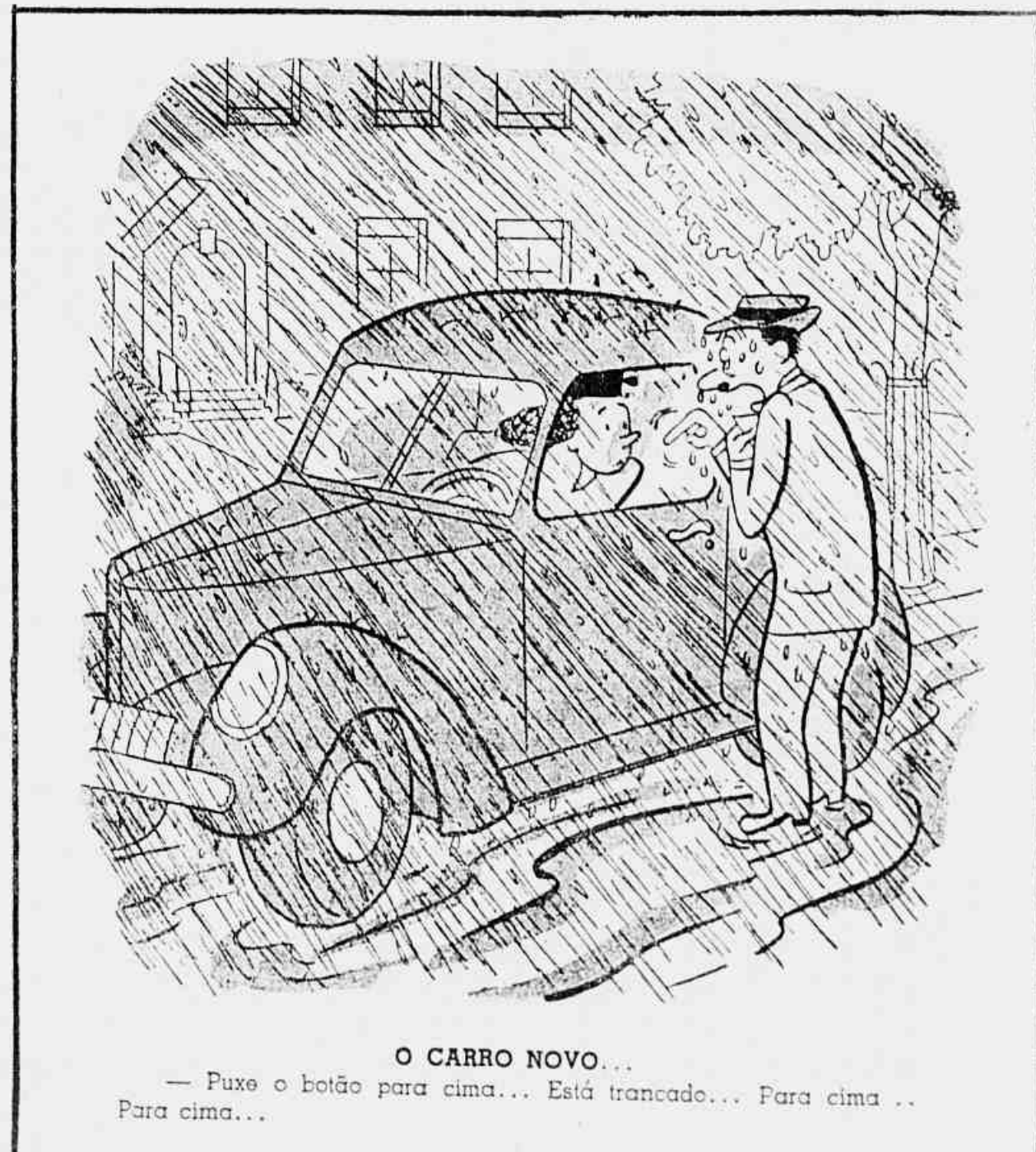




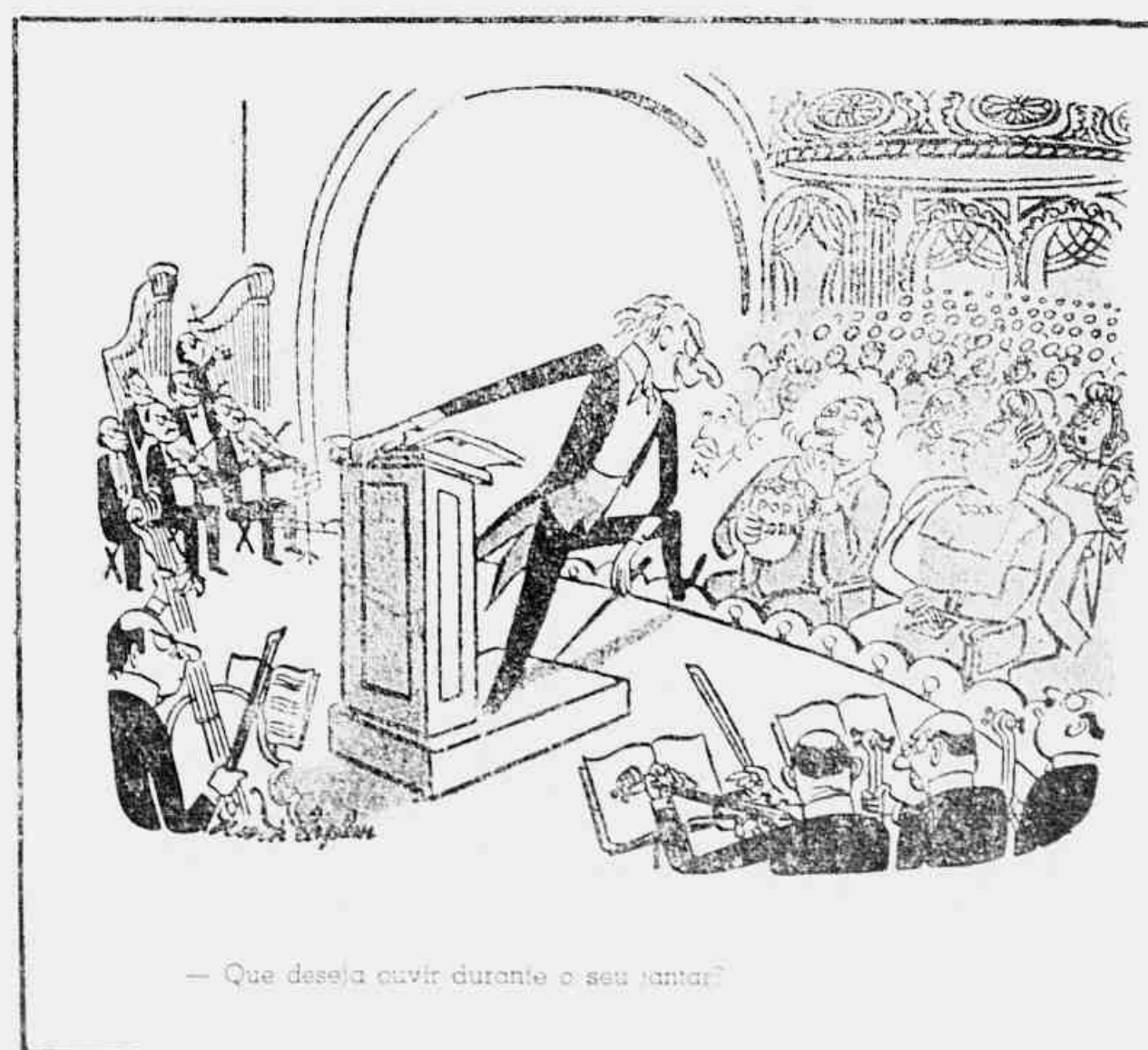
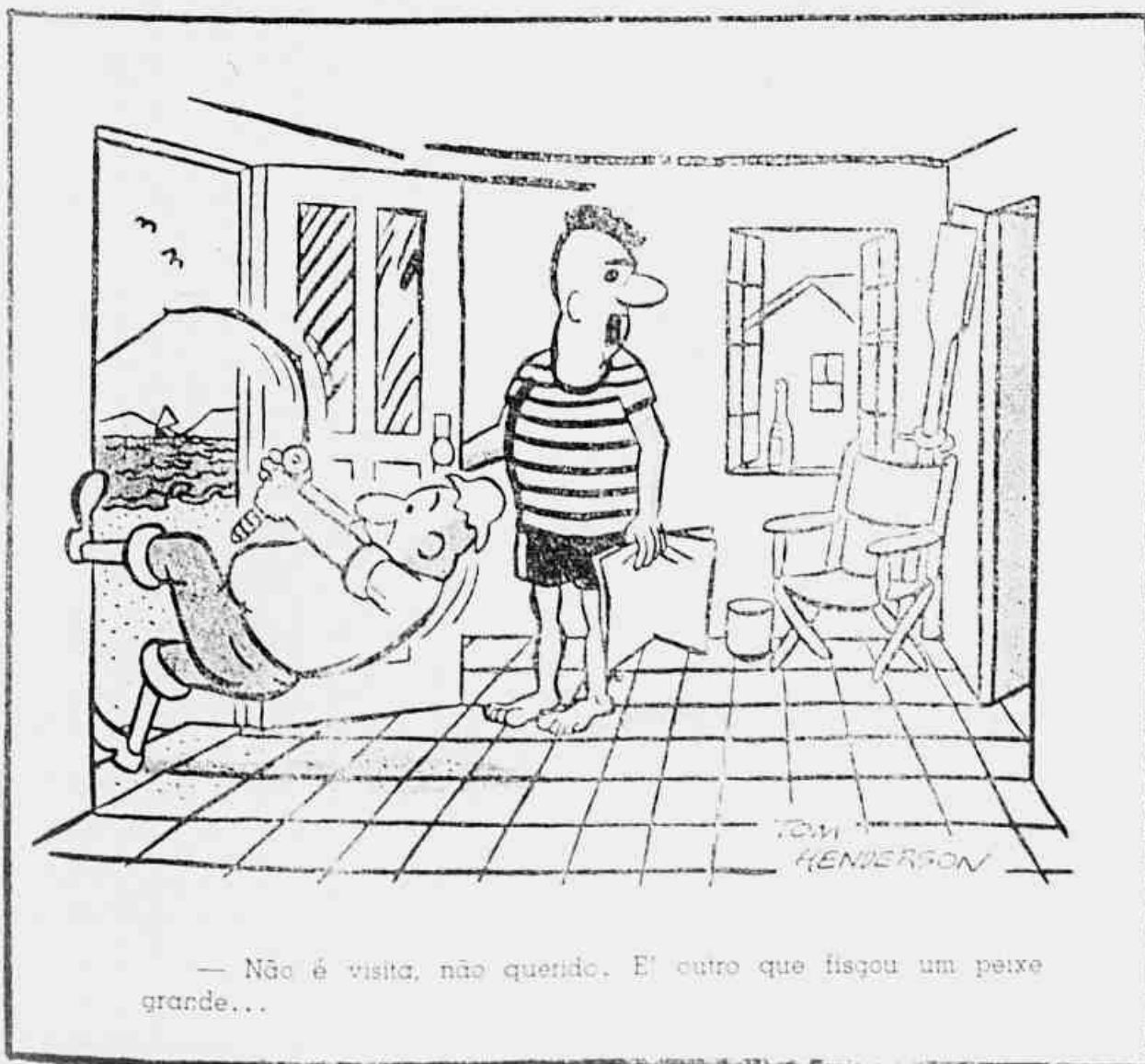
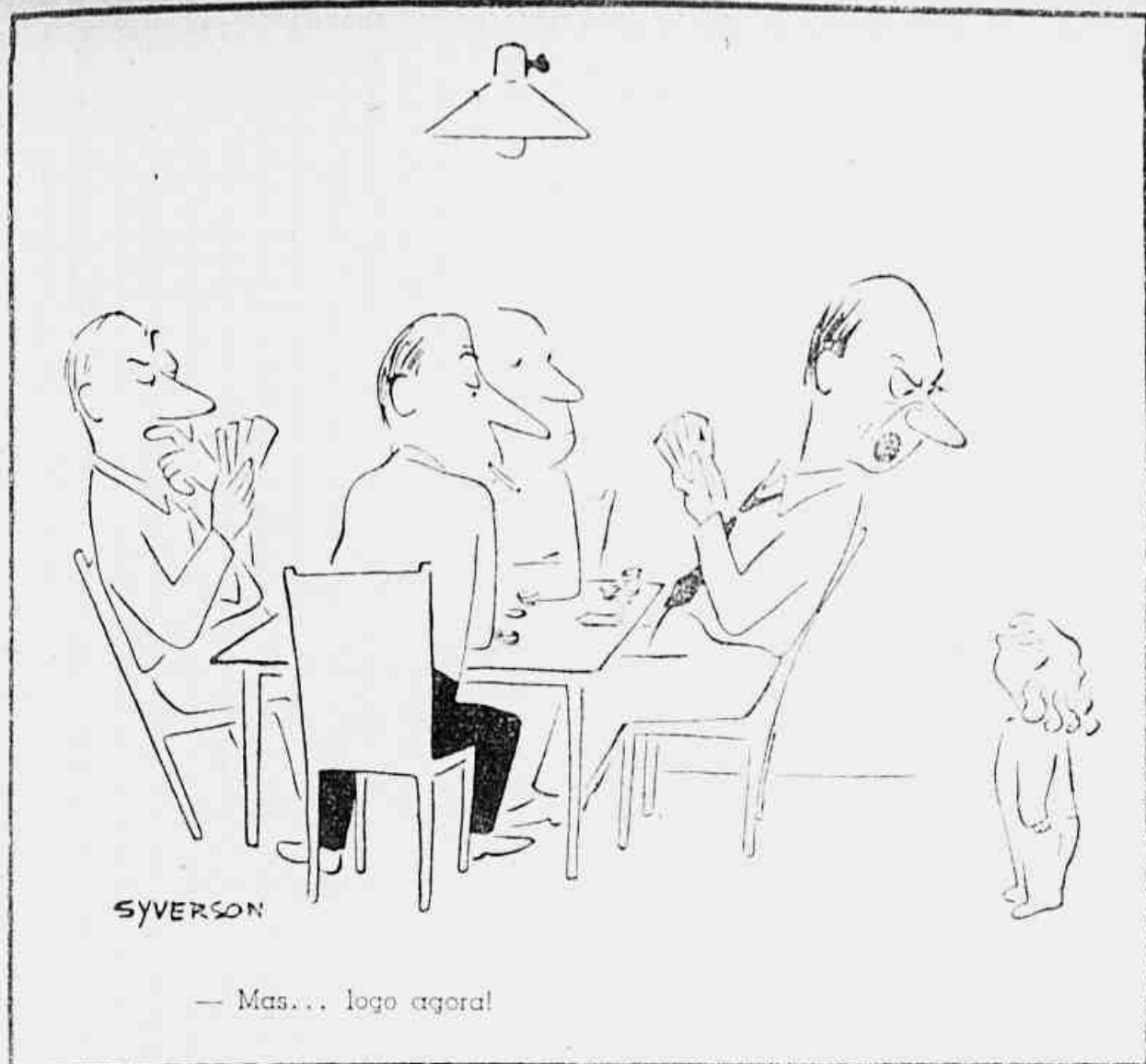
— Esse é o pequeno barulhento do nosso novo vizinho, do qual eu estava falando...



— Como sou forçada a usar óculos, não faço questão alguma de dar na vista...



O CARRO NOVO...
— Puxe o botão para cima... Está trancado... Para cima...
Para cima...





A EXPOSIÇÃO DE ORLANDO TERUZ

UM PINTOR MODERNO E EM FRANCO PROGRESSO — EXIBE NA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES SEUS TRABALHOS MAIS RECENTES

ORLANDO TERUZ é um pintor de inegável talento. Na semana passada, esse artista moderno e cuja técnica revela francos progressos de ano para ano, inaugurou uma nova exposição, na Escola Nacional de Belas Artes. Nessa exposição, Orlando Teruz mais uma vez se revela um figurista exímio. Evidentemente influenciado por outros pintores, mesmo através dessas influências, o pintor Orlando Teruz revela bom gosto e refinamento.

Prêmio de viagem à Europa e ao país, tendo exposto no Museu de Arte Moderna, em Nova York, e no Museu de La Plata, da Argentina, a seu respeito, escreveu, uma vez, o poeta Jorge de Lima, ao apresentar uma de suas exposições:

Há anos, quando o pintor Orlando Teruz fazia o meu retrato, tive tempo demais de investigar quais eram as suas tendências em arte, que caminhos queria, como encarava este problema de pintura no Brasil, naquele tempo já bem marcado por uns três ou quatro artistas de valor. Vi que o pintor tentava conseguir a perfeição técnica dos clássicos para que a pintura não fosse apenas um simples problema visual; daí fugiria do realismo ou ficaria nele

(Cont. na pág. 58)

Na página ao lado: Em cima, "Negra" e "Nú"; em baixo, "Madona" e "Mater", quatro das telas que Orlando Teruz ora exhibe na exposição inaugural na Escola Nacional de Belas Artes. (Em cima: auto-retrato de Orlando Teruz. Em baixo: "O cavalo", da coleção do sr. Francisco Ferreira.

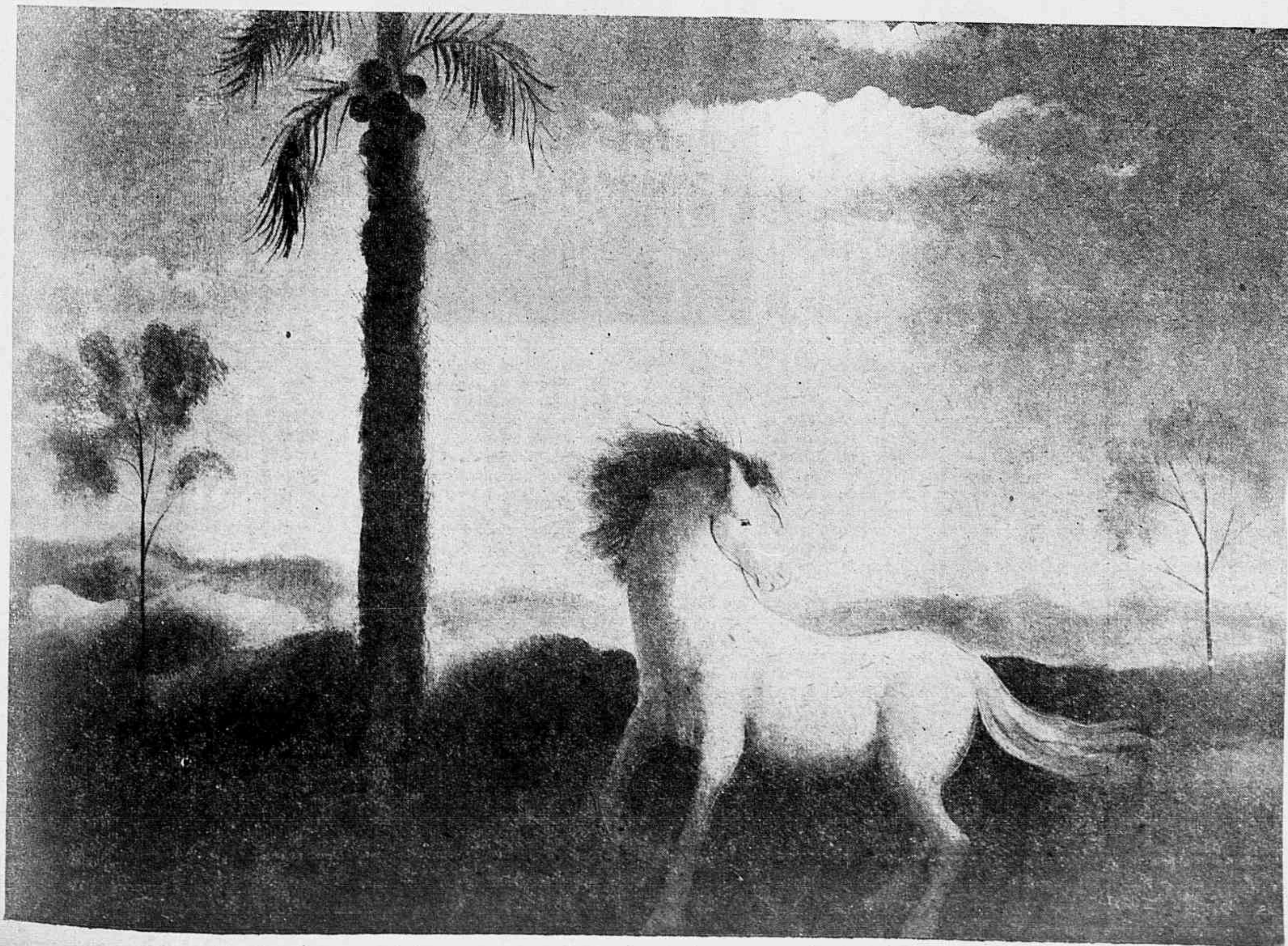




Ilustração de A. ZALUAR
Premiado no Concurso Per-
manente da "REVISTA DA
SEMANA".

O Aparício (Carvalho das Neves, seu criado — como dizia ele a toda gente) era solteiro e funcionário municipal aposentado. Reunindo essas três qualidades anti-higiênicas: celibato, burocracia e descanso compulsório, o pobre diabo vivia num quarto de pensão, a se envenenar com a bile que as circunstâncias lhe faziam brotar, exuberantemente, na glândula reguladora do humor.

Ora ficava debruçado na janela, a contemplar os transeuntes, sempre assando censuras ao que passasse diante dos olhos: a mocinha de vermelho tinha a saia curta de mais; o rapaz de cinza, porque passeava sem gravata; o auto que fazia ponto no Largo da Matriz, este bem podia passar mais devagar e buzinar menos...

Quando abandonava a janela, era para devorar, letra por letra, as infundáveis colunas do "Jornal do Comércio". Às vezes cochilava (não quero insinuar pro-

priedades soporíferas nesse tradicional diário brasileiro...) e deixava cair o calhamço, ao lado da cadeira de balanço.

Em cima do quarto de Aparício, morava um casal de velhos, muito estimados de toda gente da casa. Somente Aparício os detestava porque a velha senhora usava chinelas de couro mal curtido, dessas que gritam desatinadamente ao serem pisadas... Quando ela andava, era um "nhéqui-nhéqui" insistente que abalava os irritados nervos do velho solteiro, até à medula.

A noite, principalmente, o Aparício parecia, a mais não poder. O marido da velha estava em casa e a dedicada esposa cruzava o quarto sem parar numa solicitude comovente. E as chinelas cantavam, ora nesta ora naquela direção, azucrinando os ouvidos do Aparício, ouvidos que à arteriosclerose ainda tornara mais impertinentes.

Certa vez o Aparício teve uma idéia prometedora: poria termo ao crônico mar-

tírio. Era dia de anos da velha e correu a comprar, na loja da esquina, um par de chinelas garantidamente silenciosas. E simulando cortezias, foi bater à porta do quarto da mulher. Ao abrir a porta, a velhinha, muito sorridente, exclamou:

— Que milagre, sr. Aparício, o senhor aqui por cima! Faça o favor de entrar.

— Obrigado, minha senhora, que tenho muito a fazer ainda hoje. Tome: a liberdade de lhe trazer um presente de aniversário.

E à guisa de justificativa, lembrou o chá que ela lhe havia preparado, quando estivera de cama, uns meses antes. Cynicamente arrematou:

— Aquele chá me fez tão bem! Não podia deixar de ser reconhecido.

No íntimo, bem que desejava expandir-se, mandando às lavas aquelas barulhentas chinelas e também sua dona.

A velha se desmanchou em agradecimentos, procurando desmerecer o tão pouco que fizera ("um simples chá",

nho...") e confessando modestamente a precariedade do calçado que vinha usando.

— Graças a Deus e à sua bondade, senhor Aparício, não mais usarei aquelas poidas e incômodas chinelas. Esta noite estarei o novo par. Quem vai ficar contente com a surpresa é o meu velho.

Aparício desceu as escadas sorridente. Havia bem tempo, aqueles dentes enegrecidos de sarro, não davam o ar de sua graça. O egoísmo absorvente do casado celibatário antegozava o sossêgo que iria desfrutar nas leituras noturnas. E de novo no quarto, nem ligou quando as chinelas passeavam o "nhéqui-nhéqui", umas vezes mais. O Aparício monologou satisfeito:

— São os estertores finais. A velha está esperando que o marido chegue para calçar as novas chinelas na sua presença. Nem acredito que esta noite esteja livre!

Depois do jantar, Aparício voltou ao quarto, afim de esperar o silêncio. Refastelado na cadeira de balanço, não quis ler àquela noite. Desejava apenas analisar o quanto havia de delícias naquela beatitude, tanto tempo sonhada. E de fato, as horas passaram sem que fosse quebrado o silêncio.

Era quase meia-noite, quando começou a barulheira... mas não de chinelas ringindo. Gente que subia e descia apressadamente a carcomida escada de madeira. Vozes, gritos e do lado da rua a sireia da ambulância veio fazer cócegas, parando bem defronte à pensão. Apesar da hora avançada, muita gente curiosa se plantou debaixo da janela e ao lado da porta, na ânsia de ver sair a vítima.

Com toda a sua indiferença pela vida do próximo, Aparício não deixou de fr

(Cont. na pág. 48)

AS CHINELAS RINGIDEIRAS

Conto de
SAULO BARBOSA

DESDE Junho de 1799 era regida a capitania do Grão Pará e Rio Negro por D. Francisco de Sousa Coutinho, capitão de fragata. Em 1803, tinha substituído D. Marcos de Noronha e Brito, conde dos Arcos, capitão de cavalaria.

No Senado da Câmara de Belém, em fins de Setembro de 1803, das mãos do antecessor recebia o substituto o bastão de capitão general do Pará para exercer o governo da capitania de área equivalente à reunião dos territórios da França, da Espanha e de Portugal.

A simbólica entrega de bastão de capitão general a capitão general realizava-se em ato público e solene. Segundo Monteiro Baena, o grande cronista paraense, se bem que português, dirigindo-se ao conde dos Arcos D. Francisco Coutinho, confluía materialmente ao sucessor o bastão de governador, dizendo "que o passava a ser empunhado por melhor mão, tendo-o respeitado e feito respeitar" quem entregava o bastão.

Respondeu o conde dos Arcos: "recebo o símbolo do mando com o firme propósito de promover e assegurar a felicidade dos Povos Paraenses segundo as Soberanas determinações de Sua Alteza Real tão solícito neste objecto que, até ao ato da minha despedida, em audiência pública, não cessou de o recomendar." A linguagem da época mostrava peso e decore.

Na história do Brasil, o governador do Pará de 1803 figura como administrador e ministro de Estado. Seja o conde dos Arcos, mais ineditamente, apresentado aqui como fidalgo estético.

Por Monteiro Baena, de preciosas crônicas, e por laborioso e fecundo escritor do Pará, Jorge Hurley, é mostrado o conde dos Arcos como homem de bom gosto e cultivado espírito, amigo de ciências naturais tão aprofundadoras da Onipotência Divina nas Maravilhas da criação.

Quase no tempo do aportar do conde governador, chegava a Belém, conforme Hurley, o naturalista Sieber, ajudante do conde Hoffmannsegg, autorizado pelo Príncipe Regente D. João a coleccionar plantas para si mesmo e para provelto dos museus de história natural das Universidades de Berlim e Upsal, igualmente recolhendo pássaros, a bem do conhecimento da ornitologia brasileira.

Têm sido descritas em cópia as figuras das mestiças e negras balanas, encarecida, a sua graça cupidínea, mostrando os seus trajes pitorescos originalmente alvos e singelos, louvados os seus adornos de cunho africano.

Enlevou-se o conde dos Arcos, há mais de século, com o vestuário das mamelucas e pardas do Pará. Para lhes deixar memória, o governador chamou a retratá-las o pintor Antonio Leonardo, vindo de Lisboa, destinados os retratos a mostrar à corte bragantina tipos femininos da classe popular do Pará.

Consoante Baena, o conde dos Arcos, para sobressaimento de retratos, auxiliou Leonardo na concepção de pinturas, apresentando três mulheres do povo. A primeira, disse Baena, "junto de pavilhão natural não longe, um rio ao pé de montanha com broncos matos dos quais cabião regatos reunidos em cascatas."

A segunda figura de mulher "ficou ao pé do banco de verdura guarnecido de flores, ao lado de barraca de roça, no meio da velga trilhada pelo serpear de um tgarapê debruçado de uma floresta".

A terceira cabocla foi pintada "diante de um cafuz, mercador mestiço a vender assaí".

Monteiro Baena fixou o traje das retratadas por Leonardo; sala de cassa delgada, de seda nos dias de maior luxo, camisa de toral de pano, mais a sombrear que a cobrir quanto o còlo encerra, entre finas rendas de contorno à gota.

O CONDE DOS ARCOS NO PARÁ

ESCRAGNOLLE DORIA

Ainda Baena: Estas roupas são quasi uma clara nuvem que ondeantes inculcam os moldes do corpo (tão fecundo quanto a terra paraense). Botões de ouro ajustão o punho das mangas da camisa; pendem do collo sobre o peito cordoens, collares, rozarios e bentinhos do mesmo metal". A madeixa (o cabelo) he embebida em baurilha e outras plantas odóras (umiri, pripioca, raspas de macaca-poranga) madeixa entretecida nos grandes dentes de um pente de tartaruga em forma de teliha com a parte convexa toda coberta com uma lamina de prata lavrada, sob cuja circunferência oscillão melas luas, ligas e outros dicheis (balangandans) de igual preciosidade à da lamina: A testa, pela raiz do cabelo, é circundada por um festão de jasmims, malmequeres encarnados e rosas mogarins (bugarins). Neste guapo alinhado, e descalças, realçam estas mulheres seus attractivos naturais, conquistão vontades entranhando n'alma meiga illusão, que o repouso quebra".

Não se podem queixar as Evas populares do Pará de outrora de não haverem sido louvadas.

Consigna Jorge Hurley, que a remessa dos retratos de Leonardo a Lisboa era seguida por impressão do conde dos Arcos embevecido pela terra paraense.

Dizia o governador: "a capitania do Pará he a mais extensa de todas as possessões da Coroa Portuguesa na América Meridional, que possuindo terras ufanas de sua fecundez he um dos países mais deliciosos do mundo, e que apesar de estar situado no centro das calmas equatoriais, respira-se comtudo um ar temperado que parece haver uma primavera perennal".

No Pará, entre cuidados de administração, o conde

D. Marcos de Noronha e Brito, conde dos Arcos, no seu uniforme de gala de oficial de cavalaria do Exército Português.



dos Arcos tratou de indumentaria para seus governados. Assinala Huxley o peido feito por D. Marcos para Lisboa, na solicitação de manequins, "bonecas, moldes de vestidos de Mulher", com o fim de pôr os paraenses em traje à européia. Segundo Baena, a reforma devia operar-se também na moda masculina, proscritas as casacas de chita ou de seda.

A reforma da indumentaria de ambos os sexos no Pará, no século 19, lembra, no entanto, a Rússia, onde Pedro o Grande impôs vestuário, como o czar não impondo o conde dos Arcos modo de cortar cabelo e fazer barba.

Quatro anos o conde dos Arcos governou o Pará, ao qual anteriormente prestara bons serviços D. Francisco de Sousa Coutinho, o instituido das festas do Cirio, em honra de N. S. de Nazaré, festa que de 1793 até hoje põe Belém a borborinhos de multidão.

Cercando-se de auxiliares de valor, o que é pedra de toque para um administrador, o conde dos Arcos dedicou-se ao bem público no serviço de Sua Alteza o Príncipe Regente D. João fazendo vezes de sua mãe, D. Maria I, na cruciante missão de governar.

O poder discrecional dos vice-reis e dos capitães generais na America Portuguesa só encontrava, em último grau de recurso, a justiça do soberano sobreposta à dos órgãos da magistratura reinól. De permelo a recursos ficavam o Atlantico e o vagar das sentenças.

Governando o Pará, o conde dos Arcos não deu a povos motivos de queixas à corôa, nem trabalho aos togados.

Entre os serviços prestados a Belém pelo conde dos Arcos se registrou o do inicio da dessecção de vasto pantanal conhecido por Pirí. Em ponto desmarcado, o conde dos Arcos empreendeu na capital do Pará obra realizada em ponto pequeno por Luis de Vasconcelos ao substituir na capital do vice-reinado do Brasil a lagêa do Boqueirão pelo Passelo Público.

São de notar o interesse, o apreço de muitos governadores alienigenas pelo aborigene nosso, Nassau podendo servir de exemplo mais vistoso.

Também o conde dos Arcos, no Pará, acolheu selvícolas com benignidade e correspondencia de obsequios.

Assim foi ao chegar a Belém, em embaxada, dois chefes mundurucús com séquito de alguns de sua tribu.

O governador diligenciou para hospedagem dos indios, mandando construir sem tardar uma casa de palha, junto do próprio palacio de sua residência.

Da própria cozinha do palácio recebiam os indios alimentação diária. Os dois chefes indigenas sentavam-se à mea do conde dos Arcos, ao lado deste ambos os hospedes e convivas singulares.

Era observada a preocupação dos dois chefes indios de imitar o modo de comer dos comensais civilizados, "manifestando os selvícolas notavel aptidão em copiar o uso de talher e copo".

Quem não tenha lido a carta de Pero Vaz de Caminha relatando ao rei D. Manuel as cenas dos últimos dias de abril e dos primeiros de Maio de 1500 lance os olhos sobre o grande e largo quadro de Victor Meirelles — A Primeira Missa no Brasil.

Próximos do altar onde frei Henrique de Coimbra celebra verá indios em grupo acompanhando o santo sacrificio na attitude do respeito imitando a dos cristãos portugueses.

Seculos depois, à mesa do conde dos Arcos, no Pará, os chefes e embaxadores mundurucús tinham vista sobre os demais convivas para lhes imitar o modo de comer e beber.

Em breve o dono da casa deixaria o Pará, do governo deste transferido para governo superno, o do vice-reinado do Brasil, no Rio de Janeiro, no exercicio do cargo a extinguir-se, recebendo na cidade o Príncipe Regente em 1808.

Ministro da Marinha e Ultramar, a serviço de D. João V, ministro do Reino e Estrangeiros na regencia de D. Pedro prestes a Imperador, o conde dos Arcos tornou a Portugal de onde ausente tanto tempo.

Não há ninguém sem saudades. Tivesse-as do Pará o conde dos Arcos, lá estavam na sua Lisboa os quadros de Antonio Leonardo, representando três singelas, mas faceiras nativas de Belém.



A VIDA DE BRAHMS

(1833-1897)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

OS fados escolhem, não raro, incôngruos sítios de nascimento e pais estranho para o gênio. Johannes Brahms nasceu no bairro pobre de Hamburgo. O pai era tocador de trompa na banda de música da Guarda Nacional de Hamburgo. Chamava-se Johann Jakob Brahms, vivia de bom humor e gostava de dançar e de beber. A mãe, dezessete anos mais velha que o marido, pôsto coxeasse, tinha dedos hábeis em trabalhos de agulha e cozinha. Solteirona de quarenta e um anos acoltava em sua casa, como hóspede, o jovem músico e persuadiu-o a casar-se com ela, no espaço de uma semana, valendo-se dos feitiços da sua magia culinária. Como diria William S. Gilbert, a razão do nascimento de Johannes Brahms foi um pudim bem assado no forno.

Frau Christian Brahms conservava satisfeito o irrequieto marido com os seus pastéis de frutas e deu-lhe dois filhos. Durante as primeiras três décadas de sua vida de casados houve entre eles pouca desarmonia, e as crian-

ças cresceram rodeadas de belezas morais, a despeito de todo o mau cheiro do bairro. Os pais eram artistas da boa vida. Tinham pássaros canoros na sua pobre habitação e cantos de pura alegria nos corações. Por ocasião dos aniversários faziam longos e vigorosos brindes — vinho para o pai e gemadas para a mãe e para os filhos. Muitos anos depois, Johannes, que ainda gostava das gemadas, deu a um amigo a velha receita materna — com um acréscimo seu: doze ovos, quatro limões, uma libra de açúcar e uma garrafa de rum.

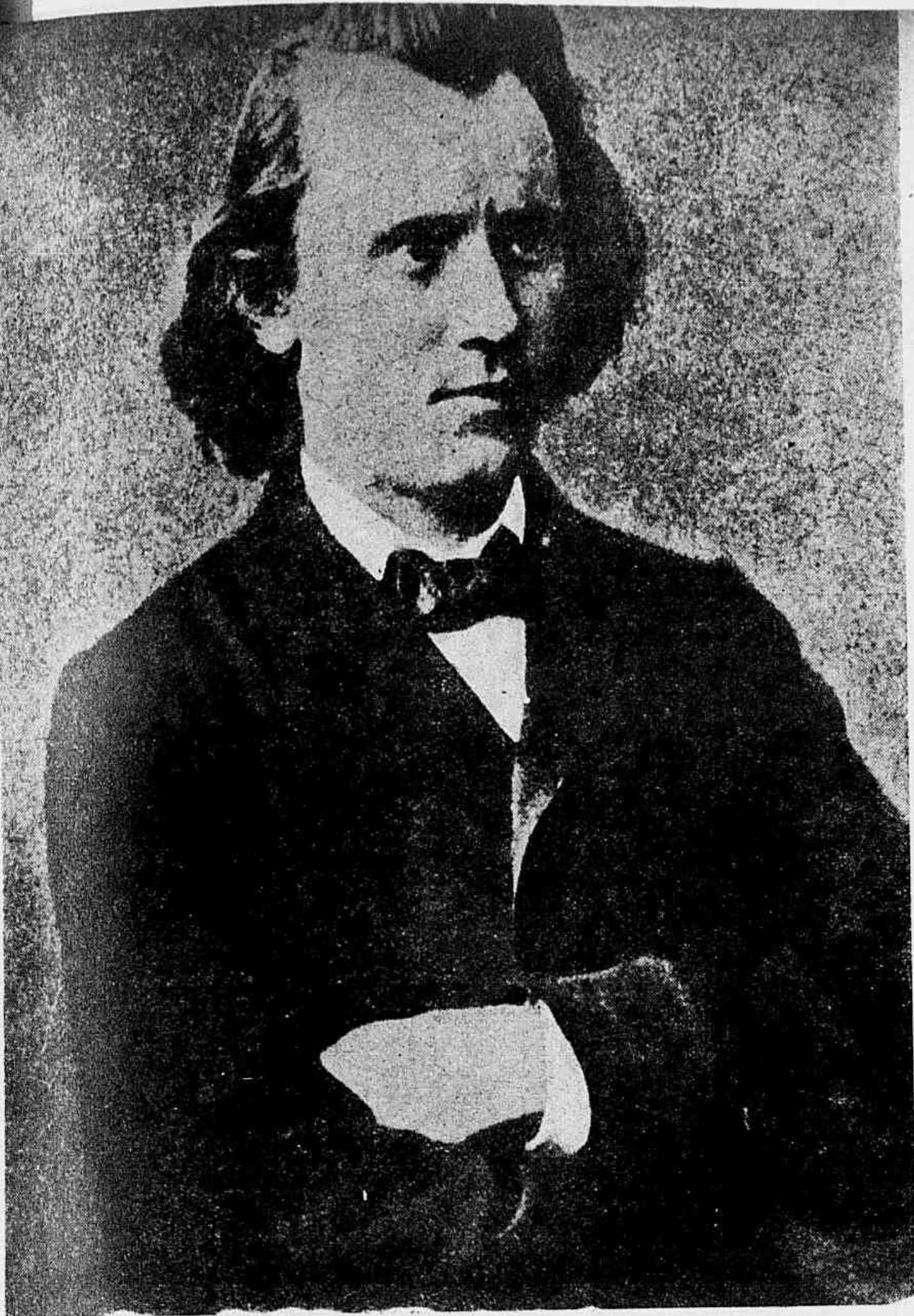
A história misteriosa do impulso humano para a expressão divina principiou, no caso de Johannes, em idade precoce.

Um belo dia, o pai ficou pasmado ao verificar que o filho possuía o diapasão absoluto. Visões imediatas de um grande futuro musical para o menino! Johannes seria ainda "um executante maior que o próprio pai". E seria festivamente aceito pela Filarmônica de Hamburgo.

Johannes principiou a estudar piano e

Ao alto: à esquerda: Coricatura de Brahms feita pelo Dr. Bohler: O compositor, de charuto na boca, dirige-se, airoso e satisfeito, à sua taberna favorita, o "Ouriço Vermelho". Em baixo, à esquerda: "A Casa do Lago". No Castelo Portschat, Austria, situado nas proximidades do Lago Werther, e cercado de paisagens magestosas, foi que Brahms compôs, durante suas férias, muitas de suas peças. À direita: A última morada do famoso compositor, no Cemitério Central de Viena. Johannes Brahms faleceu a 3 de Abril de 1897.





A esquerda: Retrato de Brahms aos vinte anos. À direita: Johannes Brahms aos quarenta anos.

foi logo saudado como uma espécie de criança prodígio. Um empresário ofereceu-se para fazer com ele uma excursão artística à América e ganhar, assim, uma fortuna para os pais assombrados. Os amigos sensatos, entretanto, dissuadiram o impetuoso Jakob e sua mulher de se afoitarem naquele atalho para o El Dorado. Johannes continuou com os seus professores em Hamburgo, que, aliás, se lhe ajustavam admiravelmente ao talento, pois não só lhe deram o domínio absoluto sobre o piano senão também desenvolveram nele um controle seguro das dificuldades do ritmo, uma facilidade para tocar variações sobre um tema musical e um verdadeiro amor às canções populares alemãs.

Mas foi também educado em assuntos mais prosaicos. Tendo conseguido emprego como pianista de bar, conhecia o interior de todas as tascas do distrito. Passava em pé a noite inteira. Os proprietários estimulavam-no com bebidas afim de conservá-lo acordado ao piano. As "damas profissionais" faziam-no sentar no colo e excitavam-lhe as paixões. Dir-se-ia que a sua alma delicada viria a sufocar-se naquele ambiente. Parecia estar ali um poeta destinado a levar vida de vagabundo. Ele, porém, desafiou o destino. O seu natural instinto pela beleza contrapunha-se ao ambiente, numa guerra da alma contra a fealdade, que durou dos treze aos dezenove anos. Guerra sem quartel e, durante algum tempo, sem decisão. Aos vinte anos, ele era um vagabundo prendado. E depois, improvisamente, no espaço de uns poucos meses, penetrou as regiões do gênio reconhecido.

II

Em 1853 Johannes Brahms era um escritor desconhecido de canções mercenárias, como o irmão mais velho, Fritz. Os dois filhos de Jakob Brahms haviam herdado, evidentemente, um pouco de música do talento fracionário do pai. E, enquanto algo acontecia a Johannes, fazendo dele o "autêntico" Brahms, seu irmão Fritz continuou até o fim da vida um autor mercenário.

que lhe valeu ser conhecido como o "outro" Brahms. Johannes chamou a atenção de um violinista popular que o convidou a fazer com ele uma excursão de arte, como acompanhador. Desejoso de fugir ao seu ambiente, Brahms, alegre, aceitou. A viagem levou-os a Hanover, onde conheceram o jovem virtuoso Joseph Joachim. Havia cinco anos que Brahms o ouvira tocar o concerto para violino de Beethoven, e essa ocasião fôra um dos marcos da sua carreira espiritual. Johannes abriu ao outro o coração e tocou para ele algumas das suas próprias composições para piano. Nenhuma outra pessoa que ele conhecesse até aquele momento lograria inspirá-lo a tocar aquelas pe-

ças com tão verdadeiro sentimento. Joachim ouviu a música e reconheceu, incontinenti, estar em presença do gênio. Lá estavam ritmos originais, formas sólidas, melodias frescas, paizão não tocada pelo cinismo da maturidade. Não era apenas o piano que soava. Toda uma orquestra falava através dos tons. E Joachim era apenas alguns anos mais velho do que Brahms — suficientemente jovem ainda para emocionar-se diante da súbita proximidade de uma alma semelhante à sua.

Joachim implorou a Brahms que visitasse seu amigo Robert Schumann e lhe mostrasse os seus trabalhos, pois Schumann era o mestre reverenciado da escola romântica e uma palavra sua

poderia ser, para o moço, de grande auxílio. Brahms, ao princípio, hesitou. Já havia mandado a Schumann algumas das suas obras e o mestre lhas devolvera sem lê-las, sequer. Joachim, porém, insistiu. E quando, no decurso de sua excursão como acompanhador, Brahms chegou à Renânia, parou em Düsseldorf e dirigiu-se tranquilamente à casa de Schumann. Lá não encontrou um velho excêntrico e pomposo, senão um sujeito amigável na plenitude da vida e do vigor mental, cercado de uma família que o adorava. O jovem sentou-se e tocou algumas notas. Schumann interrompeu-o. "Clara precisa ouvir isso", disse ele, e chamou, imediatamente, a esposa. A medida que Brahms tocava, as lágrimas assaltavam os olhos do mestre. Ouvia as sonhadoras melodias da Sonata em F# sustenido menor, as ternas variações do velho Minnelied alemão, aquela inspiração de "maestria não premeditada", que ele, Schumann, até os quarenta e quatro anos, não conseguira ainda obter. E à medida que ouvia o seu próprio espírito generoso atirava-se com um vigoroso soluço e um protesto de reconhecimento para esse moço de vinte anos que lá chegara, vindo do bairro pobre de Hamburgo. Robert Schumann compreendeu, a partir desse dia, que a sua arte não terminaria bruscamente, pois lá estava Johannes Brahms pronto para transportá-la a regiões de cumes mais vertiginosos e de beleza mais duradoura. Apresentou Brahms aos melhores círculos musicais e deu-lhe um lugar permanente à sua mesa e em seu coração. Viu-se o rapaz adorado pelos Schumann e pelos amigos destes. Aquilo era um desafio ao seu gênio. Que outra coisa poderia ele fazer senão escrever música e mais música para aquele mestre e sua esposa que o haviam recebido em sua intimidade? Dedicou as suas composições a Robert Schumann e apaixonou-se perdidamente por Clara Schumann.

Clara Schumann era uma mulher nobre, bela e prendada na idade em que as mulheres são mais capazes de influir nas almas de jovens suscetíveis. E

O cinquentenário da morte de Brahms

APESAR da fama que o cercava, o mundo musical deixou passar quase inteiramente despercebido o cinquentenário da maior figura da música desde o desaparecimento de Beethoven. Tão grande era essa figura que se pode dizer que, com ela, morreu o espírito da música clássica. Johannes Brahms, cuja primeira sinfonia, devido à sua similaridade com o estilo poderoso do grande mestre, nasceu em Hamburgo a 7 de maio de 1833 e morreu no ano de 1897, a 3 de abril. Seu pai, era um músico, tocando contrabaixo na orquestra de um teatro de Hamburgo. Faz dele que o jovem Johannes recebeu o primeiro incentivo. Dedicando-se inteiramente à música, sua primeira ocupação foi servir como acompanhador de um violinista húngaro. Apresentações a Liszt e a Schumann muito o auxiliaram escrevendo o último, no "Neue Berliner", um artigo no qual predizia o grande futuro do jovem artista. Depois de um concerto em 1853, uma firma de Leipzig iniciou a publicação de suas composições. Trabalhando e excursionando com várias orquestras, Brahms tinha 40 anos quando se radicou em Viena. Depois de 1878, só muito raramente se afastou da capital austríaca. Convidado a receber um diploma de "doutor em música" pela Universidade de Cambridge, recusou-se a ir recebê-lo muito embora em 1881 tenha aceito o título de "doutor em filosofia", que lhe foi dado pela Universidade de Breslau. Em 1886, foi criado cavaleiro da Ordem do Mérito da Prússia e apresentado com a liberdade de sua cidade natal, então constituída em "Cidade Livre de Hamburgo". Suas maiores obras são quatro sinfonias (em dó menor, ré maior, lá maior e mi menor), dois concertos para piano (em ré menor e si bemol menor), um concerto para violino, violoncelo e orquestra, uma rapsódia para voz e orquestra, além de suas famosas "Canções Ciganas", vários quartetos, quintetos, sextetos, sonatas e valsas. — **NOTA DA KEYSTONE.**



Brahms viveu nesta casa e fê-la famosa. Está situada em Portschach, perto do Lago Wörther. Enquanto esteve na Áustria, Brahms viveu aqui, passando as suas férias no Castelo Portschach.

Brahms era extremamente suscetível. Lá estava, pois, uma "concordância de diacórdia" bastante para deixar perplexo o coração de qualquer músico. Clara Schumann tinha idade suficiente para ser mãe dele. Era mulher de um grande homem que o ajudara. E, como se o diabo quisesse meter o bedelho na história, Schumann foi acometido de uma enfermidade nervosa e internado num hospício, do qual nunca mais saiu vivo. O grande espírito, curvado debaixo do peso do gênio e da decepção, nunca pôde, senão em raros intervalos, encontrar o caminho que o fizesse sair do nevoeiro. E agora cometera ao moço que ele amava não só a sua música como ainda o lar, os filhos, a esposa. Brahms entrou em luta tremenda consigo mesmo. Essa gente, Frau e Robert Schumann, eram seus ídolos. Era mister que ele fizesse todo o possível para abrandar-lhes o peso da tragédia. Fôra o seu talento que, certa vez o consagrara a Schumann, e era agora o seu talento que arrancava ao desespero a esposa de Schumann, pois nos momentos em que o sofrimento de Clara se tornava demasiado pungente, ele assentava-se ao piano e transmitia-lhe a mensagem vital da música que, para ela, era a vida. "Estou descobrindo um sentido de beleza, não acha?" perguntou-lhe ele, um belo dia. "Quando a gente vê uma mulher bonita durante muito tempo, uma mulher que é, ao mesmo passo, graciosa, terna e pura, não pode deixar de sentir-se inspirado diante do espetáculo".

Schumann arrastou-se em seu cemitério mental durante dois anos. De longe em longe, voltava-lhe ao espírito a idéia da esposa e da ventura passada. Na maior parte do tempo, no entanto, não dava por coisa alguma. Certa vez, quando Brahms foi visitá-lo, Robert reconheceu-o e juntos falaram da sua música e do seu mútuo amor à família de Schumann. E o jovem, cheio de tristeza diante das ruínas do que fôra, outrora, seu amigo, sentiu que lhe passava pela cabeça amarga e tempestuosa torrente de melodia.

Brahms orçava agora pelos vinte e um anos mas já vivera uma existência inteira. Nos longos passeios que dava com Clara Schumann pelas margens do Reno, dizia-lhe da sua paixão e ela, a ouvi-lo, compreendia-o, entesourando o gênio, a devoção e a mocidade dele. E como ela sabia compreender a mocidade! Era mãe de seis filhos e estava esperando outro. Aos olhos do jovem Johannes convertera-se numa deusa que lhe ensinava, todos os dias, a extasiar-se diante da natureza do verdadeiro amor e que lhe mostrava, a todos os momentos, a beleza da abnegação. Ele chamava-a "minha querida mãe". Era preciso que ela lhe perdoasse a puerilidade e o desejo de entregar-se sem reservas.

Os dois anos terríveis tinham-se passado. Schumann se fôra. Os ecos da sua música, porém, continuavam a ser nos ouvidos de Brahms, tempestuosos como o oceano ao espatifar-se contra um rochedo, minando-lhe os próprios alicerces da determinação. A mulher que ele amava agora estava livre. Brahms escreveu um poema sobre o mar. Os elementos da sua paixão precipitaram-se num ímpeto vesano.

Depois, de repente, tudo se aquietou. Johannes encontrara a paz. Empregara uma vontade férrea para ter mão nas próprias emoções. Não se casaria com aquela viúva. Nunca se casaria, em sua longa existência, com quem quer que fosse. Terminada a luta, dela emergira Brahms com um leit motiv que dominaria o tema da sua música e da sua vida. O Décimo Primeiro Mandamento: Subjuga a tua paixão. "A paixão não é natural na humanidade; é sempre uma exceção, uma excrescência". Há de aquietar-se depressa ou ser eliminada. "Sê calmo na alegria; sê calmo na aflição". Sê um velho filósofo grego envergando a personalidade de um músico do século XIX. Um tranqüilo Aristóteles imperturbável.

III

Brahms apartou-se de Clara. Dizem alguns que ela fôra sua amante e que ele se fartara dela. Acreditam outros que ele era o pai do último filho de Clara. Brahms fez questão de não projetar luz de espécie alguma sobre o assunto. Vários anos depois, chegado ao ápice da sua fama, pediu a Clara que devolvesse as cartas que lhe escrevera nos dois anos que se seguiram à morte de Schumann, e destruiu-as. Nunca mais, em nenhuma das suas cartas subsequentes, tornou a falar-lhe do seu amor. Continuaram amigos íntimos e ternos e silenciosos guardiães das suas recordações. E Brahms erigiu um monumento musical a esse episódio de seu ardor juvenil — um tempestuoso concerto para piano em Ré menor.

Apesar de haver renunciado ao cativado da paixão, saboreava ainda a liberdade de uma aventura ocasional de amor, vigilando, cuidadoso, o próprio coração. O primeiro desses românticos episódios ocorreu com Agathe von Siebold, filha de um professor da Universidade de Göttingen. Os dois namorados passeavam pelos campos e faziam serenatas um para o outro encastelados nos galhos das árvores. Agathe possuía olhos escuros e sensuais e cabelos negros e macios. "Como é delicioso passar os dedos por estes cabelos!" disse-lhe ele. Brahms escreveu um sexteto para cordas em que o primeiro e o segundo violinos lhe dizem repetidamente o nome ao tocar as notas A-G-A-D-C-E (1). A sua afeição a ela, contudo, foi apenas uma passageira fantasia. "Eu a amo", escreveu-lhe ele após a separação, "mas não poderei usar os grilhões do casamento".

Brahms tinha o temperamento de um celibatário. Sê calmo na paixão. Elimina-a! Toda vez que chegava a ponto de perder o coração, adicionava-se uma nova passagem imortal ao rol das suas músicas. Os psicólogos modernos chama-

rão a isto sublimação. Brahms chamava-lhe a tradução da emoção em canto.

Era agora um músico afamado. Figurava entre as suas obrigações — ou melhor, prazeres — a de dirigir um coro feminino em Hamburgo. Dias deliciosos! A maioria dos ensaios, no verão, eram feitos portas afora. E debaixo dos céus muito suaves, as damas apaixonavam-se por ele. Uma das jovens senhoras que ele conheceu, nessa ocasião, era uma moça de Viena, dotada de uma voz de ouro, que o enfeitou com as suas canções populares austríacas. Ela era muito mais fascinante do que as mulheres reservadas do norte da Alemanha, pois vinha de uma terra de romance e de alegria. Substituída, logo, outra visitante encantadora, uma jovem que cantava na Casa da Ópera de Viena. Se de Viena chegavam mulheres assim, que restava ao jovem Johannes para fazer — senão ir pessoalmente para lá?

Em 1862 visitou a cidade imperial, onde começou a divertir-se com os membros da Irmandade musical. Havia, em Viena, estudiosos que gostavam de misturar um pouco de bebida aos estudos e epicuristas que se agradavam de algum estudo entre as bebidas. Brahms, que folgava de passar bem, pôsto que adepto da áurea mediania, encontrou-se numa sociedade ideal. E, fôra inútil dizê-lo, a cidade andava cheia de mulheres bonitas. Johannes voltou a apaixonar-se — e ela, também, tinha uma voz encantadora. Chamava-se Ottilie Hauer e inspirou-lhe uma das suas mais belas canções. Ela também seguiu o seu caminho, casou-se e nanteve depois, durante toda a sua vida, relações de amizade com ele. Brahms possuía a feliz faculdade de transformar as jovens namoradas em velhas amigas, que o confortaram durante os seus últimos dias de solteirão.

Durante esse período em Viena voltou-se à música de câmara e escreveu quartetos para piano, uma sonata para violoncelo e um trio para trompa. Grangeou invejável reputação entre os vienenses amantes da música, não dis-

tante alimentou, durante todo o tempo, o secreto desejo de retornar a sua cidade natal. Seria para ele motivo de orgulho poder desmentir a crença popular de que ninguém é profeta em sua terra. Ambicionava especialmente ser nomeado regente da Orquestra Filarmônica de Hamburgo. Frustraram-se-lhe, todavia, as esperanças, pois os seus conterrâneos não fizeram caso dele. Continuou em Viena, onde recebeu a direção da Sociedade Coral Viena. Escrupuloso em seus princípios artísticos, deu às obras religiosas de Bach tal proeminência em seus programas, que um crítico facêto observou: "Quando Brahms fica realmente alegre, faz o coro cantar O túmulo é a minha alegria". Deu lições de música nos círculos aristocráticos de Viena e tornou a prender o coração de uma das suas jovens discípulas, Elizabeth von Stockhausen. Mais tarde, ela também se casou e transformou-se numa de suas amigas mais dedicadas, deixando-lhe uma soma considerável de dinheiro após a morte. Temendo que o marido pudesse interpretar mal as antigas relações entre ambos, Brahms devolveu o dinheiro que lhe fôra enviado, escondendo-o numa caixa de papéis de música e explicando que alguém devera ter colocado o dinheiro naquela caixa por engano.

Ele era um pied piper (1) que fazia dançar uma dança alegre o coração das mulheres. A duas mulheres apenas entregara ele completamente o coração — Clara Schumann e sua mãe, Frau Christiana Brahms, coxa, feia e sadia, sempre estava em grandes dificuldades. O marido, pândego de cinquenta e oito anos apenas, principiando a cansar-se dos setenta e cinco anos dela, começara a rumar para outros sítios as suas vistas. Durante algum tempo o casal atormentou-se e brigou, e depois separou-se.

Brahms escreveu reiteradas vezes ao pai, tentando o impossível para fazê-lo

voltar ao ninho. "Eu ficaria imensamente satisfeito se pudesse imaginar que o senhor voltara para casa... Onde é que o senhor toma as suas refeições?... O senhor não quer passar um serão sequer com mamãe?" O pai, entretanto, recusou-se, obstinadamente, a dar qualquer passo no sentido de uma reconciliação.

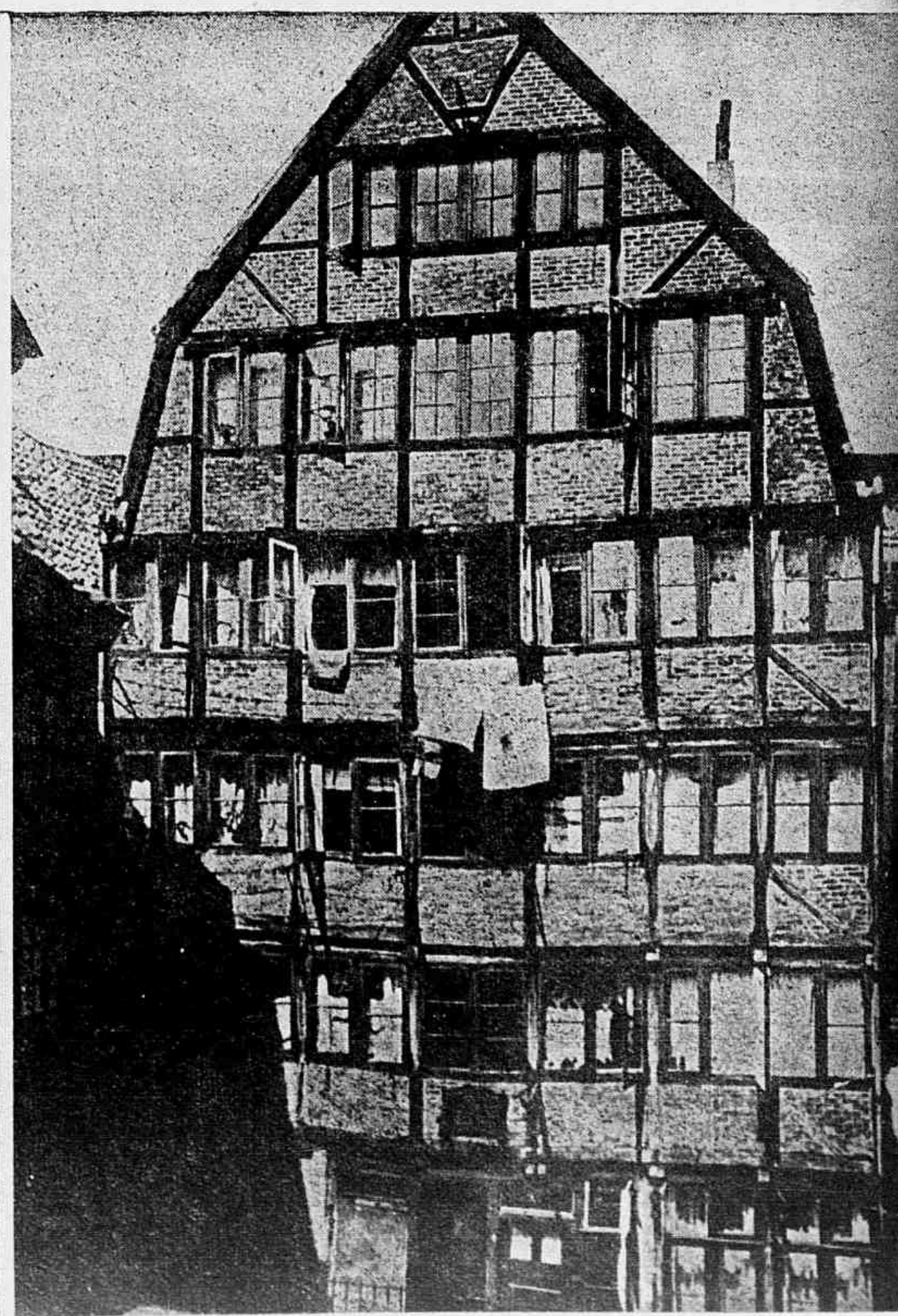
Não durou, porém, muito tempo a necessidade dessa reconciliação. Mãe Brahms faleceu. O velho Jakob derramou algumas lágrimas e referiu depois ao filho os seus planos de casar-se novamente. "É uma criatura feia, de quarenta e um anos de idade, que cozinha e assa divinamente". Excelente companheira para o velho Jakob Brahms.

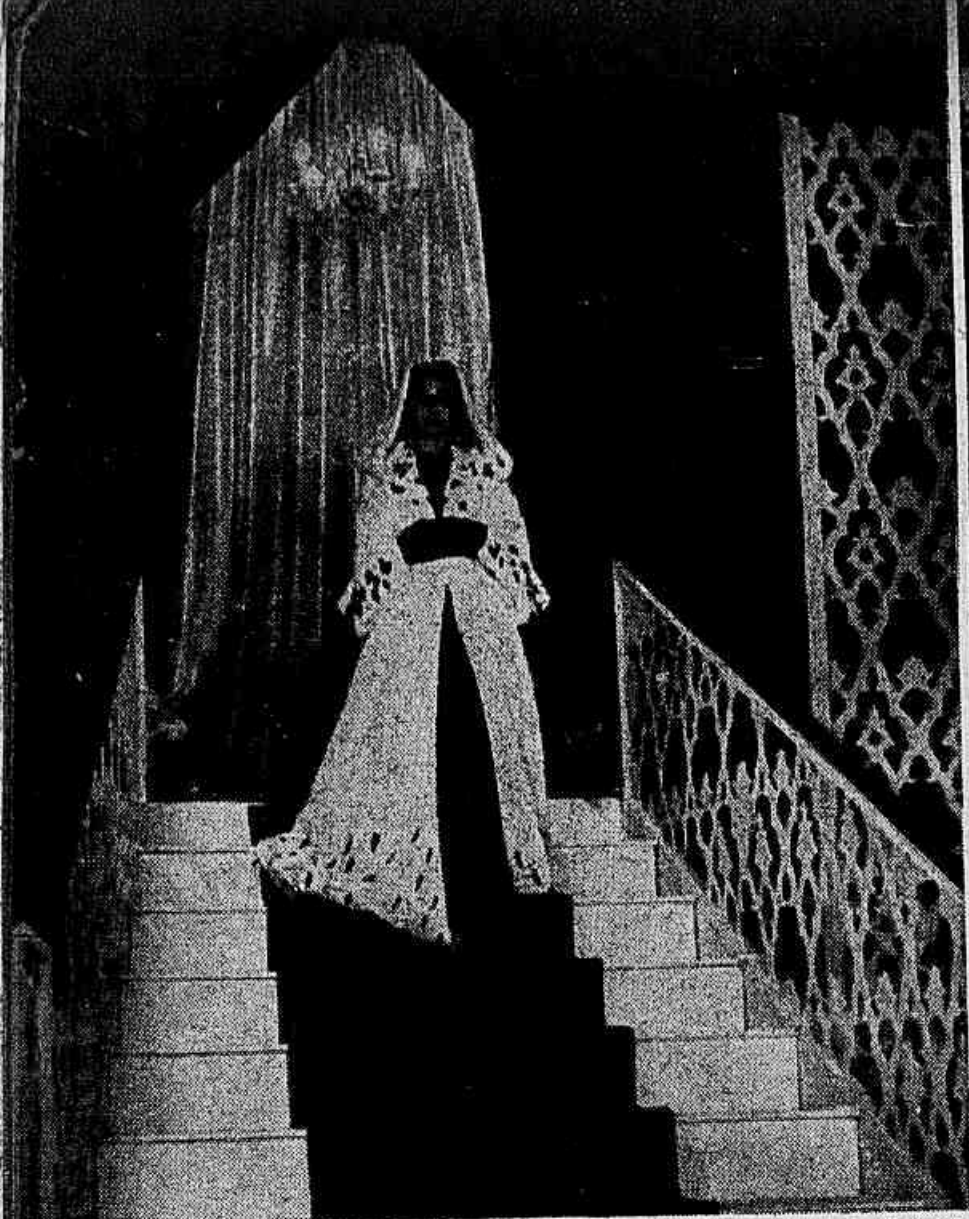
Johannes, profundamente comovido com a morte da mãe, pagou-lhe o tributo de um Réquiem alemão — a mais impressionante de suas composições até aquele instante. Ele atingira então o domínio completo da sua arte. Aperfeiçoara uma filosofia que haveria de protegê-lo contra a atmosfera muável dos acontecimentos. Para o homem sensato nada pode ser alterado, nada deixa saudades. Ele há de apenas continuar para a frente e manter a cabeça acima das ondas. Nada mais, até ao fim dos seus dias, fá-lo-la apressar-se ou retardar-se indevidamente. Conservaria a serenidade em todo o curso do seu caminho.

Foi com esse espírito de controle que escreveu o Réquiem. E quando a primeira audição foi anunciada, acudiram quase todos os seus amigos para ouvi-la, pois tratava-se de um evento momentoso nos círculos musicais de Viena. Ao escalar o estrado do maestro a fim de reger a orquestra e o coro na sua missa solene para os mortos, viu diante de si o rosto enrugado, feio, velho e amável de sua mãe. Na audiência, entre os vivos, estavam Clara Schumann e a fi-

(Continua na pág. 54)

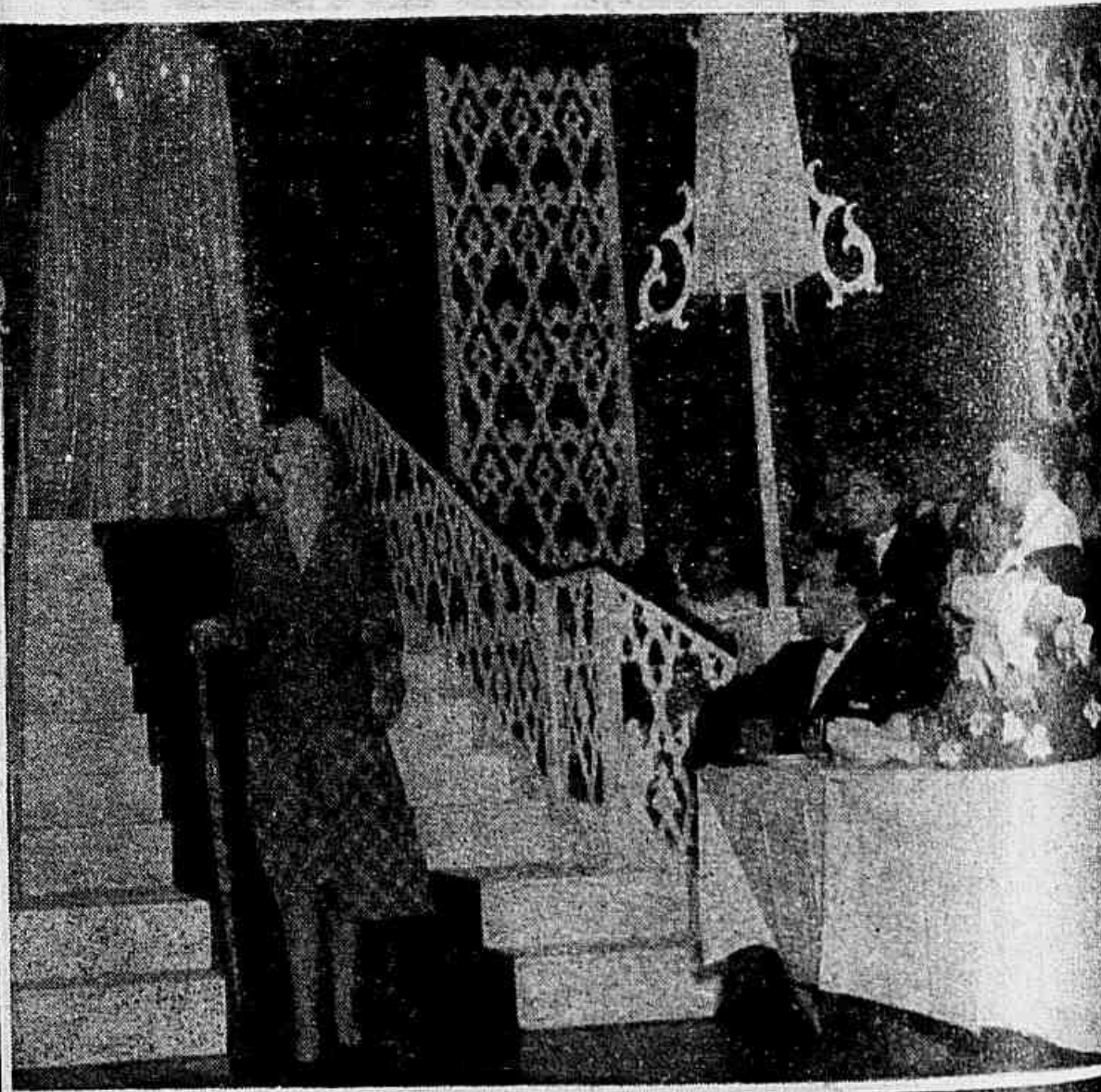
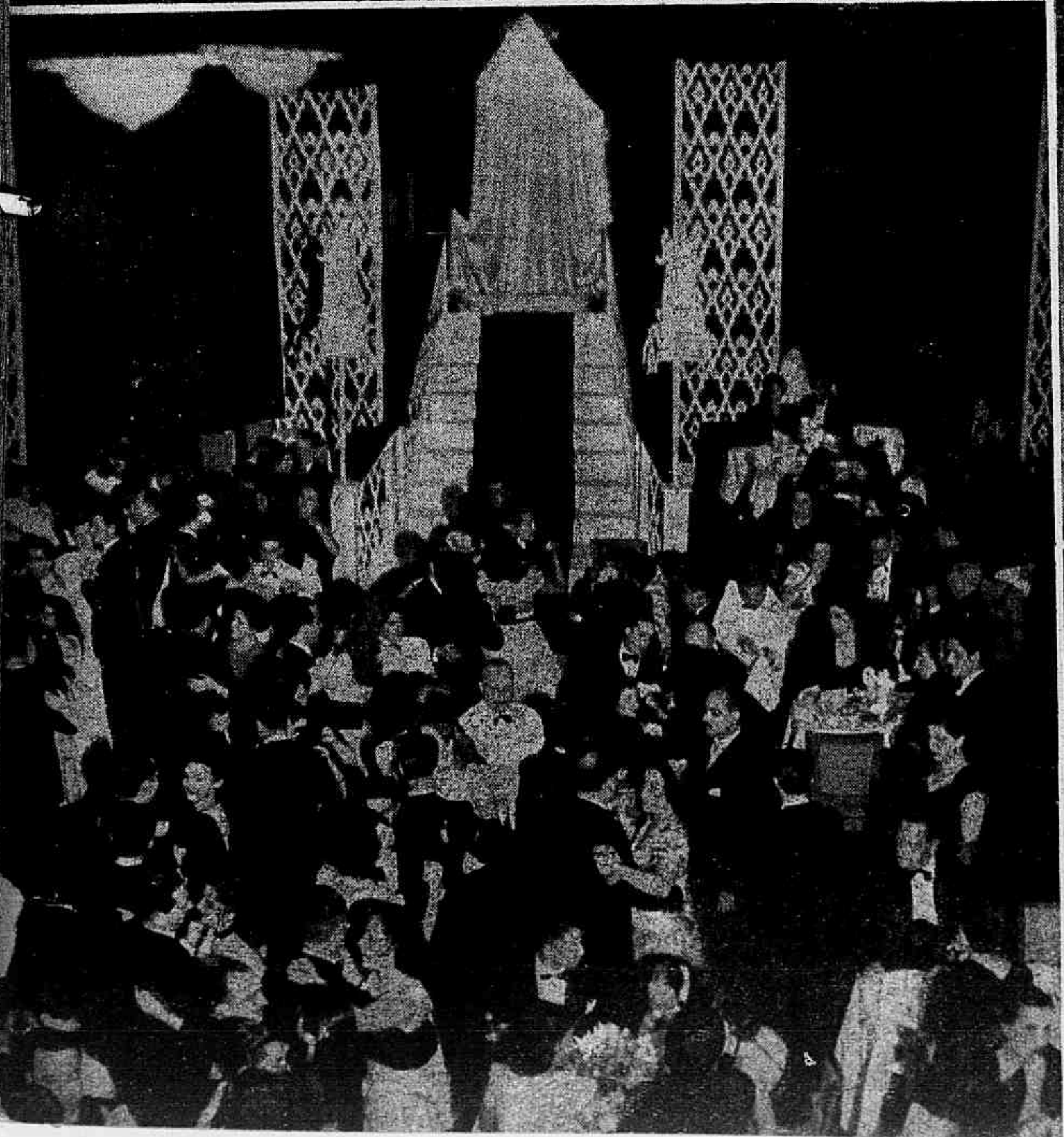
Em baixo, à direita: Monumento a Brahms em Meiningen, cidade onde o compositor passara muitos momentos felizes. À esquerda: A casa onde nasceu Brahms, em Hamburgo, a 7 de Maio de 1835. À direita, ao alto: Monumento a Brahms em Viena.





UMA NOITE INESQUECIVEL

No início do mês vigente, e sob a direção do seu dinâmico, inteligente e querido Diretor Social, o Clube Ginástico Português realizou mais uma encantadora festa dedicada aos sócios e suas exmas. famílias, constando de magníficos números de "Show", desfile de modelos e animadas danças, que transcorreram num ambiente de alegria, entusiasmo e requintada elegância. Nesta página, estampamos alguns aspectos da festa do veterano Grêmio da Av. Graça Aranha, colhidos pela nossa objetiva.





WALDEMAR Galvão, operoso locutor da PRE-3, começou no rádio como corretor de anúncios, uma vez que lhe dificultavam o acesso ao microfone para falar. Assim, depois de enriquecer alguns diretores e ajudar diversos cantores, conseguiu uma chance para atuar, isto no decorrer do ano de 1939. Esteve durante quinze desastrosos dias na Nacional, dois anos na Sociedade Fluminense; dois anos e meio na finada Ipanema, um ano e meio na Tupi e já se acha há dois anos na Rádio Globo, onde comanda "Encontro às cinco", lê "As mais belas páginas", trabalha nas diversas novelas de Amaral Gurgel e auxilia na leitura de textos. Fora do "broadcasting" dedica-se à narração de jornais cinematográficos, à gravação de textos comerciais e à elaboração de crônicas para uma revista de granfinos. Com trinta anos de idade, pois nasceu a dezessete de agosto de 1917, possui o curso ginasial completo e já teve a chance de transmitir para os ouvintes brasileiros a notícia da invasão do continente europeu. Sua maior emoção ocorreu poucos meses depois de ingressar na Sociedade Fluminense, quando entrevistado por um repórter de Cine-Rádio-Jornal. E' que este colocou a seguinte manchete "Waldemar Galvão, o César Ladeira de Niterói".

Esta ficando popular como ator, fazendo habitualmente o papel de galã. No momento, trabalha em "Colonos", história seriada de Amaral Gurgel, e em "Um vagabundo conta sua história", de Alvaro Augusto. Não tem esportes preferidos. Gosta dos escritores de talento. Admira todos os companheiros e nos momentos de folga aproveita para ouvir seus colegas de profissão.



LEA Silva iniciou sua carreira radiofônica ao microfone da Rádio Club do Brasil, onde lançou "A voz da beleza", programa dedicado ao mundo feminino. De sucesso em sucesso, tomou de assalto a Rádio Nacional, emissora a que ainda pertence, na qualidade de exclusiva. Nascida e criada em São Paulo, conta treze anos de atividade no nosso "broadcasting", uma vez que seu ingresso no mesmo data de 2 de dezembro de 1934. Casada com o compositor e acordeonista Antenógenes Silva, Lea Silva é uma figura atraente, cativando a simpatia de quantos ouvem os programas em que se apresenta como conselheira do lar, sempre disposta a atender e solucionar os mais intrincados problemas. Recentemente visitou os Estados Unidos, frequentando seus principais centros de beleza, com o fito de aprimorar seus conhecimentos técnicos, para introduzir melhoramentos em "A voz da beleza". Além do rádio, a conhecida exclusiva da PRE-3 pratica o jornalismo, assinando crônicas e reportagens em várias revistas. E' também prestimosa auxiliar do seu esposo, auxiliando-o em seus negócios comerciais. O casal, além do rádio, possui uma fábrica de produtos de beleza. Cabe a Lea Silva orientar a fabricação dos produtos para a pele, matéria em que se especializou. O lar, por sua vez, absorve-lhe grande parte do tempo. Além do rádio, a nossa focalizada aprecia o cinema, sendo fan de Ingrid Bergman, Clark Gable, Tyrone Power e outros ases da tela. Admira a leitura, preferindo os escritores clássicos. Gosta de música, tanto erudita, como popular, sendo a "fan" número um das composições de Antenógenes Silva.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

COM vinte e dois anos de idade, Francisco Carlos já é um nome popular no meio radiofônico da cidade, tendo aparecido através do Programa Casé, irradiado pela Mayrink Veiga. Sua atuação como intérprete da nossa música popular valeu-lhe vantajosa proposta para tomar parte nos programas noturnos da PRA-9, que não foi aceita porque então o jovem cantor era estudante, ainda às voltas com o curso científico. Mais tarde, fazendo um "test" na Rádio Tamóio, ele-lo contratado por dois anos, período em que tomou parte em grandes programas da Orquestra Tabajaras. A seguir, recebeu vantajosa proposta da PRE-3, aceitando-a sem mais delongas, dada a excelência das condições. Dentre os êxitos de seu repertório, encontram-se "Abandono", samba canção de Cesar Formenti Neto, "Coração ferido", de Alfredo Costa, e a valsa "Eu te recordo", de Jayme Florence, todas gravadas em discos da Continental. Francisco Carlos, além de se dedicar à música, não despreza o esporte, praticando com eficiência o pugilismo. Possui o curso da Escola de Belas Artes, tendo conquistado a "Medalha de Bronze" no último salão oficial e tem no desenho uma segunda profissão. E' carloca de nascimento, já tomou parte nos "shows" do Cassino Atlântico, ao lado de Silvio Caldas, Ciro Monteiro e outros figurões da música popular. Despido de vaidades, trata a todos com simpatia e não deixa de responder as cartas das "fans", embora nem sempre receba o selo para a resposta. Gosta de frequentar o teatro e não perde um bom filme. Com uma boa cultura em formação nas horas de folga lê bons autores, possuindo regular biblioteca. E' moreno e solteiro.

FLAVIO de Alencar é o pseudônimo de José Pinto Vieira, jovem artista paulista que, no momento, integra o "cast" da Rádio Club do Brasil, como intérprete de melodias brasileiras. Começando a cantar ao microfone da Rádio Inconfidência, em 1941, seu nome tornou-se popular entre os mineiros. Nesse prefixo manteve-se até o ano de 1945, quando foi convocado para servir no Exército. Isto não o impediu de exercitar as cordas vocais, chegando a tomar parte em "shows" organizados na caserna. Ao deixar a farda, cuidou de ficar na Cidade Maravilhosa, embora o ambiente não lhe fosse muito propício. Dono, porém, de bonita voz, despertou a atenção de Gomes Filho, que o colocou nos programas de estúdio da PRA-3, onde passou a fazer dois quartos de hora semanais. As composições de Alberto Montalvão e de outros compositores, a par das melodias folclóricas, fazem parte de seu repertório. Flávio de Alencar nasceu em Cruzeiro, São Paulo, radicando-se, porém, em Belo Horizonte, cidade que deixou para vir conhecer o Rio. Bastante jovem, pois não passou ainda dos vinte e cinco anos, prepara-se para lançar em disco duas interessantes composições, ambas de autoria de A. Montalvão. Fora do rádio, trabalha num escritório comercial e estuda. Pratica diversos esportes, inclusive o futebol. Gosta de cinema e teatro, sendo sua maior ambição pertencer a uma emissora de primeiro plano. No "broadcasting" mineiro, além da Inconfidência, trabalhou na Difusora, interpretando música folclórica.



Os indivíduos Brument (Césaire-Isidore) e Cornu (Prosper-Napoléon) compareciam perante o tribunal do Sena-Inferior sob a inculpação de tentativa de assassinato, por imersão, na pessoa da mulher Brument, legítima esposa do primeiro dos réus.

Os dois acusados estão lado a lado no banco tradicional. São dois camponeses. O primeiro é baixo, retaco, de braços curtos, pernas curtas e uma cabeça redonda, vermelha, empipocada, implantada diretamente no torso, também redondo, também curto, sem o mínimo sinal de pescoço. É criador de porcos e mora em Cacheville-la-Goupil, cantão de Criquetot.

Cornu (Prosper-Napoléon) é magro de estatura média e braços desmesurados. Tem o pescoço duro, o queixo torcido, e é vesgo. Uma blusa azul, longa como uma camisa, lhe tomba até os joelhos, e seus cabelos amarelos, raros e colados ao crânio, lhe dão um aspecto estragado, verdadeiramente lamentável. Apelidaram-no "o cura", porque sabe imitar, à perfeição, os cantos de igreja. Essa habilidade atrai à sua taverna, pois é taberneiro em Criquetot, um grande número de fregueses, que preferem a "missa do Cornu" à missa do bom Deus.

Mme. Brument, sentada no banco das testemunhas, é uma magra camponesa, que parece sempre adormecida. Permanece imóvel, com as mãos cruzadas sobre os joelhos, o olhar fixo, o ar estúpido.

O presidente continua o interrogatório:

— Com que então, sra. Brument, eles entraram em sua casa e depois lançaram a senhora num barril cheio d'água? Conte-nos tudo detalhadamente. Levante-se.

A mulher levanta-se; parece alta como um mastro, com a sua touca branca. Explica-se com uma voz arrastada:

— Eu estava debulhando vagens. Nisto eles entram. Eu penso: "Que será que eles têm? Não estão no seu natural. Vão fazer das suas. Não são boas peças quando se emparceiram. "Que é que vocês querem de mim?" Eles não respondem. — Bem que eu desconfiava..."

O réu Brument interrompe com vivacidade o depoimento e declara:

— Eu estava mamado.

Então Cornu, voltando-se para o cúmplice, pronuncia com uma voz profunda como uma nota de órgão:

— Diz que nós dois estávamos mamados, e não mentirás.

O presidente, com severidade: — Querem dizer que estavam embriagados?

Brument: — Isto não se pergunta.

Cornu: — É uma coisa que pode acontecer a qualquer um.

O presidente, para a vítima: — Continue o seu depoimento, sra. Brument.

— Então, Brument me diz: Queres ganhar cem sous? — Sim, respondo, pois cem sous não é coisa que se encontre no chão. Então ele me diz: "Presta atenção." E vai buscar o grande barril que fica debaixo da calha do oitão; esvazia-o e depois o traz para o meio da minha cozinha e depois me diz: — Vai buscar água até que fique cheio.

Então eu saio com dois baldes e carrego água e mais água, durante uma hora, pois o barril era grande como uma cuba, com sua licença, senhor presidente.

Durante todo esse tempo, Brument e Cornu bebiam um trago, e depois outro trago e mais outro trago. Até que eu lhes digo: "Vocês é que estão cheios, mais cheios do que este barril." E Brument responde: "Não te afobes, que a tua vez chegará." E eu não me importo com o que ele diz, pois estava mamado.

Quando o barril ficou pela borda, eu digo: — Pronto.

E então Cornu me dá cem sous. Não Brument, Cornu; foi Cornu quem me deu. E Brument diz: — Queres ganhar mais cem "sous"? — Sim, respondo, pois não estou acostumada a uma festa dessas. Então ele me diz: — Despe-te.

— Que eu me dispa?

— Sim, diz ele.

— Até onde queres que eu me dispa?

Ele diz: — Se estás com coisas, podes ficar com a camisa, não fazemos questão.

Cem sous, são cem sous. E eu me dispo, mas com uma enorme raiva de me dispir diante daqueles vagabundos. Tiro a minha touca, depois o meu corpinho, depois a minha saia, depois os meus tamancos. Brument me diz: — Fica com as meias; nós somos gente de bem.

E Cornu replica: — Nós somos gente de bem.

Então eu fico quase como nossa mãe Eva. E eles se levantam e mal podiam parar de pé, de tanto que estavam mamados, com sua licença senhor presidente.

E eu penso: — Que é que eles estarão tramando?

E Brument diz: — Feito?

Cornu responde: — Feito!

E então eles me pegam, Brument pela cabeça e Cornu pelos pés, assim como quem segura roupa suja. E então eu grito:

E Brument me diz: — Cala-te peste.

E me levantam e me sampam no barril cheio d'água, que até senti um reviramento no sangue e um frio até o tutano.

E Brument diz: — Só isso?

Cornu diz: — Nada mais.

Brument diz: — A cabeça também conta.

Cornu diz: — Bem, que vá a cabeça.

E então Brument me afunda a cabeça como para me afogar, que a água me entrava pelo nariz e eu já via o Paraíso. E ele empurra mais. E eu desapareço.

E depois parece que ele teve medo. Tira-me dali e me diz: — Vai-te secar de-pressa, carcassa.

Então eu fujo e saio correndo até o sr. cura que me empresta uma saia de sua criada, pois eu estava ao natural. E ele vai procurar Chicot, o guarda campestre, que vai a Criquetot chamar os guardas, que vão até em casa comigo.

E então encontramos Brument e Cornu, que se engalfinhavam como dois bodes.

Brument berrava: — Não, eu te garanto que terás no mínimo um metro cúbico. O meio é que não é bom.

Cornu berrava: — Quatro baldes, isso mal faz meio metro cúbico. E' isso mesmo. E pronto!

E vai daí o guarda lhes deita a unha. Que podia fazer?

Ela sentou-se. O público ria. Os jurados estupefatos se entreolhavam. O presidente falou:

— Cornu, o senhor parece ser o instigador dessa infame maquinação. Explique-se!

E Cornu, por sua vez ergueu-se:

— Meu presidente, nós estávamos mamados.

O presidente replicou com gravidade:

— Eu sei. Continue!

— Já vai. Não vê que Brument chegou no meu estabelecimento pelas nove horas, pediu duas branquinhas e me disse: "Olha, esta é para ti, Cornu". E eu me sento à sua frente,

e bebo, e por delicadeza ofereço outra. Então ele retribuiu. Eu igualmente. Trago vai, trago vem, pelo meio dia, estávamos aguados.

Então Brument pôe-se a chorar. Eu me comovo. Ele me diz: "Preciso mil francos para quinta-feira". Ai, sem mais nem menos, ele me sai com esta: "Fu te vendo a minha mulher."

Eu estava mamado, e sou viúvo. O senhor compreende, essas coisas comovem. Eu não conhecia a mulher dele, mas uma mulher e uma mulher, não é? Eu pergunto: — por quanto a vendes?

Ele refletiu, ou parecia estar refletindo. Quando se está mamado, a cabeça não é lá muito clara. E responde, então:

— Eu vendo-a por metro cúbico.

Eu nem me espanto com isso, pois estava mamado como ele, e o metro cúbico eu bem conheço no meu ofício. Dá mil litros. Servia.

Só restava discutir o preço. Tudo depende da qualidade. Digo-lhe então: — E quanto custa o metro cúbico?

Ele responde: — Dois mil francos.

Eu dou um salto, mas depois considero que uma mulher não deve medir mais de trezentos litros. Em todo caso, digo: — E' muito caro.

Ele responde: — Não posso deixar por menos. Sairia perdendo.

Mas eu sei negociar e digo: — Se ela fosse nova, ainda bem. Mas já te serviu. E' de segunda mão. Eu te pago mil e quinhentos francos por metro cúbico. Nada mais. Está?

Ele responde: — Está! Choca aqui!

Eu aperto-lhe a mão e nós dois partimos abraçados, pois devemos ajudar-nos uns aos outros nesta vida.

Mas uma coisa me impressionou: — Como é que tu vais litrá-la, a menos que a transformes em líquido?

Então ele me explica a sua idéia, não sem dificuldades, pois estava mamado. — Eu peço um barril, diz ele, e o encho d'água até a borda. Ponho a mulher dentro. Tudo o que sair d'água, nós mediremos. E' a litragem dela.

Eu lhe digo: — Bem. Mas essa água que vai transbordar, como farás para apanhá-la?

Então ele me trata de cavalgada e explica que é só encher a parte vazia do barril, depois que a sua mulher sair lá de dentro. Toda a nova água que se puser será a medida. Ele não é nada bêsta quando está mamado, o velhaco.

Bem, chegamos à sua casa e eu contemplo a mercadoria. Para uma bonita mulher, ela está muito longe disso. Todo o mundo pode verificar, pois ela aqui está. Eu penso: "Fui logrado". Mas, afinal, bonita ou feia, não deixa de servir para o mesmo uso, não é verdade, sr. presidente? E, além disso, verifico que ela é magra como um caniço. E eu penso: "Não dá nem quatrocentos litros". Disso de líquidos eu entendo.

A operação, ela já a contou. E até mesmo foram deixadas as meias e a camisa, com prejuízo meu.

Quando a coisa acabou, ela foge. Eu digo: — Cuidado Brument, que ela se escapa.

Ele replica: — Não tenhas medo. Sempre a pegaremos. Ela terá de voltar para dormir. Vamos fazer a medida."

Medimos. Nem quatro baldes. ah! ah! ah! E o réu se pôe a rir com tanta persistência

(Continúa na pág. 58)



O CINQUEN

PARIS — Agosto — (Pelo "Bandeirante da F. Brasil) — Claude Farrère sempre foi uma das grandes admirações literárias. Tive de entrevistá-lo e encorajou-me, sobretudo de que o público brasileiro certamente teria de saber particularidades da vida desse homem de talento e também de notável energia física. Claude Farrère, além do mais, está celebrando o seu cinquentenário de sua estréia no mundo da literatura, para muitos, talvez seja, apesar do nome sem maior significação. Era ele quem, quando o presidente Paul Doumer, numa exposição desse presidente da França foi assassinado, se lembrem disso. Outros talvez se lembrem que se trata de um escritor, muito lido em português. E quase ninguém sabe que é ele o autor daquela história intensa Charles Boyer viveu duplamente no cinema com Annabela, e em inglês com Merle Oberon, tão bem exibida, no Brasil, ora sob o nome de "talha", ora sob o nome de "Harakiri". Os tempos, maiores de quarenta anos, se lembram da primitiva versão cinematográfica, silenciosa, representada pelo japonês Sessue Hayakawa. A história de Claude Farrère que fez a fama dos atores no cinema: de Sessue Hayakawa, por volta de 1920, e de Charles Boyer, por volta de 1930. Essas são as únicas das suas obras que me lembro de terem sido traduzidas para o português, em edições brasileiras. Tudo, Claude Farrère é um autor digno de muita divulgação e não compreendo que outros de seus livros não tenham sido traduzidos, em lugar das novelas menos idiotas de Maurice Dekobra...

Jack London escreveu em seu livro "Martim" que "os homens são os últimos efêmeros sobre a terra. Como tais, vivem apenas um dia — dez minutos de vida que se resumem em apenas um dia de existência humana. E André Maurois, em "O Raeli", destaca uma frase do herói dessa novela: vem tão a propósito: — "A vida é muito curta e pequena". Lembrei-me desses conceitos ao conhecer o septuagenário Claude Farrère. O ilustrador me metido num roupão preto, suando muito, pois o calor, desde há alguns dias, é muito grande. — Desculpe o traje, disse-me depois de cumprimento. "Eu não deveria recebê-lo assim —"

Claude Farrère, com seu fardão de membro da Academia Francesa, no dia em que tomou posse de sua cadeira no ilustre ceráculo. Em baixo, à esquerda: Era terrível o calor, em Paris, no dia em que Nelson Vainer visitou Claude Farrère. E foi assim, de quimono, que o escritor septuagenário recebeu o repórter. À direita: Nelson Vainer toma notas, enquanto o autor de "A Batalha" vai falando, tendo diante de si um exemplar da "REVISTA DA SEMANA".

ANUÁRIO DA ESTREIA LITERÁRIA DE CLAUDE FARRÈRE

COMEÇOU COM UM ARTIGO POLÍTICO SOBRE A QUESTÃO DE CUBA E O ESCRITOR, DESDE ENTÃO, ENGULIU O OFICIAL DE MARINHA — 65 VOLUMES PUBLICADOS EM 43 ANOS — COMO TRABALHA O AUTOR DE "A BATALHA".

Por NELSON VAINER (Enviado especial de "REVISTA DA SEMANA" à Europa)

Fotos de CLAUDE ANGER

gulu — mas como sou um gênio, passa, não? — e dizem do isso, sorriu, apontando uma cadeira para sentar-me.

Enquanto ele se ajeitava na sua poltrona, diante da mesa de trabalho, os meus olhos fizeram um longo passeio pela sala em que Claude Farrère trabalha durante oito horas por dia, apesar de contar mais de setenta anos de idade.

Começamos pela mesa: Desordem. Revolução. Anarquia. Uma verdadeira, uma autêntica, com por cento autêntica mesa de trabalho de um escritor: uma livraria, uma papelaria, três ou mais cinzeiros, uma porção de originais impressos, outros escritos a mão, canetas, lapis, borrachas, alfinetes e outras coisas mais. Em frente, uma estante de livros de todos os tamanhos, alguns bem arranjados, outros em desordem. Nas paredes, um ou mais quadros e alguns desenhos. Um leva a assinatura de Pierre Loti. Em todos os cantos, bibelots e estatuetas, a maioria budistas, trazidas do Extremo Oriente. Uma grossa bengala na qual o autor de "La Bataille" se apoia para poder andar, — pois anda com dificuldade e semi-curva-lo. No divã, uma longa caixa preta, na qual descansa seu espadim — o espadim que completa o fardão usado pelos membros da Academia Francesa. As janelas da sala dão para um quintal que é enfeitado por duas fileiras de alterosas árvores. E o calor, oh! o calor...

— Que tal? Está gostando? — pergunta o escritor me durante todo tempo da minha observação me acompanhava no meu longo passeio.

— Interessante. Melhor do que esperava.

— Pois é aqui que eu trabalho.

— Trabalha sempre ou tem horas especiais para isso?

— Trabalho todos os dias das 4 às 8 horas da manhã, e, depois do almoço, das 14 às 18 horas.

A BRILHANTE CARREIRA DE CLAUDE FARRÈRE

Como Pierre Loti e Joseph Conrad, Claude Farrère é um marujo que trocou o mar pelas belas letras. Querendo informar-me a respeito dessa transição, perguntei-lhe:

— Pode dizer-me, como foi que se tornou escritor?

— Oh! Jovem... o senhor me faz voltar a uma época tão distante, que me traz tantas saudades... Nada menos de cinquenta anos... e onde estão eles? Passaram, como as águas, que não voltam mais... Tenho mais de setenta anos. A minha vida está no fim. Mas agradeço a Deus pela conservação da lucidez do meu espírito, que ainda me permite pensar e escrever. Mas voltemos à sua pergunta. Em 1897, portanto, há precisamente cinquenta anos, escrevi o meu primeiro artigo. Tratava-se de um trabalho sobre política, a propósito de Cuba, Espanha e Estados Unidos. Os artigos seguintes também visavam o fim político.

— E tiveram repercussão?

— Foram publicados na primeira página dos maiores jornais. Acertei sempre, o que se dá ainda hoje, em minhas previsões políticas. Sim, lavrei um tanto naquela época, pois era muito jovem ainda. Mais tarde, ao me desviar para outro terreno, passando para produções literárias, entrei com o pé direito: o meu primeiro conto atraiu a atenção do célebre poeta José Maria de Heredia e o meu primeiro romance a de Pierre Louys.

SUA AMIZADE COM PIERRE LOTI

— Enfim, — prossegue Claude Farrère — tive muita sorte em ter um comandante genial ao entrar para a Marinha, em 1903. Esse comandante foi aquele grande espírito que se chamou Pierre Loti! Fomos grandes amigos e ôle, depois de me encontrar já homem feito, me tratou como se fosse seu filho e me confiou missões importantíssimas. Encorajou-me em minha carreira literária... E me deixou uma coleção de desenhos que pessoa alguma conhece até hoje. São trabalhos como este, que o senhor tem em sua frente, na parede.

Levantei-me e aproximei-me do desenho em questão. E não tenho dúvida em proclamar: os desenhos de Pierre Loti são extraordinários! Perguntei, então:

— O que pretende fazer com esses desenhos?

— Publicá-los! O editor Arrault, de Tours, os publicará, junto com o texto que estou preparando. Sairão numa bela publicação, no próximo ano.

— E, além de Pierre Loti, quais as suas outras amizades literárias?

— Em minha vida, privei com quatro escritores de gênio: Pierre Loti, Pierre Louys, Georges Courteline e Colette. Isto é uma rara fortuna para um escritor e eu não paro de agradecer a Deus por este favor.

A BAGAGEM LITERÁRIA DE CLAUDE FARRÈRE

Falamos sobre a obra literária de Claude Farrère e ele diz que, de 1904 a 1947, publicou 65 livros, dos quais 25 romances, 10 coleções de contos e novelas e 30 volumes de história. Suas longas viagens através do mundo muito o ajudaram na carreira literária.

— Visitei inúmeros países, em todos os continentes, — relembra o escritor. — Conheço bem os países europeus, estive também no Japão, fui à China, à Mandchúria, à Coreia, à Síria, à Palestina, ao Egito, à Indo-China, à Turquia, às Antilhas, a Marrocos, a América do Norte.

— E a América do Sul?

— Infelizmente não conheço a América Latina. E' pena. Ainda agora gostaria de sair, tornar a ver este imenso mundo que perlustrei durante tantos anos. E esses anos passaram tão depressa... Parece que tudo isso foi ontem, tantos anos vividos errando por este imenso mundo de Deus e agora, eis-me reduzido a "escrevente", enclausurado entre quatro paredes... Como eu gostaria de sair outra vez pelo mundo, conhecer Rio de Janeiro, Montevidéu, Buenos Aires, Santiago do Chile, Lima... Tornar a ver Peking, Nova York, Toquio, Stambul... Mas não me será muito agradável morrer possivelmente a bordo de um navio qualquer... Porisso, aqui fico...

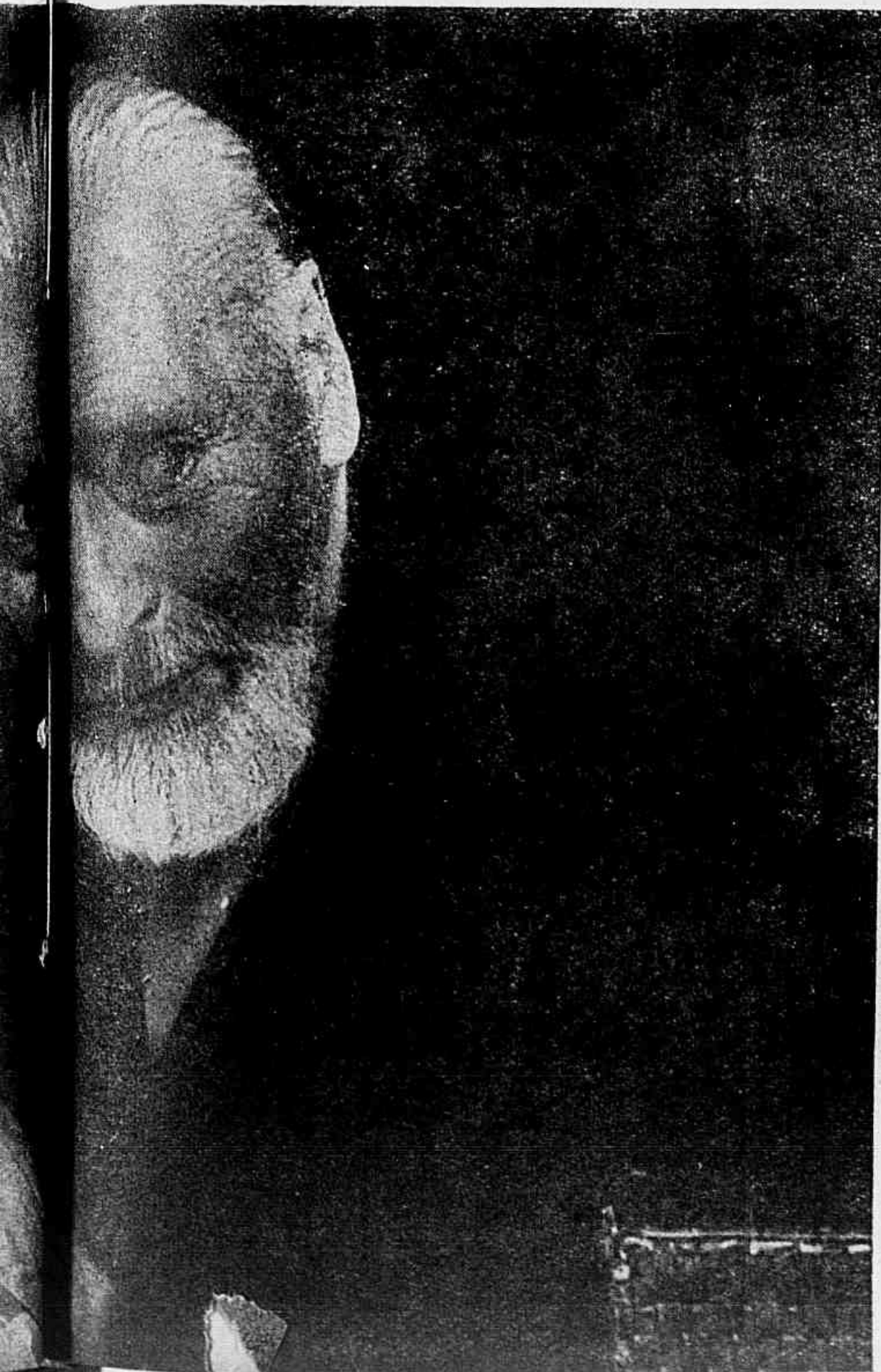
ECLIPSE EVIDENTE NA LITERATURA FRANCESA

Mudamos de assunto. Desejo saber o que Claude Farrère pensa sobre a literatura francesa contemporânea e sobre os seus expoentes.

— Há, evidentemente, um eclipse na literatura francesa. Os autores atuais, aliás, singularmente pouco fecundos, não valem mais do que um pouco mais de nada. O que há é muitos "bluffs", como o do existencialismo e outras ninharias. Nenhum deles ficará na literatura tal como os grandes vultos da nossa cultura intelectual.

— E onde estão os grandes escritores franceses?

(Cont. na pág. 59)





Para
"Revista da Semana"
Sinceramente
Evelyn Keyes



Na página ao lado: Evelyn Keyes, em uma fotografia que teve a gentileza de autografar expressamente para esta revista em português. E' assim que ela aparece em "The Nating of Millie"
Ao alto: Evelyn Keyes, no estúdio da Columbia, falando a Luis Serrano, nosso correspondente especial em Hollywood. Em baixo: A graciosa artista da Columbia, que é hoje a artista mais atarefada nesse estúdio.

EVELYN KEYES

UM "GÊNIO" CINEMATOGRAFICO!

PALESTRA COM A PEQUENA DE "ALADIM E A PRINCESA DE BAGDÁ" QUE DEIXOU EM ALVOROÇO O CORAÇÃO DOS "FANS"

Por LUÍS SERRANO (Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" e "A CENA", em Hollywood)

HOLLYWOOD — Agosto — A mais atarefada estrela da Columbia é a loura Evelyn Keyes, cujo recorde de cinco grandes sucessos do bilheteria em dois anos é difícil de ser superado por qualquer artista do cinema atual. Aliás, isso não espanta, porque se trata de um "gênio"... cinematográfico!

Apesar de viver praticamente dentro dos estúdios, pois dêles só esteve ausente cinco dias nestes dois anos, a Sra. Keyes conseguiu arranjar tempo para

dar um pulinho a Las Vegas, para casar-se com o escritor-diretor John Huston, isto, em Julho de 1946.

Esta pequena fuga realizou-se num dia, durante a filmagem de "Dama Valete e Rei", em que ela não precisou estar no estúdio antes das dez da manhã. Em todos os outros dias, lá precisava estar exatamente às cinco, para ser maquiada e penteada de modo a estar pronta para o olho crítico da câmara pelas nove horas.

Depois de fazer o fantástico gênio de





Ao alto Evelyn Keyes apresenta a Luis Serrano seu filho adotivo, Pablo, pequeno órfão mexicano, vivo e inteligente, que teve a fortuna de fazer trabalhar em seu favor o gênio maravilhoso da lâmpada de Aladim... Em baixo, à esquerda: Evelyn Keyes, — um "gênio cinematográfico" (não digam que não!) — pelo menos em "Aladim e a princesa de Bagdá".



"Aladim e a princesa de Bagdá", Evelyn foi encarregada de um papel altamente dramático em Baudelaires, juntamente com Larry Parks e Willard Parker. Depois surgiu-lhe o primeiro papel de canto e dança, como esposa de Al Jolson, de novo Larry Parks), numa das mais importantes produções da Columbia, "Sonhos Dourados". Mal havia terminado esta filmagem, e já estava ela estrelando o musical "Romance no Rio", com Keenan Wyn, Ann Miller, Allyn Joslyn e Tito Guizar. E logo a seguir veio a filmagem de "Dama, Valete e Rei", com Dick Powell. Agora, ela filma "The Mating of Millie".

— Durante todo o meu tempo de escola, só pensei em Hollywood, — segreda Evelyn. — Por muitos anos não tive a menor indicação de que conseguiria isso, e muito menos para fazer sucesso... mas a sorte é assim mesmo.

Evelyn nasceu em 20 de Novembro, em Port Arthur, no Texas, onde seu pai trabalhava em refinaria. Ele morreu, porém, antes que ela completasse um ano de idade, e sua mãe, foi então para Atlanta, Georgia, onde fixou residência. Hoje, as duas cidades travam tremenda batalha pela honra de serem o berço natal da estrela.

Ao terminar o curso secundário, tendo terminado também o curso de piano,

Evelyn tornou-se sapateadora de clubes noturnos, inicialmente em Atlanta, depois em Nashville, Birmingham e Charlotte, mas sempre pensando em Hollywood.

Enquanto estava em Atlanta, lá chegou um caçador de talentos da Universal. A irmã de Evelyn mandou-lhe um retrato da futura estrela, e, para espanto de toda a família, Evelyn foi submetida a um teste de fotogenia.

Nada resultou disso, mas fixou ainda mais o seu pensamento em Hollywood. Ela continuou a sapatear e a guardar dinheiro para a viagem.

Munida de uma carta de apresentação fornecida pelo chefe-de-orquestra Ted Fio Rito, com quem ela trabalhara como dançarina, Evelyn recebeu uma recusa atrás de outra.

— Você nada arranjará com êsse seu sotaque sulista, — disseram-lhe inúmeras vezes.

Assim, ela perdeu o sotaque e quase imediatamente recebeu uma oferta de Cecil B. De Mille para fazer uma bela sulina cheia de sotaques, em "Lafitte, o Corsário".

E recebeu ainda outros papéis da mesma espécie, como em "...E o Vento Levou". Mas, como já havia recuperado completamente o sotaque, foi forçada a perdê-lo de novo. Assim fez, e pela sua beleza e brilhante personalidade, começou a ser cortejada por vários estúdios.

Triunfou a Columbia. E, nem a atriz nem a companhia, até agora, tiveram a menor razão para arrependimento.

O papel da heroína na vitoriosa fantasia "Que espere o Céu", trouxe a Evelyn sua primeira legítima consagração. Embora Robert Montgomery tenha sido o astro, Evelyn foi muito elogiada pela crítica. Depois veio "O Mistério de uma Mulher", intensa força dramática, que foi outro enorme sucesso.

Depois, em "O Império da Desordem", teve outra ótima caracterização, provando definitivamente ser tanto excelente e versátil atriz quanto grande e encantadora beleza.

Comédias como "Que Louras!" e "O Banquete da Morte", ambas com Allyn Joslyn, elevaram-na ainda mais.

— Embora prefira a comédia, — diz ela, — de fato, eu não me importo muito. Quero apenas é estar diante da câmera, exatamente como já o queria lá em Atlanta, quando, oportunamente, minha oportunidade nunca chegaria.

Evelyn tem 1,60 de altura, pesa 51 quilos, tem cabelos louros e olhos castanhos. Antes de se casar com John Huston, morava num apartamento em Beverly Hills. Hoje, habita o rancho do esposo, no vale de San Fernando. Há pouco, ela adotou um órfão mexicano, de nome Pablo, que conheceu numa recente viagem a Acapulco.

DESTA vez é uma escritora norte-americana quem nos fala sobre as suas patricias: essas pequenas que ficaram decepcionadas com o entusiasmo com que os homens americanos falam das pequenas que conheceram na Europa. "Quase todas as mulheres aqui, começa ela, procedem como se não pudessem esperar. Não compreendem o quanto seriam mais encantadoras se ao deixarem as pessoas com quem se encontram ou os locais onde estão, demonstrassem algum pesar. Seria ideal se procurassem eliminar a pressa quando ela não é necessária. Mesmo quando julgamos estar com premência de tempo, podemos encontrar um meio de cumprir nossas obrigações sem correr desesperadamente como costumamos fazer e, com isso, nos tornarmos mais simpáticas, graciosas e elegantes na nossa vida social.

A impaciência, a pressa e esse nervosismo que nos fazem correr loucamente como se fossemos chegar atrasados a uma importante função; esse andar rápido de um extremo ao outro, essa maneira de fumar cigarro sobre cigarro; de comer apressadamente, falar mais apressadamente ainda, não antecipam a chegada de um trem, de um bonde ou de um ônibus, e, impedem-nos de saborear momentos que poderiam ser deliciosos mas que assim não passam de um atravancamento de coisas inexpressivas.

Houve um médico que disse de uma cliente muito nervosa: "Creio que poderia curá-la se conseguisse eliminar essa sensação de pressa em que ela vive".

Seria interessante que, se ao invés de encurtarmos a vida com essa constante ansiedade, tentássemos mudar por completo a maneira de viver.

Eu por mim, preferiria viver numa tenda de campanha, à beira de um lago, tranquila e feliz, a ter que enfrentar a vida social mais intensa que me possam oferecer.

(Continua na pág. 51)

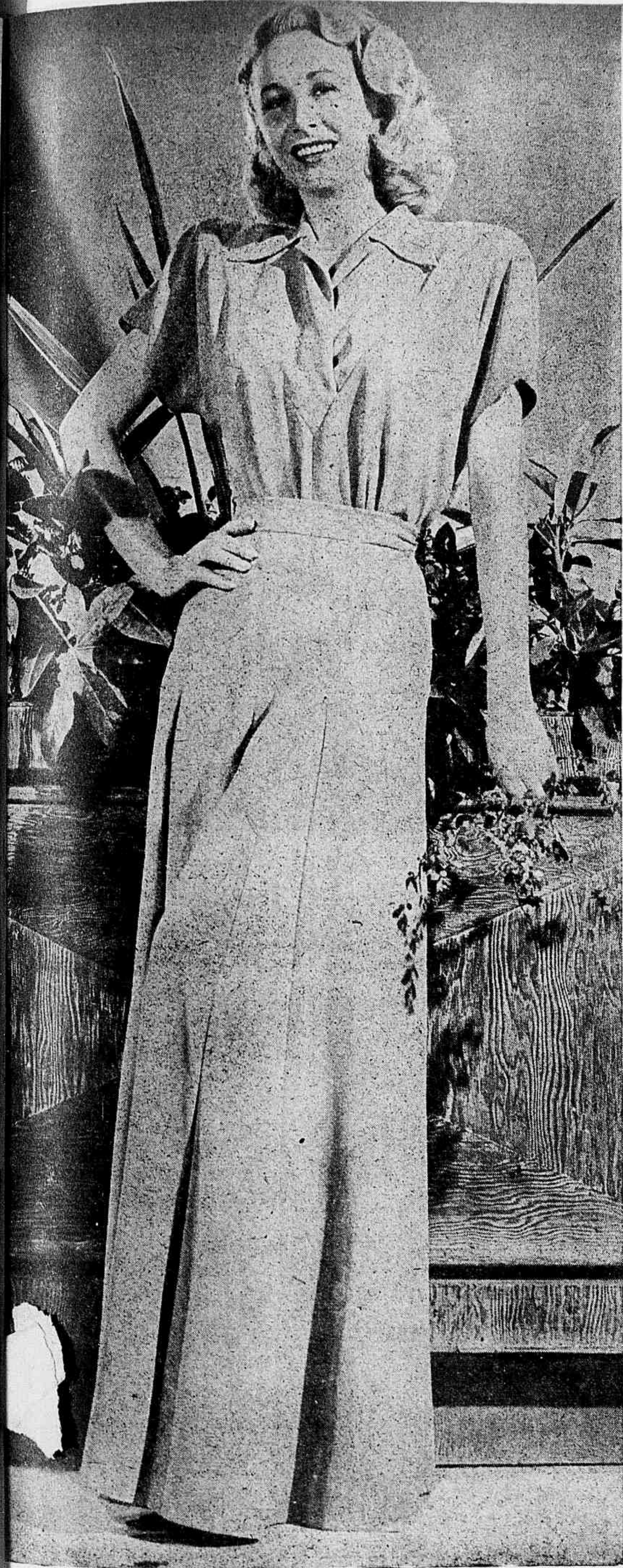
NOS BASTIDORES FEMININOS

Esta é Joan Winfield, da Warner Bros., com uma camisola de noite que é um verdadeiro sonho. É executada em gaze chiffon preto, com rendas sobre o busto e na barra da camisola. Manga larga, franzida, justa nos punhos. "Sombra" de cetim rosa pálido.





UMA camisola, um "robe", um pijama, são coisas que as mulheres elegantes sabem valorizar... São essas peças que tornam a mulher ainda mais bonita na intimidade... A esquerda, ao alto: "Robe" preto com flores prateadas, usado por Loretta Young, "estrela" da RKO-Rádio. A parte superior é fechada com botões do mesmo tecido e, sob a gola, laço de veludo verde. Mangas compridas, largas, ajustadas nos pulsos. Em baixo: Vera Rolston mostra-nos detalhes de um maravilhoso "negligée" bordado a prata sobre incrustações de "tulle". A seguir, da esquerda para a direita: Sobre a co-



misola, Joan Winfield usa este "robe" de linhas sobrias, executado em "moiré" preto. Aqui temos Vera Ralston, da Republic, com um pijama de jersey de seda em dois tons de azul. Na blusa, a gola e a incrustação em "V", na frente, são no tom mais claro. Na calça há um grande "gomo" também mais claro. A calça é tão larga que dá idéia de sãia. Finalmente Mary Astor usa um conjunto formado de calças de pesado crepe preto, bastante largas, dando idéia de sãia, e de uma blusa de seda estampada com fundo branco e ramagens verdes.

INTIMIDADE



CHAPÉUS PARA A PROXIMA ESTAÇÃO

DALE Evans, da Republic, apresenta cinco novos modelos da sua coleção de chapéus para a primavera. Na página ao lado: Em palha branca, aba bastante larga coberta com "crinoline" preta. Observem também o quanto é original o colar de Miss Evans. Em cima: Boina de palha inglesa, bege queimado. Larga fita de cetim marrom atravessa um lado da aba, passa sobre a copa e cai do lado oposto. Agora, um chapéu mais "habillé" onde existe palha, existem também fitas, flores, penas, folhas, etc... Em baixo: Ida Lupino, a excelente atriz da Warner, apresentando dois lindos e delicados modelos em palha branca; o primeiro adornado com flores de vários matizes predominando o branco, e o segundo é completado com um finíssimo véu e grandes flores vermelhas.









O FERECEMOS às nossas leitoras uma coleção de blusas, sugeridas pelas mais belas "estrelas" de Hollywood, para as mais diversas ocasiões. Na página ao lado: Alexis Smith, da Warner Bros., usa para a noite, uma blusa de crepe branco, bordada com missangas prateadas, sobre um vestido sem mangas e de grande decote, de lamé prateado. Ao alto: A perfeitíssima Marie McDonald, da MGM, com uma blusa de "lingerie" branca com gravata de "chiffon" azul marinho. Uma blusa alegre, sugestiva e bonita... Usa-a Jayne Meadows, nova "descoberta" da MGM. E' de

BLUSAS

"laize", com bordado inglês ao redor do babado que cerca o decote. Em baixo, na ordem: Dorothy Malone com

uma jaqueta de feltro vermelha, bordada à máquina, sobre uma blusa de seda cinza claro, esportiva. Novamente: Dorothy Malone, da Warner Bros., usa uma blusa esportiva, de lã branca com fios vermelhos e verdes, formando quadros. Mangas compridas, punhos largos com botões brancos sobre os mesmos. Bem mais "habillé" é a blusa que Vera Ralston, da Republic nos oferece. E' de seda pesada vermelha, com bordados em lantejoulas, abotoando na frente com botões cobertos pelo mesmo tecido da blusa. Saia preta, de seda, toda franzida.



PARA OS ULTIMOS

PARECE que o inverno vai terminar. Parece, pois o nosso clima é incertíssimo e, é bastante possível que tenhamos dias frios até Dezembro, entre um ou outro dia de sol.

Enfim, é sempre bom estarmos preparadas para essas bruscas quedas de temperatura, principalmente quando se trata de sugestões de Hollywood, encantadoras como as que aqui se vêm. Da esquerda para a direita: Lois Collier, da Universal-International, com um ligeiro "tailleur" em lã cinza, de aspecto bastante juvenil. A saia é tôda pregueada



DIAS DE FRIO

na frente, o casaco fechado com graciosa gola e fila dupla de botões. Punhos virados na parte superior das mangas. Vestido de lã azul marinho, blusa muito simples, enfeitada por um colar. Sãia drapeada, formando bolsos logo abaixo da cintura. "Duas-peças" em veludo "cotelet", verde escuro. O casaco é bastante longo e ajustado. Vistoso colar dourado dá maior realce à "toilette". Finalmente Dorothy Malone, da Warner, com um interessante modelo "duas-peças", em lã bege e preta, casaco enfeitado com botões.



Cum Grat



Grande dia



Da esquerda para a direita: Um modelo de seda branca. Pala bordada. Gola estreita. Saia dupla, também bordada, marcando a nova linha. Modelo muito elegante justo até os joelhos. Daí, sai um babado muito largo. Modelo jovial e elegante. A blusa é franzida na frente e a gola é feita com rendas antigas. Saia farta, em panes. De um lado, grupo de flores num tom de rosa muito pálido. Muito moderno este modelo, com os quadris acentuados por uma banda drapeada. É justo ao corpo, dando à silhueta mais altura e elegância. Vêu de renda.

CONTO DE EUCLIDES MARQUES DE ANDRADE

A espera inútil

ILUSTRAÇÃO DE ANA ZAGORSKA

FAZ muito tempo, desde que vi Helena pela primeira vez. A sua figura diferente, muito simples e elegante, atravessando a sala do Hotel em que estava hospedado, despertou logo a minha atenção. Ao passar, consegui ver os seus olhos. Negros, verdadeiramente negros. Depois fomos apresentados por um amigo comum. Veio logo a amizade, que foi se firmando. Saíamos sempre juntos. Aos poucos, fui percebendo que Helena havia sido maltratada pela vida, mas, corajosa, não dera o braço a torcer. Entrevia, atrás do que ela me contava, fatos obscuros, passagens humilhantes, que deviam viver em sua memória como serpentes envenenadoras. Apresentava contrastes chocantes. Muito alegre, para logo depois ficar tão triste que eu chegava a temer pela sua saúde. Não tivera amizade deste tipo com moça nenhuma. As outras sempre eu as via como mulheres, a despertarem os meus sentimentos de homem. Muitas eram mais feias do que Helena. No entanto com esta, feminina antes de tudo, eu me comportava como se lidasse com um amigo. Helena percebia isto. Talvez no íntimo se ofendesse, mas não demonstrava coisa nenhuma. Embora eu admirasse a côr profunda e original de seus olhos, gostasse de seu nariz, sem um deslize, e apreciasse a curva suave de seus lábios, não tinha nenhum transporte amoroso quando os contemplava. Foi muito tempo depois, entretanto, que vi ser tudo isto uma pura e enganadora aparência. Iamos continuando a sair juntos. Felizmente, como estávamos numa cidade grande, ninguém reparava em nossas vidas, que se desenrolavam calmas, sem perturbações de nenhuma espécie. Apenas a tristeza, como indesejável máscara, a nublar de vez em quando o rosto atraente de Helena. Era uma tristeza inexplicável, que chegava sem causa aparente. Ainda me lembro muito bem de um dia em que fomos convidados para uma reunião. Ela estava muito animada. Logo depois do jantar saiu para se preparar. Notei que suas faces estavam coradas e os seus olhos tinham um brilho muito vivo e diferente. Em poucos minutos estávamos no carro, um ao lado do outro. Usava um perfume estranho que me perturbou um pouco. Nunca mais o senti de novo, em parte nenhuma. Em dado momento, esbarrei em seu braço e olhei para ela. Mudara por completo. Apesar do rouge, que usava, percebi a sua palidez. Mas foram os olhos que mais me impressionaram. Fugira o brilho misterioso. Estavam apagados, mortos, como se estivessem olhando para coisas tristes que já haviam desaparecido. Senti, quase, um choque. Perguntei-lhe o que se passava. Respondeu-me, tranquila, que estava bem. Pouco depois, no entanto, dansava animadamente e parecia se divertir. Só muito tempo depois ela me contou a razão destes seus abatimentos. Foi aí que fiquei admirando para sempre a coragem invejável desta mulher. E ainda hoje, nos meus momentos de solidão, de volta, no tempo, aos caminhos que já cruzei, lembro-me sempre com saudades de Helena.

Vejo-a oferecendo-me o seu amor, desiludindo-se depois. Mas eu! Ai de mim, quanto não me arrependo de não ter compreendido



tudo no momento oportuno. Só depois, muito depois, quando o meu coração já esfriava para as festas do amor, é que o arrependimento chegou. E então, nas longas noites insones, vendo o tempo passar, pingando, em cada minuto, angústia em meu espírito é que a imagem de Helena vinha me torturar. As suas qualidades ampliavam-se pela saudade dilacerante. Em pouco tempo, criei, quase, uma outra Helena, que vivia, imperecível, dentro de meus pensamentos.

Tinha muita coisa da outra, da verdadeira. Mas também quanta fantasia. E assim ia sofrendo, imaginando onde ela poderia estar. Uma noite, olhando o seu retrato, quase tive a impressão de ouvir a sua voz, aquela voz que era para os meus ouvidos um acalanto cheio de coisas ternas. E, sem saber porque, fiquei lembrando, lembrando... aquele dia, em que ela...

— Então, Frederico, já estamos atrasados.

— Um minuto só, Helena. Já vou já.

Respondi alto para que ela ouvisse do corredor. Saimos. Noite estrelada, cheia de ru-

mores, uma poesia distante e triste. No automóvel:

— Afinal, Frederico, o que você resolveu?

— Para falar verdade, ainda não resolvi.

— Está bem...

— Espero que você não fique aborrecido. Você sabe, este é um assunto importante, não é coisa para a gente decidir assim em dois tempos.

— Eu sei disto. Mas, há vários dias que você está assim indeciso. Bem sei que você poderia achar falsa a minha situação. Mas, já vivi bastante, tenho experiências que me esclareceram e não iria, estando em jogo a minha felicidade, me apegar a preconceitos ridículos, como este de esperar sempre a iniciativa dos homens. Sei que você compreende. Por isto não tenho medo de insistir. Você quer partir comigo?

— Mas, Helena, assim de repente?

— De repente, não! Há quantos dias nós estamos discutindo este assunto? Nem sei mais... Podemos casar antes de partir...

— Não sei... não sei o que faça. Sinto, He-



sunto. Uma semana depois Helena partia. Recebi, durante muito tempo, as suas cartas. Eram, a principio, apaixonadas, falavam de sonhos de projetos que me incluíam sempre. As vezes me ironizava, talvez sem querer, mas o tom carinhoso permanecia. Depois fui percebendo que a nossa correspondência se transformava. De repente, não recebo mais respostas. Nenhuma notícia. Nesta ocasião, ela ainda estava na Europa, numa pequena cidade cujo nome esqueci. O tempo riscou de minha memória. Mas, em compensação, sei de cor quase todas as suas últimas cartas. Nesta época, foi que percebi o meu engano. Eu amava Helena. As suas palavras apareciam em meus sonhos. Compreendi o meu erro, quando procurava criar aos seus olhos, em torno da suposta frieza de meu coração, um falso conjunto de motivos. Inventava na hora, quase sem saber o que dizia. Depois aquilo me magoou intensamente, pois ela era de uma lealdade a toda prova. Quais teriam sido os motivos que me levaram a esta atitude falsa, tão em desacordo com os meus hábitos? Fiquei achando que a amava sem saber e o meu inconsciente me traiu, não deixando que lhe dissesse o contrário. Inventei assim, aqueles vagos motivos, para não lhe dizer o que julgava ser verdade, isto é, que não correspondia aos seus sentimentos. Com outra pessoa, talvez isto tivesse sido natural, embora errado, mas não com ela, pois não usávamos, em nossa convivência, as mentiras douradas que a sociedade inventou para se envenenar. Eramos absolutamente francos. Por isto é que fiquei desconfiando de uma "partida" de meu inconsciente. Mas tudo era incerto. Continuava procurando notícias. Viajei muito. Quantas vezes, nas cidades indiferentes, eu vislumbra fisionomias que me davam ligeiras esperanças, logo desfeitas. Um dia, num trem... não gosto de recordar isto. Tive a impressão perfeita de vê-la três bancos adiante do meu. Os cabelos, o jeito de mexer a cabeça, a forma dos ombros, tudo me fazia acreditar na presença, ali perto de mim, de quem eu procurava tão ansiosamente. Levantei-me, o coração em disparada e, passo incerto dentro do trem em movimento, ia vê-la afinal. Foi muito grande a minha desilusão nesse dia. Afinal voltei, pois verificara serem inúteis aquelas intermináveis viagens. Mas continuava entregue a divagações angustiosas. Pensava que devia ter tido coragem suficiente para lhe dizer com toda franqueza o que julgava ser verdade. Mas, não. Inventara, inventara, egoisticamente. Talvez tenha sido isto o que me fez, depois, quando ela estava longe e não escrevia mais, ficar inteiramente apaixonado pela criatura que percorria caminhos ignorados. E que ficariam sempre ignorados, porque, por mais que fizesse, nunca mais a vi. Talvez ela tenha mudado. Mas guardei a lembrança de seu coração como o senti pela primeira vez. Ela ficou sendo para mim o símbolo do que existe de mais puro, de mais enternecedor, de mais divinamente humano neste grande mistério do amor. Pois não tinha hipocrisias, nem falsidades. Era diferente em tudo. Fazia das experiências de sua vida não um rosário de tristezas ou de sorrisos, mas apenas um livro que consultava sempre, tirando dele o maior proveito para si própria e para os outros. Quando a conheci atravessava uma fase de desânimo, de quase completo desalento. O excesso de prazeres havia me levado depressa à companhia do tédio. Com a sua presença ele desapareceu logo, embora não subisse, ainda, que a amava. Agora estou convencido disto. E até hoje fiquei esperando,

— Mas, Frederico, isto é infantil, é uma coisa prejudicial.

— Exatamente o que disse. Imaturidade emocional de minha parte.

— Mas se você compreende isto, por que ainda se sujeita a um raciocínio errado?

— Não sei... pequeno poder de reação, deve ser.

— Mas afinal o que você espera do amor? Que ele lhe ofereça um palácio encantado, "feito de raios de luar", com uma princesa lá dentro a imaginar os seus menores desejos?

— Pode ironizar à vontade. Perdoo porque sei que você não tem maldade. Mas, seriamente, não saberia responder à sua pergunta. Acho difícil...

— Difícil nada. Você deve é viver a sua própria vida e deixar de romantismos... Mas o certo é que você não me ama, nem um pouco, porque senão você não ficaria nesta dúvida sem fim...

— Não, não é isto. Pode acreditar em mim. Você é diferente de todas, matou os preconceitos, compreende quase tudo. O nosso caso é diferente, portanto. Eu quero que você veja que tenho medo de estragar a sua vida. Isto seria desastroso depois de todos os seus sofrimentos.

— Mas não me importo com isto. Amo-o, e é o bastante.

— Exatamente por você me amar é que tenho medo de desiludi-la. Se eu percebesse em você uma dessas moças que andam simplesmente atrás de uma aventura, não hesitaria nem um minuto. Mas depois de tudo que sei a seu respeito — e olhe que não foi você que me contou — eu nunca me perdoaria se a desiludisse...

— Mas o que me poderia desiludir em você?

— Nem eu mesmo sei. Espero que você consiga descobrir o que seja.

O automóvel acabava de chegar ao nosso destino. Descemos e não falamos mais no as-

lena, mas não estou certo... você sabe... você é muito, como dizer? Não sei, Helena...

— Você devia proceder comigo da maneira que eu sempre procedi com você. Pode ser franco. Diga logo o que é. Você me conhece muito bem, para saber que não me ofendo atoa. O meu espírito já amadureceu.

— Ah! é isto. Você disse em meu lugar. Você, emocionalmente, está muito acima de mim...

— E o que tem isto? Acho que a minha "maturidade emocional", como você diz, não poderá prejudicar em nada o nosso bem estar. Pelo contrário, só poderá nos ajudar.

— Não sei lhe dizer o que se passa comigo. Quero me exprimir e não posso. Sinto que as palavras não saem como eu quero. Tenho medo de lhe dizer...

— Se é assim... então... Mas acho que você devia ser sincero. Quem sabe, você tem medo do amor?

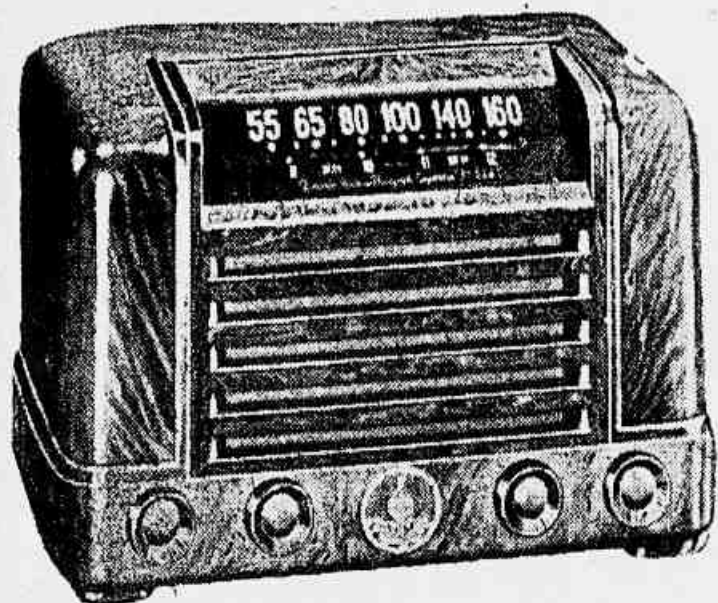
— Tenho mesmo, você agora chegou onde eu queria. Tenho medo do amor. Receio que ele não nos ofereça tudo que esperamos dele.

Selecioneado no Concurso Permanente
da "REVISTA DA SEMANA"



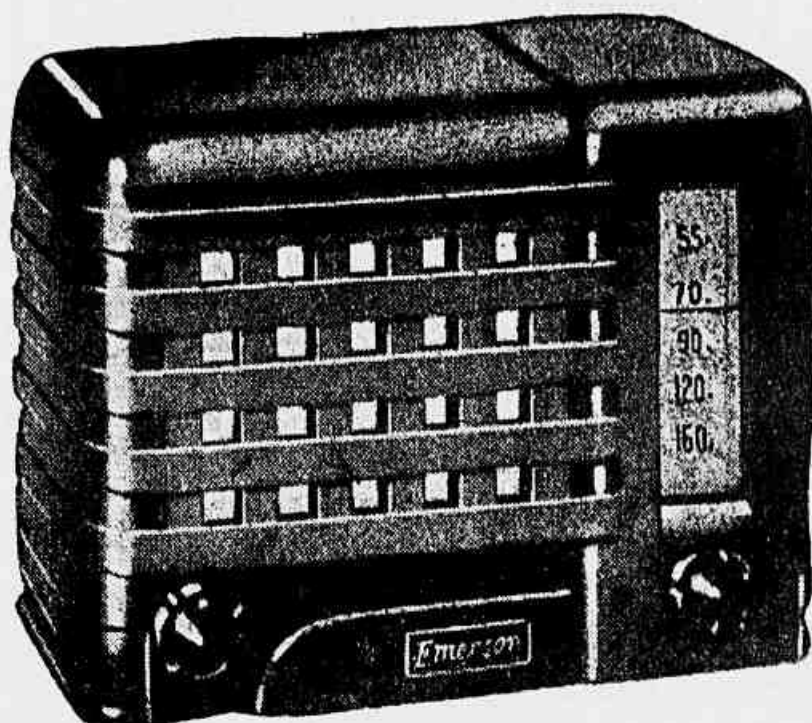
Radio Emerson

APRESENTA NOVOS MODELOS



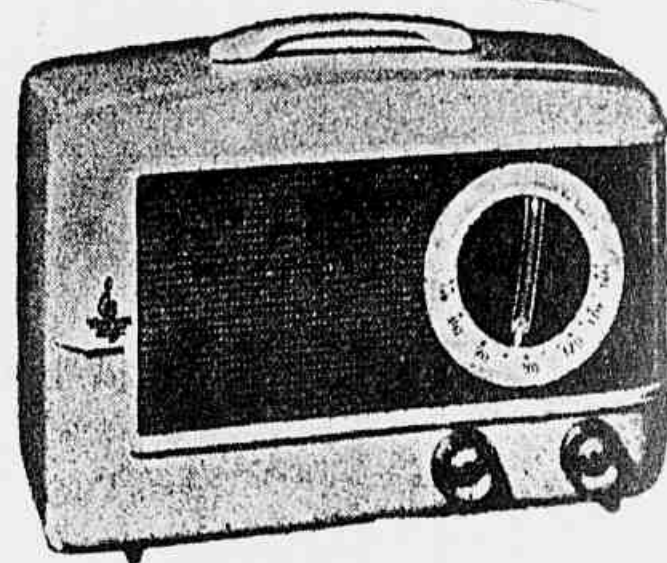
MODELO 514

Um grande modelo de ondas curtas e longas, e válvulas super-heteródinas. Caixa de material plástico com novo desenho e estilo moderno.



MODELO 540 CA-CC

5 válvulas, antena interna, um retificador, um receptor super-heterodínico. Caixas de matéria plástica nas cores: nozueira, marfim, vermelho e verde.



MODELO 543-CA-CC

Com 5 válvulas super-heteródinas. Novos traços técnicos. Caixa de matéria plástica com alça. Tela cor de ouro e um dial bem legível.

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA O BRASIL
MAX WOLFSON IMPORTAÇÃO-EXPORTAÇÃO LTDA.

RIO DE JANEIRO

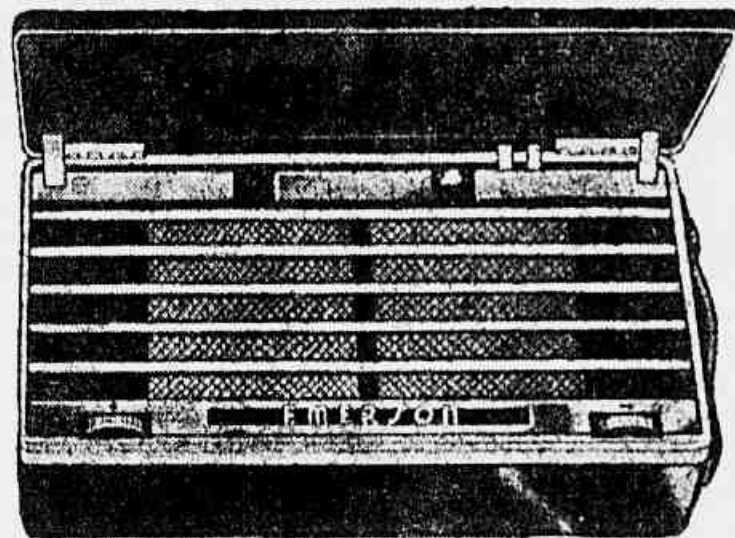
SÃO PAULO

AV. RIO BRANCO, 9 - 3.º

R. SENADOR FEIJÓ 176, SALA 209

VÁLVULAS E ACCESSÓRIOS

Emerson



MODELO 538

de grande alcance, sem fios e antena externa. Pouco peso, cabendo facilmente no bolso. Maravilhosa recepção e som.

AS CHINELAS...

(Cont. da pág. 20)

indagar o que tinha acontecido. Vestia o roupão desbotado e saiu do quarto. Nem bem ultrapassara a soleira da porta e Dona Gertrudes, a dona da pensão, com os olhos esbugalhados e a cabeça desarrumada, numa tentativa de desabafo, gritava-lhe na cara:

— Dona Cândida morreu. Coitada. o médico da Assistência não a alcançou com vida. Parece impossível, sr. Aparício, ela estava tão alegre na hora da janta. Que judiação, no dia de seu aniversário!

O velho celibatário sentiu um arrepio de pavor. Não, sua consciência não guardava remorso algum, mas a notícia da morte da velhinha que morava sobre o seu quarto perturbou-lhe o sossego de

espírito, não sabia como e porque Procurava excusar-se, perante si mesmo lembrando que ainda a presenteara, poucas horas atrás. Mas não podia fugir de outra lembrança: a verdadeira intenção com que dera as chinelas, iludindo a pobre mulher com a mais deslavada hipocrisia.

Quando se lembrava porque não cantaram as chinelas naquela noite, estremecia dos pés à cabeça. Ele, que chegou a acreditar no seu inteligente estratagemma, parecia ouvir das paredes uma voz surda que dizia:

— Não, as chinelas não gemeram porque Dona Cândida, logo depois do jantar, não se sentiu bem e caiu na cama. E horas mais tarde, uma síncope deixou viúvo seu marido. O silêncio, não e atribuía às macias chinelas que lhe deu

de presente; é um prolongamento da quietude do túmulo em que ficará encerrada, até ao fim dos séculos...

E por causa desses pensamentos quase se perdeu o juízo o velho Aparício. Mas o tempo tudo apaga, para o bem de nós todos. Um mês depois da morte de Dona Cândida, o solteirão não mais se lembrava das chinelas ringideiras.

★

Quase dois meses decorreram depois do enterro da estimada Dona Cândida. Estamos agora — caro leitor — no quarto de cima daquela mesma pensão. Se pisarmos muito forte, perturbaremos o sossego do velho Aparício, que sob nossos pés, deve estar lendo o seu "Jornal do Comércio"...

O viúvo de Dona Cândida, contemplando o par de chinelas, novas em fo-

lha, que a mulher nem chegou a calçar, chora sentidamente a solidão em que vive. Diz, baixinho, a si mesmo:

— Estas chinelas eu as guardarei como relíquia da minha querida mulher. Ficarão trancadas no armário, para que permaneçam intocáveis até minha morte.

A propósito, aquelas chinelas lhe recordaram a querida mulher, a catinhar através do quarto, fazendo "nhéqui-nhéqui"... E como gostava de ouvir aquele barulhinho, ele que o associara ao trabalho e à dedicação da esposa. Quando as chinelas ringiam, era porque alguma coisa Dona Cândida lhe estava preparando: a roupa do dia ou um quitute saboroso.

O velho viúvo não titubeou. Abaixou-se e apanhou de baixo da cama o par de velhas chinelas ringideiras. E jurou usá-las até que se desmanchassem completamente. Assim recordaria aquele "nhéqui-nhéqui" que lhe era tão caro...

esperando que Helena voltasse, enquanto a vida não me esperava, ia passando, enrugando as minhas faces, fazendo as minhas mãos tremerem, embranquecendo os meus cabelos. Quando comecei a perceber, era tarde para encontrar novos rumos nos caminhos do sentimento. Mas, muito bem dizia o romancista, aquele que o foi entre os maiores, porque o seu mundo era o seu coração: "E da esperança morta de cada dia, uma outra esperança se gerava para viver no dia seguinte." Pois até hoje continua, ainda — iludindo-me conscien-

temente — numa inútil e longa espera, ansiando pela volta impossível de Helena.

Começou em uma fila..

(Cont. da pág. 58)

— Senhor Sousa, — começou o advogado tomarei as providências legais, cabíveis no caso. Mas, desde já, aviso-o de que não se trata de um caso fácil. E, aqui, entre nós, em seu lugar eu botaria fogo na casa, começando pela garagem.

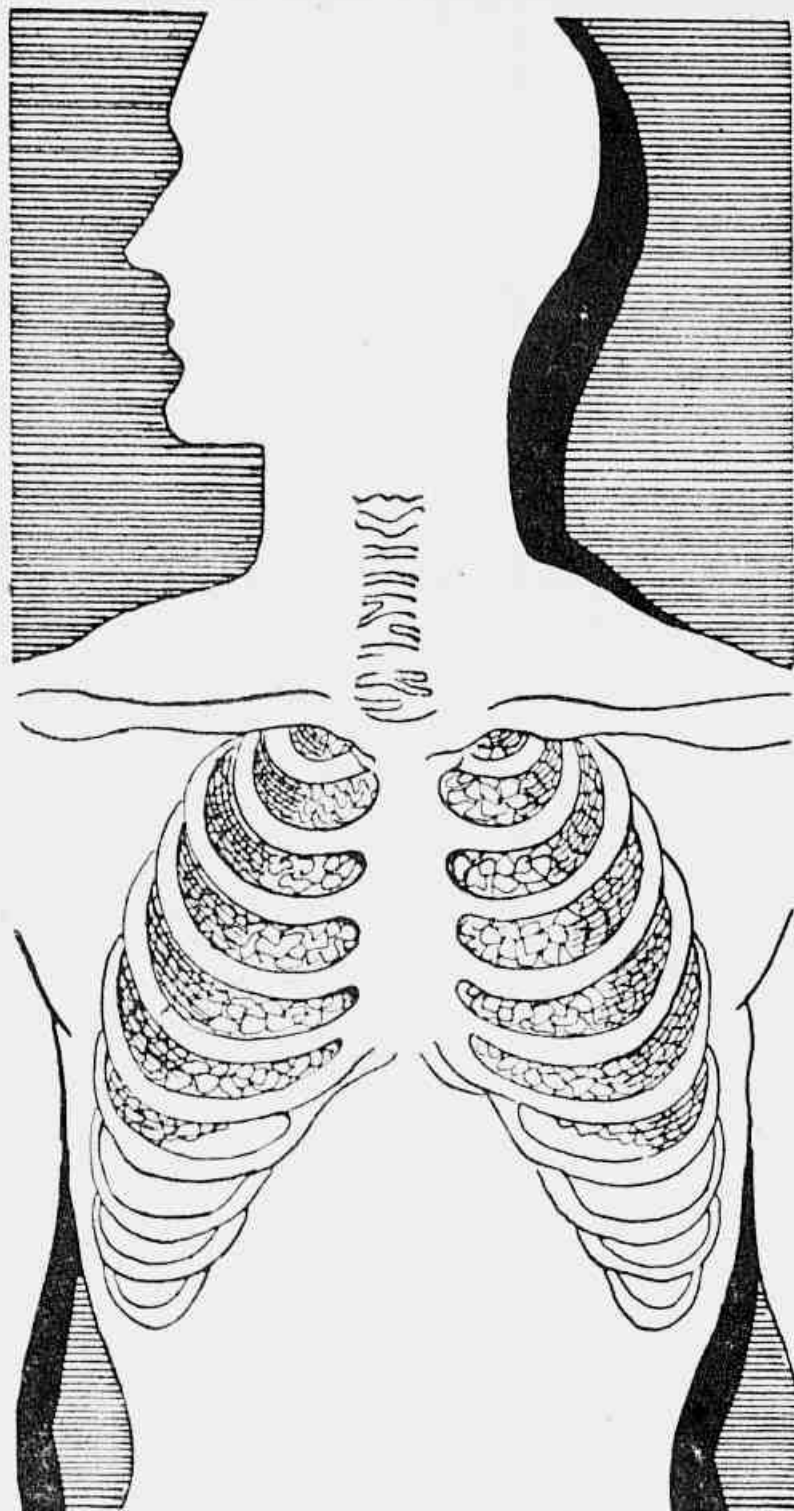
— Meu Deus! doutor, há um ano sofro um verdadeiro martírio, perdi meus amigos, sou mal visto pelos vizinhos e ainda devo perder minha casa?!!! Tudo isso por causa das malditas filas?...

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório de GUARAMIDINA

A Tuberculose PODE ser dominada!



O diagnóstico precoce da tuberculose, é a melhor arma para combatê-la!



A radiografia dos pulmões pode denunciar prematuramente a tuberculose, antes que outros sintomas a revelem:



Previna sua família contra os que têm tosse crônica.

Eis como em alguns lugares vem sendo levada vitoriosamente a luta contra a tuberculose:

1. Emprêgo de novos métodos para desobrir a doença logo no começo.
2. Educação do povo sobre a disseminação da doença.
3. Isolamento do doente.
4. Prevenção contra o uso de objetos capazes de disseminar os germes... procedentes de leões abertas, do escarro, do manuseio de alimentos e utensílios domésticos, etc.

Medidas como essas têm diminuído o índice de mortalidade pela tuberculose nos últimos 30 anos em certas zonas. E o índice continua a baixar!

Você estará a salvo se... Se fizer exames médicos regulares, incluindo a radiografia dos pulmões. Lembre-se de que, se descoberta no início, a tuberculose é geralmente curável. Se você, ou pessoas de sua família, têm estado em contato com tuberculosos, é aconselhável procurar logo o seu médico, para tirar uma radiografia dos pulmões. Se ele encontrar indícios de tuberculose, siga rigorosamente as suas instruções. Ele pode ajudá-lo a prevenir-se contra a infecção, permitindo-lhe uma vida produtiva e feliz. Marque a sua consulta ainda hoje. Não facilite.

Cuidado com os "portadores" de tuberculose.

Milhares de pessoas se movimentam entre nós com tuberculose crônica, sem o saber! (E isto é mais comum entre pessoas idosas com asma ou bronquite). Como a tuberculose é muito contagiosa, essas pessoas são um perigo para a própria família, para os amigos, para si mesmas. Meninos e meninas — estas especialmente — são particularmente susceptíveis.

Sintomas: cansaço, palpitações, febre vespertal, indigestão, perda de apetite e de peso, suores noturnos, tosse sem causa aparente.

Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas do seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anesésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

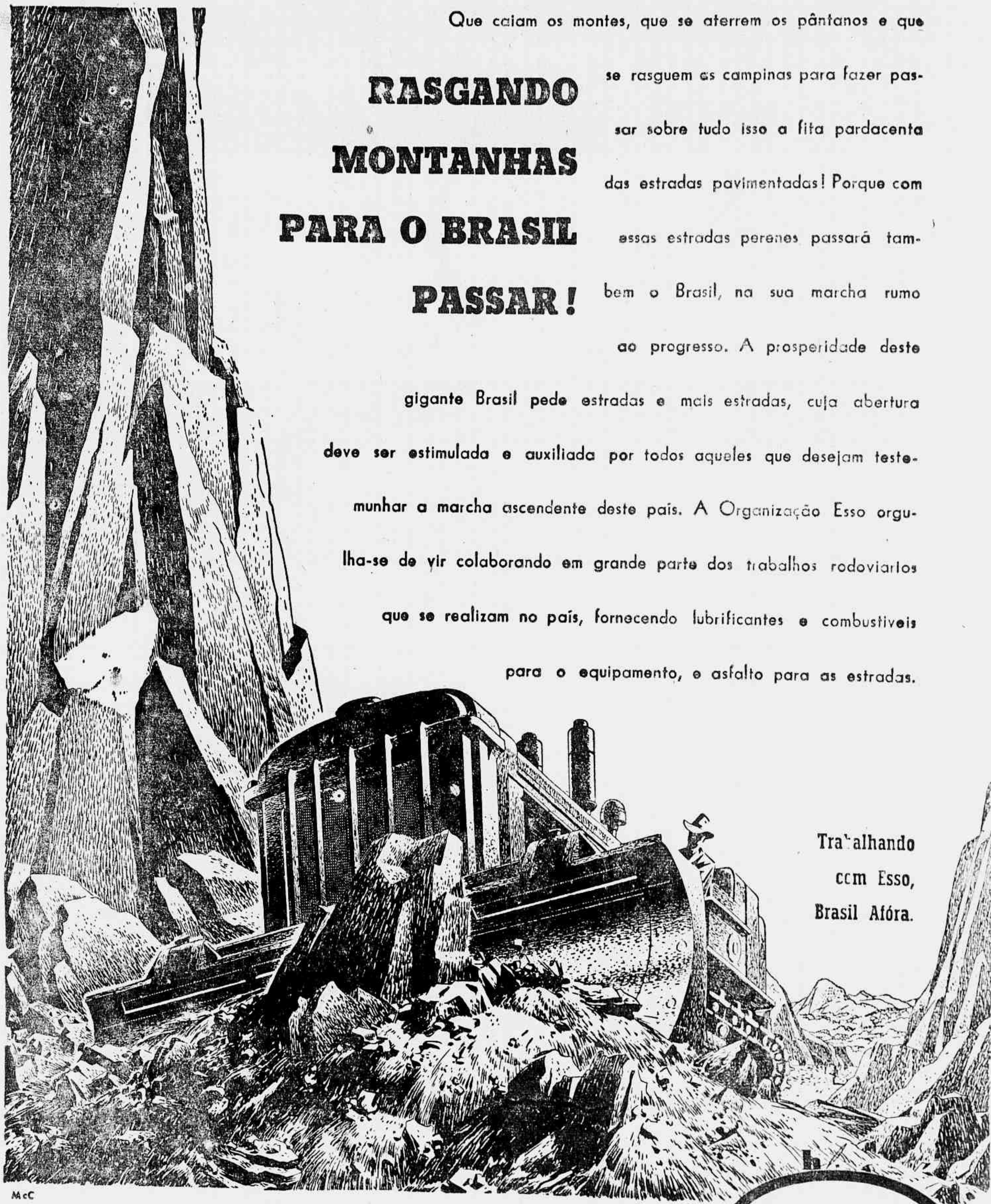
PRODUTOS FARMACÊUTICOS

RASGANDO MONTANHAS PARA O BRASIL PASSAR!

Que caíam os montes, que se aterrem os pântanos e que se rasguem as campinas para fazer passar sobre tudo isso a fita pardacenta das estradas pavimentadas! Porque com essas estradas perenes passará também o Brasil, na sua marcha rumo ao progresso. A prosperidade deste

gigante Brasil pede estradas e mais estradas, cuja abertura deve ser estimulada e auxiliada por todos aqueles que desejam testemunhar a marcha ascendente deste país. A Organização Esso orgulha-se de vir colaborando em grande parte dos trabalhos rodoviários que se realizam no país, fornecendo lubrificantes e combustíveis para o equipamento, e asfalto para as estradas.

Trabalhando
com Esso,
Brasil Afóra.



O Plano Rodoviário Nacional, elaborado pela Comissão do Plano R. Nacional, e cuja execução está a cargo do Depart. Nacional de Estradas de Rodagem, é um extraordinário empreendimento que merece o apoio de todos os brasileiros patriotas. ESSO sauda todos os que, em todos os pontos do país, colaboram em sua realização.



Esso

★ **STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL** ★

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO *Brilhante*

Nos bastidores femininos

(Cont. da pág. 35)

Asseguro que todas nós poderíamos nos sentir como si realmente estivessemos à beira de um lago si aprendessemos a cultivar uma serenidade íntima e nos fatigariamos muito menos si promettessemos a nós mesmas — e cumprissemos a promessa — de não correr tanto e sermos tão impacientes.

Você que tem o hábito de pela manhã dar um "bom-dia" seco a um amigo que encontra na rua ou a um colega de trabalho, tente acrescentar a esse "bom-dia" um olhar mais demorado e um sorriso agradável. Você se sentirá inclinada a gostar mais das outras pessoas, e as outras também a acharão muito mais simpática.

A mulher que resolveu deixar de ser apressada, aprendeu também a abandonar certos gestos que denunciavam a sua pressa como por exemplo olhar para o relógio quando alguém lhe falava; expressar-se por monossílabos, tamborilar com os dedos ou com os talheres sobre a mesa, etc., etc...

Sua voz se modificou, é mais serena; deixou de falar sobre a sua falta de tempo, sobre os seus próprios problemas? passou a achar um interesse maior nas pessoas e passou a notar também que o seu círculo de amizades aumentava e que vive num ambiente mais reconfortante e tranquilo. Tudo isso porque deixou de ser apressada...

E aí está, sem dúvida, a opinião valiosa de uma americana sobre as suas conterrâneas. Faça dela o uso que lhe aprouver.

KITTY

A VIDA DE BRAMHS

(Cont. da pág. 55)

filhos, dos quais os prediletos eram as quatro gigantescas sinfonias. O seu amigo e discípulo, Hans von Bülow, chamava à Primeira Sinfonia "a Declina Imortal", querendo dizer com isso que era a continuação da Nona de Beethoven. A Segunda Sinfonia era uma pastoral selvática, a Terceira uma arquitetura gótica de formas, a Quarta uma vigorosa rajada de despedida. Próximo ao coração trazia também o mais estranho dos seus filhos — um sujeito mal-

O seu ponto de destino está incluído em nossas rotas?

Desfrute, então, a segurança e o conforto que lhe proporcionam as nossas viagens aéreas.

ESCALAS DOS AVIÕES DA LAB

RIO - SÃO PAULO - RIO DIARIAMENTE

Vitória
Ilhéus
Salvador
Aracaju
Maceió
Recife

João Pessoa
Campina Grande
Natal

Uberaba - Uberlândia - Araguari e Ituiutaba

MÁXIMA ATENÇÃO - PERFEITO SERVIÇO DE LANCHE A BORDO

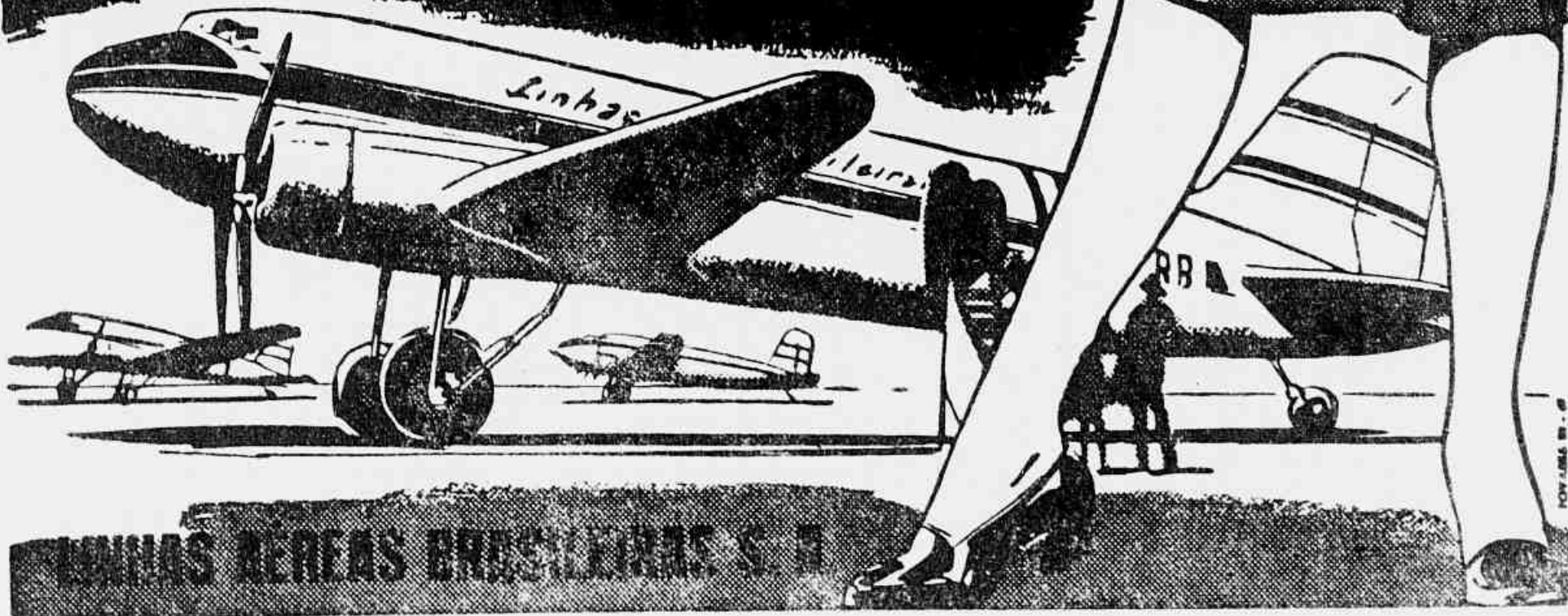


Passagens no Rio:

Rua Santa Luzia, 305 - Tel. 42-3388 e 42-3398

Em São Paulo:

AG. Marabá - Av. Ypiranga, 795 - Tel. 4-9896



(Rums Ronrico de 80, 90 e 151 graus)
RONRICO CORPORATION, SAN JUAN, PORTO RICO
Distribuidor no Brasil - USABRA - Rio de Janeiro

humorado, tempestuoso e gigantesco — o seu Segundo Concerto para Piano (em Si bemol maior), com traços realmente delicados de uma catadura feroz. E havia ainda a encantadora donzela, o Quinteto para Clarineta. Com filhos assim maravilhosos, ele necessitava de poucos companheiros.

E era bem que assim fosse, pois veio a perder, um por um, todos os amigos terrenos. Elizabeth, um antigo amor, morreu de uma moléstia do coração. E Hermine, o conforto de sua idade madura, desapareceu em pleno vicejar da juventude. Depois, caiu a batuta das mãos de Hans von Bülow; e, por fim, a vida mais querida de todas, Clara Schumann, encetou também a jornada da tranquilidade. Brahms estava de férias nessa ocasião. Prostrou-o de tal modo a notícia da morte dela, que tomou o trem errado de regresso a casa. Viajou durante dois dias até que con-

sumido e trêmulo em consequência da própria velhice, abeirou-se, trôpego, do tumulto dela e atirou um punhado de terra sobre os restos sagrados.

A sua saúde de ferro estava fraquejando. A princípio, ninguém pôde acreditar numa coisa dessas. Vigoroso andaluz e vigoroso comedor, possuía músculos de aço. Aos sessenta e quatro anos entregava-se ainda a estrênuos exercícios e erguia-se diante da paisagem da velhice como um robusto carvalho. Não obstante, baqueou-lhe o corpo sem aviso prévio. Disseram os médicos que a sua doença era um câncer, e antes que ele pudesse volver em si da surpresa, tudo se acabou.

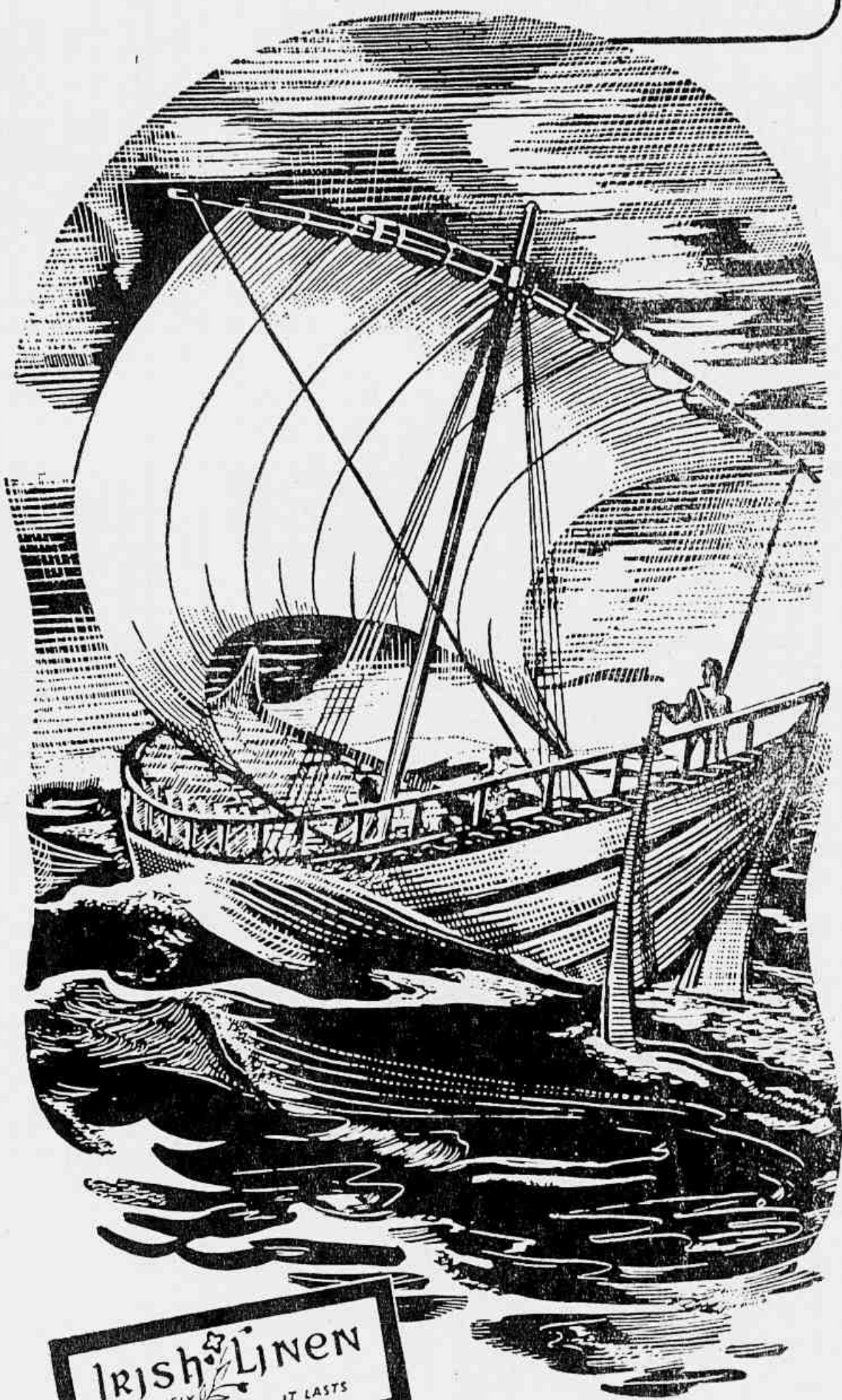
"Eu não havia sequer começado a expressar-me", lastimou-se ele em seu leito de morte. Mas ele, talvez — e quem poderá negá-lo? — tenha levado consigo, para um público novo e maior, a música que não deixara escrita.

(1) Notação alemã correspondente a: Lá-Sol-Lá-Ré-Do-Mi.

(2) Pied Piper de Hamelin é o nome do herói de uma lenda alemã, certo músico que, de acordo com a lenda, crengou, em 1284, fantásticamente vestido, a Hamelin, na Prússia, e se ofereceu, mediante determinada soma de dinheiro, a livrar a cidade dos ratos que a infestavam. Encantando os ratos com a música da sua flauta, levou-os ao rio Wesel, onde se afogou. Como a recompensa lhe tivesse sido negada, vingou-se, arrastando cento e trinta crianças da cidade, com a magia da sua flauta, para uma caverna que se fechou para sempre atrás deles.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

As galeras fenícias transportavam preciosos carregamentos do mais Puro Linho



FAZENDO-SE ao mar ao cair da tarde... intrépidos mercadores fenícios levavam em suas galeras, há dois mil anos, preciosos carregamentos do mais Puro Linho para as terras além do horizonte. Fundaram Cadiz, e iniciaram ativo comércio com outros portos do Mediterrâneo...

Hoje em dia, os que sabem comprar aguardam ansiosamente a chegada de novas remessas de Linho Irlandês, pois sabem que somente o Linho Irlandês lhes oferece qualidade uniforme e grande durabilidade — padrões exatos de perfeição cuidadosamente mantidos pelos associados do Irish Linen Guild... outra razão por que dizemos com toda sinceridade

Exija Linho Irlandês!

Para informações, dirija-se à Av. Rio Branco, 4-13.º - Tel. 23-2030
RIO DE JANEIRO

The Irish Linen Guild
BELFAST



AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ENSAIOS — De Alvaro de Carvalho — Imprensa Oficial — Paraíba.

O Sr. Alvaro de Carvalho, membro da Academia Paraibana de Letras e homem público a quem o povo da Paraíba confiou a honrosa missão de governar o Estado, vem de confirmar os seus dotes de beletista e de crítico, com o livro "Augusto dos Anjos e outros ensaios", lançado em João Pessoa, pela Imprensa Oficial. Amigo de Augusto dos Anjos, tendo convivido com ele, tanto na Paraíba como no Rio de Janeiro, o Sr. Alvaro de Carvalho não se limita a trazer o depoimento pessoal sobre o homem, já si interessante, mas faz uma análise interessante e profunda da obra do poeta do "Eu", consagrando-lhe as primeiras 98 páginas do seu livro. Não se trata de um apologista incondicional de Augusto dos Anjos, mas de um crítico a quem não faltam argúcia e sensibilidade. Para o Sr. Alvaro de Carvalho, o cientificismo literário de Augusto dos Anjos foi um insucesso e ele está com os que qualificam aquelas generalizações científicas de "micro jargão clínico", mas entende que esse "jargão clínico" não é um produto de fábrica, uma invenção habilidosa, mas "uma fatalidade psico-patológica a refletir-se na vida mental do poeta". Completam o volume do Sr. Alvaro de Carvalho interessantes estudos sobre Sainte-Beuve, Machiavel, Anatole France, Nietzsche, Stefan Zweig e O. W. Spengler, além de um interessante ensaio sobre os problemas do estilo. Homem de cultura variada e moderna, em contacto com as modernas correntes literárias e com os movimentos de idéias do velho e do novo mundo, o Sr. Alvaro de Carvalho escreveu uma obra na verdade digna de leitura e de reflexão.

UM SONHO: "Impressões de uma viagem aos Estados Unidos", de Celso Guimarães — Editora Civilização Brasileira S. A. — Rio de Janeiro, 1947.

O Sr. Celso Guimarães andou pelos Estados Unidos num turismo ligeiro, exultante, ditosíssimo. Na maior parte dos casos não foi reconhecer as pessoas nem as coisas, mas sim reconhecê-las. O Cinema e o Rádio, que lhe são familiares, como pessoa de dentro das duas artes; o Romance, que as nossas livrarias estão importando, entre lem e medíocre, às toneladas; a Revista ilustrada, outros elementos ainda, de difusão de conhecimentos ou propaganda de produtos, o haviam, tanto quanto possível, informado acerca daquilo que os seus olhos iam diretamente, "pessoalmente" ver. Por isso mesmo, nada o arrebatou nem o deslumbrou. Das grandes salas de espectáculos aos grandes arruamentos; dos arranha-céus aos estúdios e da Broadway ao Bairro Chinês, sempre ele sabia para onde os seus passos o levavam e aquilo que realmente o esperava. Ia procurando em revista quadros de filme, cenas de novela, crônicas de semanário ou mensário, com as respectivas gravuras...

Naturalmente, o que mais lhe interessou foram os seus colegas cinematográficos e radiofônicos; e, num como noutro caso, particulares emoções lhe estavam reservadas. O ator profissional; organizador de programas e diretor de estações; e a arte de filmar, sentia-se fraternalmente acolhido pelos seus camaradas norte-americanos e alguns não pouco yankees. Esteve nos grandes recintos onde as objectivas apertam multidões, cidades e mundos, nos exatos lugares onde astros do quadro branco realizaram as suas criações mais famosas; e, nas emissoras, mandou ao universo a sua voz pelos pequenos microfones que haviam servido a cantores ou cantadores insignes: aos Bing Crosby, aos Robeson, às Dorothy Lamour. Só por isso lhe valeria a pena ir aos Estados Unidos. E, só em Nova-York, a imensidade de aspectos da grande vida norte-americana que ainda lhe restava contemplar, examinar, considerar — gozar? E a maravilhosa conclusão da obra que resultaria dos apontamentos do seu caderno de repórter — pois sempre os livros que vamos escrever nos parecem de antemão magníficos, embora depois nos inspirem bem diversa maneira de nos julgarmos a nós mesmos!

Por falar em caderno... De certo o do Sr. Celso Guimarães se transformou em várias cadernetas. Este livro de trezentas páginas, tão curioso de conceitos e comportamentos, é, em elementos de informação, copiosíssimo. Tudo o Sr. Guimarães registrou e descreve com a minuciosidade necessária para toda a gente ficar sabendo. Desde a estátua da Liberdade. Descendo do monumento-farol, acodem-lhe, a ele e a um companheiro patricio, estas palavras de resumo apreciativo:

A Estátua da Liberdade é mais bonita que o Cristo do Corcovado?
— Absolutamente!

Absolutamente sim ou absolutamente não? Neste caso, deve ser "não". Se as almas libertas dos corpos continuam sujeitas às mesmas emoções da vida terrena, o do escultor Bartholdi deve ter dado, naquele momento, pulos de corça, na eternidade.

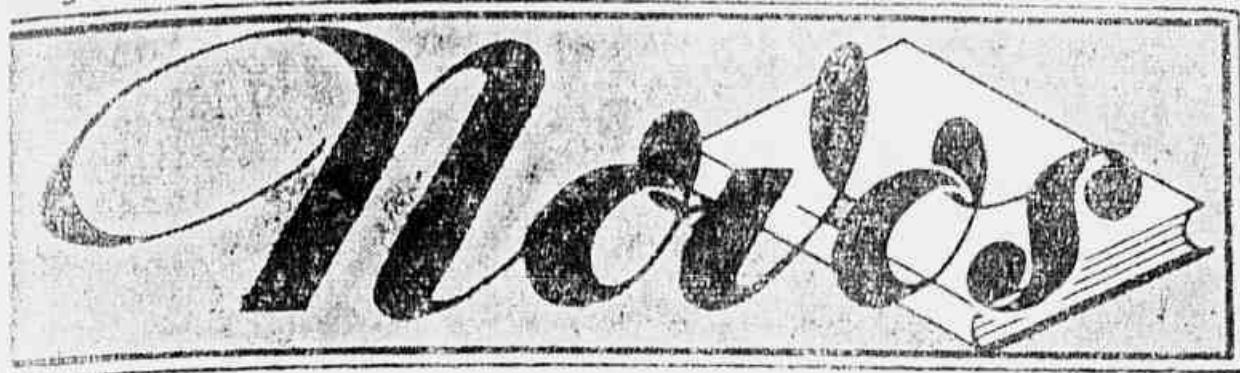
A nota geral do livro é leve, desenvolta, natural. Diante dos espetáculos não jorvais como dos mais dolorosos — visita a uma escola de "modelos", entrada num bairro em que reina a miséria extrema — a narrativa se desenvolve sem preocupações de grande estilo, fácil e sincera. Um livro em tudo e por tudo simpático.

BRYLCREEM
O MAIOR PERFEITO FIXADOR DO CABELO



é aplicado pelos barbeiros e cabeleiros de 1.ª qualidade e está à venda em toda a parte em 5 embalagens diferentes. Acha-se assim, ao alcance de todos.

Produto científico! Isento de álcool, goma, amido ou sabão!



RECEBEMOS:

NAÇÕES UNIDAS, discurso proferido pelo Embaixador Barros Pimentel na homenagem prestada pela Associação Brasileira das Nações Unidas ao coronel John F. Nais, secretário geral da Federação Mundial das Nações Unidas. — Imprensa Nacional. — Rio de Janeiro — 1947.

ASSUNTOS DA LINGUA BRASILEIRA, razões opostas pelo professor Herbert Parreiras Fortes ao parecer da Comissão nomeada para opinar sobre a denominação da língua nacional. — Rio — 1946.

A CULTURA PORTUGUESA E O ESTADO, exposição dos precedentes e realizações do Governo Português. Edição do Secretariado Nacional de Informação. — Lisboa — 1947.

A BANDEIRA ATRAVÉS DA HISTÓRIA DO BRASIL, palestra de Marcos Kender. — Itajaí, 1946.

NOVO MUNDO, "órgão de intercâmbio cultural em todas as Américas", direção de Raimundo Maranhão Ayres, nos. 11, 12 e 13. — Guiratinga, Mato Grosso, 1946.

CAÇULA, órgão de difusão cultural de Mato Grosso, n. 1, ano I, sob a direção de Jerry Gomes e o qual traz na capa um soneto do arcebispo D. Francisco de Aquino Corrêa — Três Lagoas, Mato Grosso, 1946.

O ESCULTOR HUGO BERTAZZON, número suplementar do BOLETIM DE BELAS ARTES, com quinze fotografias das principais obras do artista e artigos a seu respeito assinados por Henrique Sávio e Gastão Penhalva.

ALTEROSA, mensário ilustrado de Belo Horizonte, n. 8, ano IX, com abundante e variada colaboração.

ANAIIS DA FACULDADE NACIONAL DE ODONTOLOGIA DO BRASIL — Imprensa Nacional. — Rio de Janeiro. — 1947. — É um volume contendo mais de cem páginas com diversos assuntos referentes à Faculdade e à Odontologia, muitos dos quais ilustrados com gravuras.

INDUSTRIA TEXTIL ALGODOEIRA. — Ministério do Trabalho Indústria e Comércio. — Rio. — 1946. — Editado pela Comissão Executiva Textil, conta o volume em apêndice com mais de trezentas páginas de texto, inclusive gráficos e muitas gravuras. Estuda rapidamente a indústria têxtil no mundo e oferece comentários amplos sobre a história e a posição atual da fabricação de tecidos no Brasil.

RENASCENÇA. — Recebemos o primeiro número de "Renascença", publicação trimestral editada em João Pessoa, Estado da Paraíba. Dirigida por sua proprietária, a senhora Sílvia Guedes, "Renascença" é um órgão de divulgação da Escola Circulante do Brasil.

Nem se pergunta*.



Só uso Kolynos!
diz
Barbara Bates

que aparece em "THE FABULOUS JOE" de Hal-Loach
distribuído pela United Artists

... porque Kolynos embeleza o sorriso; porque a abundante espuma penetra profundamente, limpa os dentes, suaviza o hálito e deixa na boca uma incomparável sensação de saúde e frescor. Basta um centímetro de Kolynos, sobre a escova seca. As mulheres mais admiradas pelo seu sorriso sabem que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos.
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia



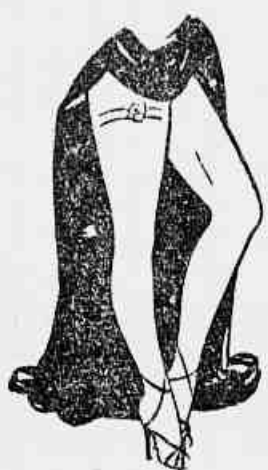
K-402-PH

McConn





A atração das pernas de Marlene



Um dos mais lindos pares de pernas da atualidade, pertencem a Marlene Dietrich. Perfeitas e modelares, as pernas de Marlene constituem, por assim dizer, a força de atração da famosa artista... O maior inimigo da beleza das pernas da mulher está na varizes. Para debelar este mal, entretanto, existe Hemo-Virtus, um poderoso medicamento vegetal. Com o uso de Hemo-Virtus, as pernas ficam livres das terríveis varizes. Hemo-Virtus, tomado na dose de 3 colheres ao dia, restitui às pernas o seu estado normal e a perfeição estética. Em idêntica dose, debela os males causados pelos mamilos hemorróidários, inclusive os que sangram. Use a pomada no local e beba juntamente o líquido, para debelar tanto varizes como hemorróidas. Não encontrando Hemo-Virtus nas farmácias, escreva ao Depositário, Caixa Postal 1874, São Paulo.

IMPRESSIONANDO OS MEIOS CIENTÍFICOS DO PAÍS!

EMAGRINA

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento dos gordos e a conservação da elegância dos magros.

Adquirir nas farmácias ou drogarias

EMAGRINA

ou pelo serviço de reembolso, CAIXA POSTAL, N.º 2335 Rio de Janeiro

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

A vida de Brahms

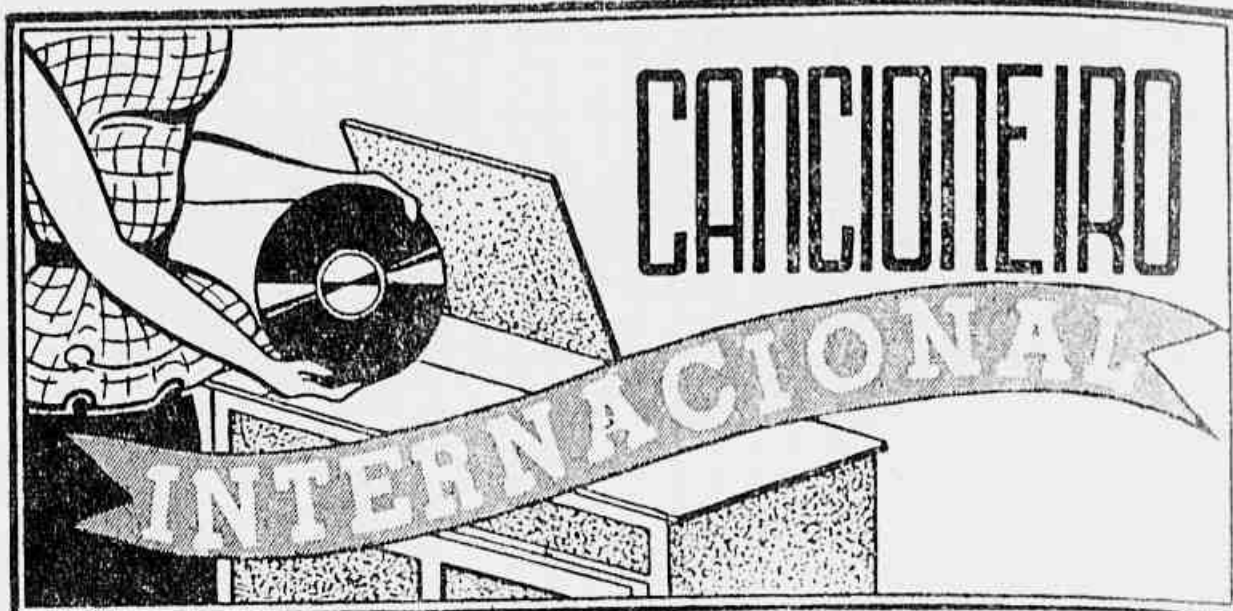
(Cont. da pág. 25)

Lha, Julie, já crescida, que partilhava da adoração de sua mãe ao gênio dele. E num lugar qualquer, no meio do auditório, estava também Joachim, orgulhoso de que a sua profecia acerca do seu jovem protegido se tivesse tão gloriosamente cumprido. E estava também seu pai, Jakob Brahms, valente, apesar do que já bebera. Quando Johannes terminou o Réquiem, os olhos do velho embaciaram-se de lágrimas.

IV

Brahms aproximava-se dos quarenta anos. Os seus dias de vagabundagem entre Viena e Hamburgo tinham terminado. Ele fixara-se definitivamente na capital austríaca, num apartamento de solteiro, de dois cômodos, em Kärntnergasse, perto da Igreja Grande e do bairro comercial da cidade, e lá ficou até o fim dos seus dias. E como se quisesse acrescentar um novo símbolo ao seu caráter de eremita, deixou crescer uma barba que, com o tempo, se tornou branca e majestosa — uma barba digna de Jeová e que lhe servia, além disso, para esconder o colarinho aberto, pois raramente usava gravata. A medida que envelhecia, tornava-se maior e mais pronunciado o seu desleixo. Era, no íntimo, um camponês que se agradava dos trajes grosseiros e das grosseiras gargalhadas dos camponeses. Trazia sempre um velho chapéu estragado que se diria ter saído de um cinzeiro. Nas mais rigorosas cerimônias envergava camisas de flanela sem mangas. As calças surradas apenas lhe chegavam aos sapatos. Certa noite, numa festa, como a conversa passasse a versar sobre meias, escandalizou um grupo de velhas senhoras vienenses, observando: "Vejam como são elegantes as minhas meias". E levantou a calça para mostrar um tornozelo nu. Via-se-lhe, de ordinário, um remendo no assento das calças e nos cotovelos do paletó de alpaca. Raramente trocava de roupa. Atrava-a de qualquer maneira dentro da mala quando tinha de viajar, e deixava-a espalhada no chão quando vinha dormir em casa. Nunca ninguém o viu passá-la a ferro. Os amigos viviam a pedir desculpas pela sua aparência. Persuadiram o alfaiate dele a cortar-lhe um par de calças que tivessem o comprimento adequado, mas quando Brahms a recebeu, cortou-as até que lhe ficaram acima dos sapatos. Nem sempre, no entanto, era muito acurado nos seus cortes, de modo que, muita vez, aparecia com uma perna mais comprida do que a outra. Mesmo enquanto jovem, antes de se lhe confirmarem os hábitos de solteiro, demonstrara o mesmo relaxamento no tocante à aparência física. Uma vez foi a uma festa onde toda a gente o fitava com curiosidade. "Que é que têm as minhas roupas?" perguntou à mãe, ao voltar para casa. "Ora", clamou ela, você pôs justamente o paletó cujos botões eu havia cortado!"

Toda vez que se lhe rasgavam as calças ele reunia os pedaços rasgados com lacre. "O que atrapalhava é que o lacre não durava muito tempo..." Quando perdía um par de luvas no maior rigor do inverno não se decidia a comprar um novo. Era um Huckleberry-Finn adulto, verdadeiro filho de pais humildes, fruto dos bairros pobres. E ao passo que, com a idade, fracassavam as suas aspirações espirituais, voltava-se, cada vez mais, para as qualidades sólidas da comida. Gostava de comer. Desenvolvera-se-lhe no estômago um gosto pela expansão. Era uma figura engraçada ao cruzar a cidade com os passos pesados e miúdos, envolvido num grande xale enxadrezado, cinzento e pardo, que o vestia como se fosse um saco, preso à altura da garganta por um enorme alfinete de segurança. Raramente, porém, aparecia em público. Passava a maior parte do tempo com a música que ele amava, inclinado como um urso sobre o piano, misturando os



O PODER DA MÚSICA

ATUALMENTE, mais de cem compositores vivem em Hollywood e se dedicam exclusivamente a escrever música para as produtoras cinematográficas. Todos eles pertencem a uma estranha e quase secreta sociedade — a SCA — Associação de Compositores de Música para o Cinema. As grandes empresas, como a M-G-M, a Warner Brothers, a Paramount, a RKO, a Universal e a Fox, possuem sob contrato um quadro que varia de três a seis compositores. Cada um deles é capaz de compor dez partituras por ano. De vez em quando, esses produtores lançam mão dos serviços de outros elementos, a quem entregam a partitura de uma simples película ou de uma série delas. Max Steiner é, provavelmente, o mais famoso e o mais bem sucedido elemento da colônia musical de Hollywood e também o mais antigo. Ele ali chegou logo depois que o diretor John Ford havia concluído a filmagem de "A Patrulha Perdida" (The Lost Patrol). Quando o filme foi exibido em sessão privada, percebeu-se claramente que o público dificilmente iria se emocionar com as peripécias de um pequeno grupo de soldados perdidos no deserto (não havia mulheres no elenco), os quais iam sendo pilhados um a um pelos árabes, personagens também invioláveis. O produtor encontrou a solução num fecho de olhos e, então, sugeriu a Steiner que ele deveria pintar os árabes por meio da música. Feito isto, o filme constituiu um verdadeiro sucesso. Embora, a assistência não visse os árabes, presentia-lhes a presença real, perigosa e mortal. E, assim, a música forneceu o suspense que estava faltando àquelas cenas.

F. CORREIA DA SILVA

EVERY LITTLE MOVEMENT

Fox de Otto Harbach e Karl Hoschma

Do filme da Fox TENHO DIREITO AO AMOR

No longer does the lithesome Miss Cavort in catchy waltz,
The two-step and the regime bliss she found alas was false;
The schottische and the polka swing, She's laid them all away.
Aesthetic dancing is the thing, That holds the "floor" today. Ah! Ev'ry little movement has a meaning all its own,
Ev'ry thought and feeling by some posture can be shown;
And ev'ry love thought that comes a-stealing o'er your being must be revealing,
All its sweetness in some appealing little gesture all, all its own.

I'VE GOT YOU UNDER MY SKIN

Fox de Cole Porter

Do filme da M-G-M O FANFARRÃO

I've got you under my skin. I tried so not to give in; I said to myself, "This affair Never will go so well." But why should I try to resist, when darling, I know so well, I've got you under my skin. I'd sacrifice anything, come what might, For the sake of having you near, in spite Of a warning voice that comes in the night And repeats and repeats in my ear: "Don't you know, little fool, you never can win. Use your mentality, wake up to reality." But each time I do, just the thought of you. Makes me stop, before I begin, 'Cause I've got you under my skin.

ANYTHING GOES

Fox de Cole Porter

Do filme da Warner CANÇÃO INESQUECÍVEL

In olden days a glimpse of stocking Was looked on as something shocking Now heavens knows, anything goes. Good authors too who once knew better words Now only use four letter words Writing prose, anything goes. The world has gone mad today and good's bad today,

And back's white today, and day's night today. When most guys today that women prize today Are just silly gigolos. So though I'm not a great romance, I know that you're bound to answer When I propose, anything goes.

SUPLICA DEL ALMA

Canción-ranchera de Pablo Sanchez Vazquez

Yo he buscado en el vino el olvido, en el vicio he buscado otro amor, es en vano acaba el martirio si tu ausencia ha acerbado el dolor. Ven a darle un consuelo a mi alma y a que vengan las dichas de ayer volverá con tus besos la calma si aun me quieres como antes mujer.

Ven, ven, porque estoy sufriendo y me estoy muriendo de tanto esperar.

Ven, ven, cura en mí herida, traime tu la vida que se fué en llorar. Dime que no me engañaste cuando me juraste en tu confesión, vuelve que vivo esperando y sigo adorando a tu corazón.

TANGO BRUJO

Tango de Francisco Canaro

Tango que llenas de encanto a quien escucha tus sonos tango que atraes corazones con tu dulce canto y tus bandoneones con tu pobre origen has paseado el universo sin mas protocolo que tu musica y tus versos. Para abrirte paso has tenido que ser brujo; por tus propios medios lograste tu triunfo. Tango de bellos cantos hoy vive tu canto en mi corazón, tango, tango.

REFRÁN:

Tango brujo, tango brujo, tango noble, tango guapo... Tango hermano de mis largas noches tristes; compañero de mi pobre corazón Tango brujo, físcante, tango brujo, tango bravo, combatido. Tango bravo, tango gaucha, que apesar de tanta contra defendiste con altura tu bravura de varón.

bons mais sãves aos seus resfôlogos e arruados. Era senhor absoluto da habitaçãozinha que alugara e onde se ele encontrava satisfação. Tal era a disposição dos quartos, que a noite entrava por um corredor sujo e precisava atravessar a cozinha e o dormitório antes de chegar à sala de estar. Lá chegando, não encontrava uma cadeira sequer para sentar, pois estavam todas cobertas de livros e folhas de música. Num dos cantos, via-se uma poltrona que Brahms usara com os novos amigos a que experimentassem. No momento em que estes se assentavam, a poltrona, virando, deixava-os de pernas para o ar. Ele gostava de fazer essa brincadeira especialmente com as senhoras.

A sua sem-cerimônia atinca, às vezes, era da vulgaridade. Quando a Universidade de Cambridge lhe ofereceu o grau de doutor em reconhecimento da sua música, enviou os agradecimentos num cartão postal amarrado. Era ele mesmo quem fazia as suas cartas e pedinhava como uma verdadeira peixeira. Apreciava ao jantar, principalmente, um enorme prato de arenque. Quando o seu dinheiro, fumava os seus charutos, engolia a sua comida escandalizava as velhas senhoras, ultrajava os amigos...

...Faziam sonhos que não haviam sido possíveis a mais ninguém deste tempo de Beethoven. A Primeira Sinfonia de Brahms é digna sequência da Nona de Beethoven. Em sua música, como em seu caráter, Brahms foi o último herdeiro de Beethoven. Em ambos os casos um áspero exterior ocultava uma permanente delicadeza interior. Beethoven e Brahms — o último da trindade musical em B (Si) maior — os dois homens que introduziram o espírito da filosofia na música de Bach. Nas fórmulas matemáticas de Bach, libertando-a, lhe permitisse sobre os seus. O cientista e o poeta sonhavam, não podiam libertar. Os músicos, mestres haviam edificado, mas a mansão de granito sem janelas e os músicos poetas tinham construído janelas frágeis de vidros coloridos mas sem armadura sólida que as sustentasse. Foram precisos os filósofos da música, homens como Beethoven e Brahms, a fim de criar casas para os vivos e não para os mortos — mansões ao mesmo tempo sólidas e cheias de ar, de vitalidade e de liberdade.

Brahms levava a vida destinada a ficar. E' difícil compreender-las a princípio. A beleza delas não reside na simplicidade das decorações nem no artifício dos contornos. A sólida abstração da estrutura musical de Brahms não se baseia em sensacionalismo ou falsas aparências. O construtor não tem mercadorias para exibir. Somente o tempo pode constatar a verdade da sua arte. Brahms compreendia que a música, a despeito de todas as suas vestimentas sensuais exteriores, é, em sua mais alta expressão, uma questão do espírito. Unicamente o mais crítico dos intelectos, por, possivelmente, esperar possuir assim tanto a alma como o corpo da música. Os sentidos são não são suficientes para garantir essa posse. Com efeito, o homem que tem os sentidos sensíveis pode assim mesmo esperar atingir o espírito mais elevado. Acaso Beethoven não fôra surdo? A música é, essencialmente, um exercício intelectual — uma superestrutura da beleza que se estriba num alicerce de pensamento. Brahms desprezava a paixão que não fosse disciplinada pela razão. A sua música não se destinava, como a fragrância da pavônia, a ressaltar para os sentidos destituídos de crítica do voluptuário e fazê-lo sonhar. E, pelo contrário, um exercício reservado apenas ao espírito crítico. E o mais crítico dos críticos é o próprio Brahms, dono de um intelecto sutil e de uma linha moral. Via com tristeza as próprias deficiências e com a mesma preséncia as deficiências alheias. De quando em quando as suas observações eram entrecortadas de piada. De uma vez, por ocasião de um banquete, fizeram-se diversos brindes a ilustres músicos

contemporâneos. Entre os presentes figurava Hitler, colega de Brahms. "E agora", disse Brahms, "já que bebemos à saúde de tantos compositores vivos, brindemos a um compositor morto. Ergo o meu copo em honra de Ferdinand Hitler". De outra feita, como as damas da sociedade coral vienense cantassem muito de agar um trecho de um oratório de Haydn, perguntou-lhes se era assim que cantavam no tempo do compositor (que morrera havia setenta anos). Ao sair de uma sala numa de suas noites mais sarcásticas, inclinou-se, irônico, e disse: "Se há alguém nesta sala que esquece de insultar, peço-lhe que me perdoe a inatencência".

A grosseria, contudo, era nele convivível, o reverso apenas do sentimentalismo. A sua música, como o seu temperamento, ocultavam uma alma terna dentro de um corpo de granito. E compreendiam-lhe melhor a música os que melhor lhe compreendiam o caráter. Resmungava para não chorar. No meio do ensaio de uma de suas peças, saltou da cadeira e cruzou a sala com as mãos apertadas. "Parem com essa música terrível!" berrou. Tinha as costas voltadas para os músicos e as lágrimas lhe corriam pelo rosto. Arrastava-o a comoção e esse era o método de que se valia para disfarçá-lo.

Brahms era um estudo de contrastes. E desses contrastes o maior, porventura, era o que existia entre o desalinho da aparência e a precisão do espírito. Parecia, exteriormente, levar uma vida desordenada. Interiormente a sua existência era uma unidade perfeita. Reagindo com absoluta segurança os verdadeiros valores, extremava-se como uma pessoa negligentemente perfeita em sua arte e perfeitamente negligente em seus hábitos pessoais. Espalhava as meias pelo chão mas conservava a alma em absoluta ordem. Sua preguiça física era unicamente consequência de sua intensa vida mental. Concentrava-se inteiramente nas questões pertinentes à sua personalidade musical e mandava o resto às favas. A vida física era a sua vida de sonho, mal organizada, sem substância, localizada num nível subconsciente, ao passo que a vida mental era a sua única realidade autêntica — racional, concreta, criadora, plenamente desperta. Ele percebia os próprios erros e desvelava-se por corrigi-los. Ganhava o carro do gênio pelo pedregoso caminho da disciplina num passo talvez mais apertado que qualquer outro compositor, anterior ou posterior a ele. Hércules a executar os trabalhos da alma. Escrevia e reescrevia burilava — e punha fora. Planteou durante vinte anos a Primeira Sinfonia antes de escrevê-la. Trinta e sete anos após haver composto um trio em Si bemol maior tornou a escrevê-lo, nota por nota. A meticulosidade transformou-se nele numa quase mania. O que Mozart produzia espontaneamente, Brahms somente o conseguia à custa do suor da fronte criadora.

Um estudo de contraste — trágico, enfim humano. Evitavam-no os vizinhos, mas o mundo musical reverenciava-o. Preparam-lhe uma medalha no retrato. Na Sala de Música de Zurich, penduraram-lhe o retrato a par do de Beethoven, de Mozart e dos outros imortais. Recheu do Imperador austríaco, Othman Leopoldo do Mérito. A sua cidade natal de Hamburgo aceitou-o numa solene homenagem em companhia de Bismark e de Moltke. Brahms é interessante notá-lo de passagem, era, politicamente, ferrenho nacionalista. Bismark era o seu Deus, e o imperialismo a sua fé nacional.

Mas a política e a fé eram, para ele, interesses apenas secundários. A sua vocação principal era a música, e a diversão preferida, mesmo ao acercar-se da zona fria da velhice, um flerte ocasional com uma mulher bonita. O tema da sua bandeira era Frei aber Fröhlich mas Alegre. E as iniciais musicais F-A-F (ou seja, Fã-Lã-Fã) formavam o tema inicial de muita música sua. Considerava as suas composições musicais como o círculo feliz dos seus

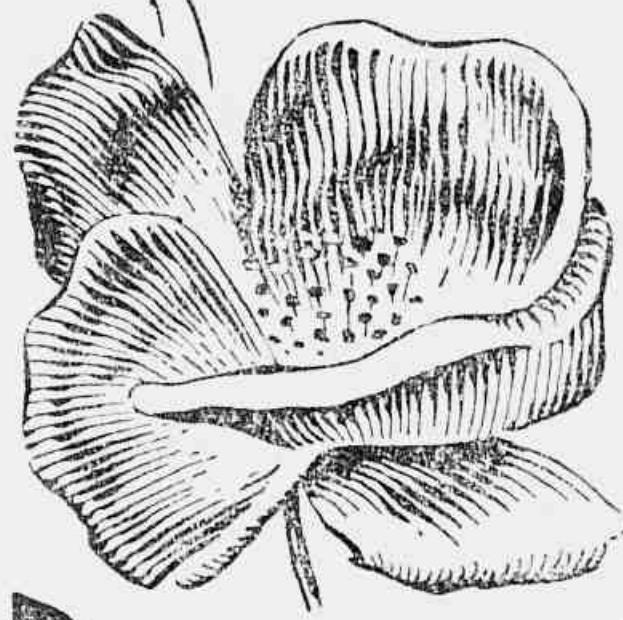
(Cont. na pág. 51)

Pavots D'argent

Um fino perfume, de

suavíssima fragrância

e persistente efeito.



LOÇÃO
EXTRATO
BRILHANTINA
PÓ DE ARROZ

ROGER & GALLET

PARIS ★ RIO

O 50.º milionário do ar da Cruzeiro do Sul



Acaba de atingir a meia centena o número de tripulantes da "SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL" — pilotos, co-pilotos, rádio-navegadores, mecânicos, comissários de bordo, — que já ultrapassam a alta quota de um milhão de quilômetros de voo, havendo, entre eles, sete que já dobraram e quatro que já triplicaram a parada, constituindo-se em milionários, bi-milionários e tri-milionários do ar da grande organização aeroviária pátria.

Cumpra notar que, além desses "ases" que perfizeram quilometragem tão vultosa, conta a "CRUZEIRO DO SUL" com outros ainda mais numerosos, membros de seu corpo de tripulantes que registam a esta hora, 200.000, 400.000, 500.000 e 800.000 quilômetros de voo, algarismos suficientemente expressivos de uma experiência larga e de um tirocinio magistral.

O quinquagésimo lugar na conquista do título coube ao comissário de bordo Geraldo Lodi Batalha, que vemos na gravura, recebendo de amigos, colegas e membros da sua família, testemunhos de admiração e carinho, ao dia de sua chegada, no Aeroporto Santos Dumont.



LYTOPHAN



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

MÚSICA

Ouvindo Jennie Tourel em carta aérea — "As luzes brilharão outra vez..." — Cantando para os súditos de S. Majestade britânica — Uma "tourné" pela Europa — Paris devastado — Leslie Hurry, uma revelação do Covent Garden

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

DEPOIS de ter posto em alvoroço os compenetrados súditos de S. Majestade britânica, Jennie Tourel aproveitou sua passagem pela Europa para, numa rápida visita a Paris, mandar saudades dos seus velhos tempos "Opera Comique" e dos salões de concerto da velha Cidade Luz.

De toda essa viagem a imprensa fez registro semeado de adjetivos, quase todos elevados ao grau superlativo. Para dar uma amostra da qualidade do entusiasmo despertado pela cantora canadense, basta citar aquela frase de um severíssimo critico inglês, que se expressou nos seguintes termos: "Sem dúvida a maior cantora que tivemos oportunidade de ouvir, há muito tempo."

De regresso aos Estados Unidos, reinstalada em seu apartamento, Jennie Tourel manda em carta aérea, aos seus admiradores brasileiros a promessa de participar de nossa temporada de 1948 e alguns comentários em torno do meio musical na Europa.

"AS LUZES BRILHARÃO OUTRA VEZ..."

Falamos em Cidade Luz. Mas, na realidade, Jennie Tourel informa que passou olhares saudosos pela França atual e só pôde encontrar a heróica determinação de um povo aplicada à

reconstrução de montões de ruínas. As luzes estão bem fracas...

— Encontrei fome, miséria e uma população de nervos esgotados pela tensão constante da guerra. Os concêntricos e a ópera estão atravessando uma crise. Os artistas fogem da Europa e procuram abrigo na América.

Prosseguindo, esclareceu:

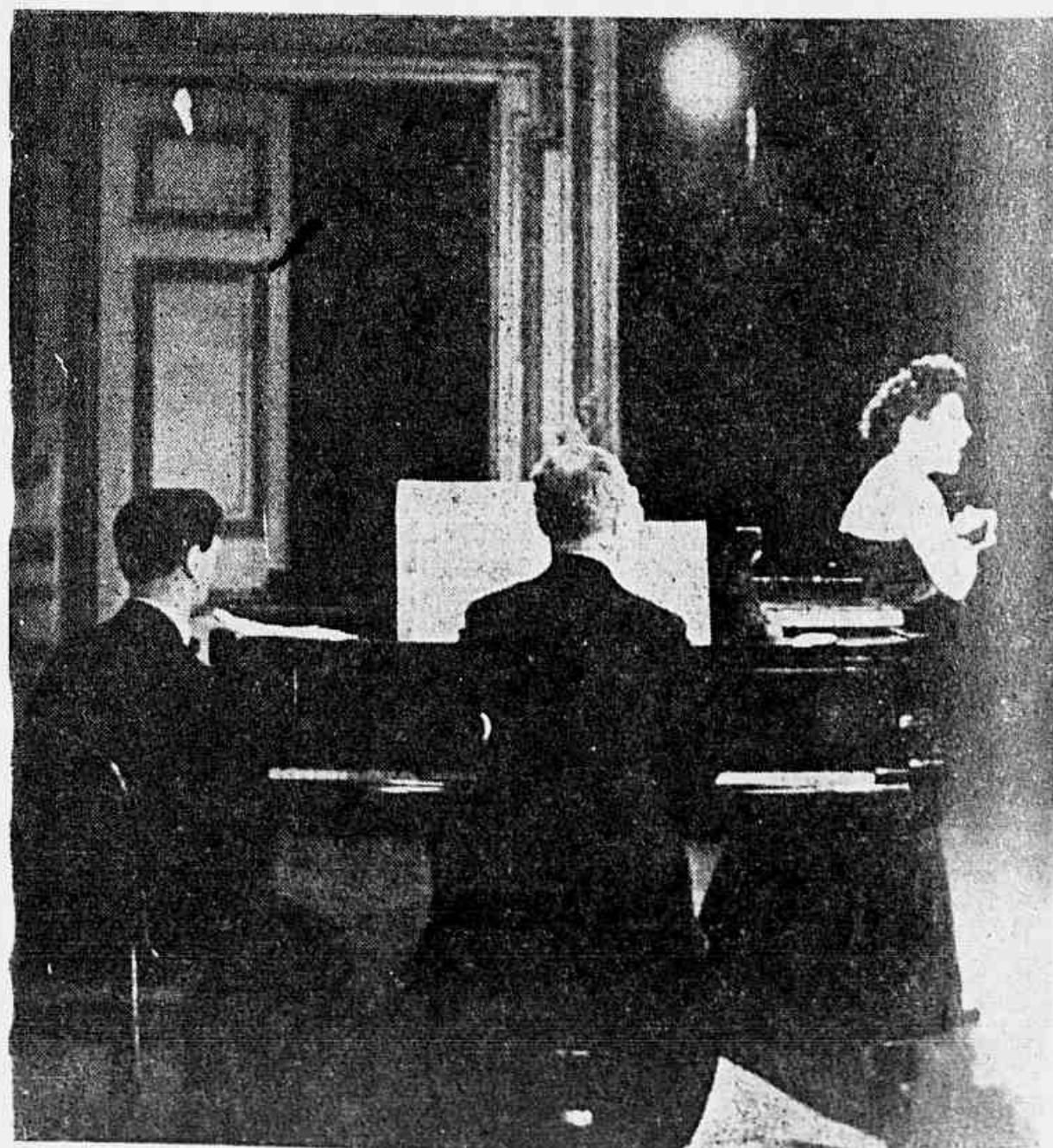
— O êxodo já começara muito antes da guerra. Quando os primeiros sinais do conflito se fizeram sentir, aqueles que encontraram oportunidade de viver em outros países, onde havia mais segurança, foram abandonando, gradualmente, a França, assim como outros países da Europa.

Entretanto, Jennie Tourel está certa de que "as luzes brilharão outra vez...", na forma da previsão da fé inquebrantável dos heróis da resistência. E para dar um sinal de que ainda vale a pena procurar, em Paris, amostra de uma arte superior, citou o nome de Jean Babilée, que, atualmente, é uma das principais figuras da Companhia de Ballet dos Champs Elysées e que Jennie considera "o maior dançarino que surgiu, depois de Nijinski", o que, afinal de contas, já não é pouco.

AMÉRICA, CAPITAL DA MÚSICA

— Voltando à América, depois de uma tourné pela Europa, que incluiu uma

Jennie Tourel, no palco do Covent Garden, o tradicional teatro de ópera inglês.





De volta ao seu apartamento em Nova York, Jennie Tourel dá suas impressões de uma tournée pela Europa.

— A vista à Dinamarca, não posso deixar de fazer uma comparação entre o nível artístico que observei no velho mundo e o dos Estados Unidos. É quase que desnecessário salientar que Tio Sam leva vantagem.

E, em apôlo a esse ponto de vista, Jennie explicou:

— É estranho observar que Paris, o berço de algumas das etapas mais revolucionárias no desenvolvimento da música contemporânea, seja, hoje, uma cidade, onde se ouve menos música moderna do que na América.

— Hoje em dia, continuou Jennie, a América é a capital da Música. Além disso, vi que era impossível levar à Europa os programas ousados que escolho para meus concertos nos Estados Unidos, de Birmingham a Spokane, de Pasadena a Boston, programas inaceitáveis, na maior parte das capitais europeias.

Vejo que o público americano desenvolveu-se depressa e sente a necessidade de ouvir Mozart, Bach, ciclos de Debussy, música contemporânea — francesa, americana e sul-americana.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A INGLATERRA

O meio musical inglês, entretanto, não deixou de impressionar, favoravelmente, a Jennie Tourel. Sobre tudo a ópera está tendo, ali, um renascimento que merece ser assinalado.

O Velho Covent Garden, com uma nova diretoria, passou por radical transformação. Suas montagens são luxuosas e bem cuidadas. Novo elenco foi contratado. Tudo caminha em franco progresso.

— Ainda que nem sempre os solistas estejam à altura dos espetáculos do Metropolitan, a verdade é que temos que avançar muito antes de igualarmos a perfeição dos coros ingleses, disse Jennie Tourel.

Porém, um outro aspecto despertou a sua atenção.

— Foi sobretudo nos cenários e no guarda-roupa que encontrei alguma coisa de excepcional. Um jovem artista, Leslie Hurry autor de alguns cenários que tive oportunidade de apreciar, tem uma personalidade tão marcante que não hesito em classificá-lo como gênio.

Há sete anos Jennie Tourel teve de fugir da França, perseguida pelos nazistas. Agora, passado o período trágico da guerra, ela voltou. A Europa lhe mostrou um espetáculo triste e melancólico. Mas não lhe negou a consagração que ela mereceu.

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA?

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe de Clínica de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas.

Numeros atrasados desta revista no Pará

pedir a

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 -- Belem

TRATAMENTO DO ROSTO E DAS MÃOS

Por profissionais competentes. Os mais finos produtos de beleza:

Creme, pó, rouge, água, pasta, etc.
Rainha da Hungria

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Mme. CAMPOS

Uma organização tradicional através meio século

Rua Assembléia n.º 115-1.º — Fone: 22-4685

DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

Agencia Zambardino

Rua Capitão Salomão, 67

MME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA
Diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 22-0430

Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

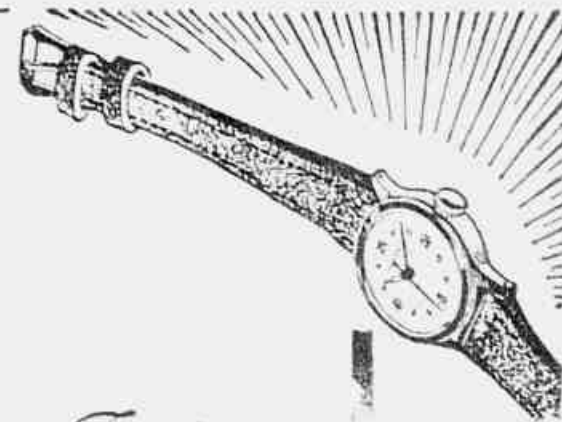
Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

JOALHERIA SALGADO
JÓIAS E RELÓGIOS
OFICINA PRÓPRIA PARA
CONSERTOS DE JÓIAS E RELÓGIOS

Manoel Salgado Joalheiro

EXECUTAM-SE OBRAS DE OURI-
VESARIA COM PERFEIÇÃO

Rua Alvaro Alvim, 33/37
(Cinelândia)
Edifício Rex





Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA DURYEA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

MAIZENA DURYEA

MARCAS REGISTRADAS



O CINQUENTENÁRIO DA ESTRÉIA LITERÁRIA DE CLAUDE FARRÈRE

(Cont. da pág. 57)

— Esses a que o senhor se refere, são agora muito raros. Deles, a meu ver, os mais importantes são: La Varande, André Humbert e André Maurois, como romancistas, e Henry Bernstein e Marcel Pagnol, como teatrologos.

AS LITERATURAS ALIENÍGENAS

— Qual é a sua opinião, neste caso, sobre as literaturas estrangeiras, a russa, inglesa, americana?

— Creio que todas as literaturas do mundo atual passam por uma crise tremenda. Na U.R.S.S., existem muitos escritores. Mas como compará-los aos seus antecessores dos tempos czaristas, os Tchecov, Dostoiévski, os Tourgueniev, e outros?

— E na Inglaterra e nos Estados Unidos?

— Na Inglaterra, um nome que me parece domina a literatura atual, é o de Charles Morgan. Ele é infinitamente mais conhecido na França que as dezenas de novos escritores franceses contemporâneos. Quanto aos Estados Unidos, nota-se, como fato principal, a sua libertação da influência da literatura inglesa.

Finalizando, Claude Farrère nos revela que, apesar de sua idade proecta, continua cheio de planos e em grande atividade:

— Tenho alguns manuscritos já prontos, outros em via de serem concluídos: três romances e duas coleções de novelas. Esses livros serão editados pela Flammarion, "minha" casa editora, devendo sair em 1949. E é só Fiat voluntas Dei! — concluiu com o seu inimitável sorriso o autor de "A Batalha".

A exposição de Orlando Teruz

(Cont. da pág. 19)

consciente na fuga ou na permanência no real. A sua feição naquele tempo era uma espécie de neo-clássicismo a que o levava o seu grande interesse pelos processos plásticos dos pintores do Renascimento e dos primitivos flamengos. O atelier do pintor, instalado num dos enormes salões do edifício onde funciona hoje a Polícia Especial, tinha por todos os cantos, em cima dos divans, das estantes, — reproduções dos melhores quadros dos mestres mais famosos de sua predileção. Ao mesmo tempo o pintor aprofundava-se obstinadamente em todos os segredos da técnica, nos mais pequeninos detalhes, folheando cartanários de especialização que ensinavam desde o preparo das telas à manipulação das tintas, ao jeito dos profissionais primitivos, quando os grandes pintores dispunham de uma multidão de discípulos abnegados para domesticamente fabricarem como um fecundo e maravilhoso alado insecto.

Os retratos que Teruz pintou naquela época, sofrem todos da influência renascentista e flamenca primitiva, desde as cores à técnica que ele procurava imitar precocemente. Foi bom. Essa disciplina e esse fervor na imitação do que é bom, aprimoraram-lhe a técnica, desenvolveram-lhe os dons dessa "raison raisonneuse", que fizeram de um Derain entre outros um aturdido, mas um excepcional entre possíveis trovadores de invenção e as imposições naturalistas da pintura tradicional.

Teruz, senhor do métier de pintar, acomodou-se naturalmente ao clássico com a lealdade que caracteriza o seu espírito, mas ao clássico que a mocidade de sua arte poderia produzir. Vejam que ele faz concessões ao chamado gosto representativo; porém as faz sem desprezar as razões plásticas de sua diretriz artística. A verdade é

que ele não quer fazer pretenciosamente psicologia ou poesia nem cometer blagues para atrair os outros. E que se deve louvar a sinceridade com que procura resolver os seus problemas e os seus impasses.

Felizmente em nosso meio os verdadeiros pintores novos já desprezaram o preconceito até ontem vitorioso de se considerar o quadro como um fato literário em que prováveis dons poéticos pudessem substituir a técnica. Brague já dizia que "em arte o progresso não consiste na extensão mas no conhecimento de seus limites". Poesia, psicologia ou uma disfarçada anedota (suportaremos?) o pintor se tiver talento fará dimanar de dentro desses limites braqueanos. A extensão que se confundisse com poesia prejudicaria inevitavelmente a pintura em si.

E' necessário, pois, ao pintor valorizar em primeiro lugar a sua pintura para depois, se houver nele faculdade poética, valorizar a poesia até onde a pintura quer subir. Pois assim o seu principal papel será o de representar, o de servir. Deleitar — valorizando outras artes que estão fora de seus limites sem primeiro valorizarem-se, está errado, e nenhum grande pintor agiu assim. O métier em pintura é condição de projeção humana.

Sem ele o artista não poderá "s'évader vers l'action et les possibilités d'un renouveau", isso mesmo falava Delaunay quando ilustrava os poemas de Apollinaire e de Blaise Cendrars.

Uma venda

(Cont. da pág. 28)

que um gendarme é obrigado a bater-lhe nas costas. Tendo-se acalmado, ele continua:

Então Brument declara: "Nada feito. E' muito pouco". Eu grith, ele grita, eu berro, ele esmurra, eu esbofeteio. Isso dura até o fim do mundo, pois estávamos mamados.

Chegam os gendarmes, nos apanham e prendem. Eu peço indenizações."

Sentou-se.

Brument declarou verdadeiro em todos os pontos o depoimento de seu cúmplice. O juri, consternado, retirou-se para deliberar.

Voltou ao cabo de meia hora e absolveu os réus, com severos considerandos apoiados na majestade do matrimônio, e estabelecendo a delimitação precisa das transações comerciais.

Brument encaminhou-se em companhia de sua esposa para o domicílio conjugal.

Cornu regressou ao seu estabelecimento.

Começou em uma fila...

(Cont. da pág. 15)

dinha? Nada como o câmbio negro para se ganhar dinheiro, hein?" A que mais me aborreceu foi a de um gaiato: "Arranjou seu núcleo, patife! Galinha verde indecente. Deixe estar que não perderá por esperar". Isso intrigou-me. Nunca fui integralista. Odeio todos os fascistas, de qualquer matiz. Cheguei à conclusão de que era coisa do Artur. Para clarear a situação, incumbi um meu empregado de fazer as sindicâncias lá perto de casa,

indagar no botequim da esquina, averiguar tudo. À noite, postei-me atrás da cortina, aguardando os acontecimentos. Lá pelas tantas, vejo meu vigia, acompanhado de mais dois entrarem na ponta dos pés, encaminhando-se à garagem. Passei a noite acordado, ansioso para falar ao empregado. Às 8 em ponto ele veio ao meu escritório e o que me contou estremeceu-me: Fora ao botequim. Estava tomando um café, quando lá entraram dois sujeitos, conversando. Meu empregado fingiu estar cochilando. Nisso, chegam mais três sujeitos e um deles exclamou: "Vamos embora, estou morto de sono!". Um deles aproximou-se de meu empregado e perguntou-lhe se não tinha onde dormir. Recebendo resposta negativa, convidou-o a ir com eles, pois ainda "havia uma vaga".

Perguntou onde era. Disseram-lhe ser no 34 casa de um trouxa que dava a um amigo deles, de muita sorte, casa, comida, roupa lavada e, quem sabe, até mulher, de graça... E o safado, como não é besta e mora num quarto grande, dá dormida a outros por Cr\$ 10,00 por pessoa. Indagou, meu empregado, se muita gente dormia lá. Sim, foi a resposta.

— À uma da madrugada aquilo enche e o Artur também...

— E o dono de nada sabe? — perguntou meu empregado.

— Não. Se descobrir, mete a turma toda na cadeia. Mas ele nem desconfia. Dorme como um aninho e pensa que todos nós somos estudantes.

— "Estudantes, na arte de bater carteiras e de fazer outros servicinhos lucrativos", — aparteu um dos malandros.

Artur, quando viu meu empregado, quis saber quem era. O malandro que convidara meu empregado, disse-lhe que "não tivesse medo, pois o rapaz era dos bons".

Artur fez a cobrança dos Cr\$ 10,00 a cada um e admitiu-os no quarto. Já lá estavam cinco, deitados. Uns em cima de esteiras, outros em colchões, todos enfileirados como num dormitório de quartel. Tudo muito bem organizado. Meu empregado, com medo de que eles desconfiassem, lá passou a noite. Coitado, ficou com o corpo todo moído pela falta de conforto! O doutor não acha isto tudo espantoso? Chegando em casa, chamei minha mulher, tranquei a porta e contei-lhe tudo. Pensa o doutor que ela se scandalizou? Não, doutor! Achou graça! Pensei em chamar a polícia mas, raciocinando melhor, decidi falar com Artur para pô-lo no olho do botequim. Mandeí chamá-lo. Veio risonho. Disse-lhe que, quando convido de sua situação, coloque-o no quarto da garagem, não tinha sido para que ele o transformasse em albergue noturno. Que ele não tinha vergonha. Abusava de minha bondade e, se não soubesse imediatamente de minha casa, ver-me-ia obrigado a chamar a polícia...

O rapaz mudou. De delicado que era, tornou-se grosseiro.

— Sair de sua casa? O senhor está louco? Duvido que o senhor me venha para fora. Tenho depositado, todos os meses, na sua conta, na Caixa Econômica, Cr\$ 150,00, como rendimentos ao aluguel. Tenho todos os recibos em meu poder, e direi que foi o senhor quem pediu isso... Portanto, o senhor não me pode despejar, está recebendo? Fique sabendo que não saio de jeito nenhum, nem deixo de receber meus colegas". Perdi a paciência, doutor. Disse-lhe que ladrões, vagabundos, não eram estudantes. Que eu sabia de tudo e iria pôr a polícia ao corrente e jogaria tudo que era dele na rua! Artur prometeu, em represália, fazer tal escândalo, se eu tivesse coragem de levar avante o meu propósito. Eu, detestando situações ridículas, fiquei sem saber o que fazer.

— Como devo agir, doutor?

(Cont. da pág. 18)

REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras



L I V I N G

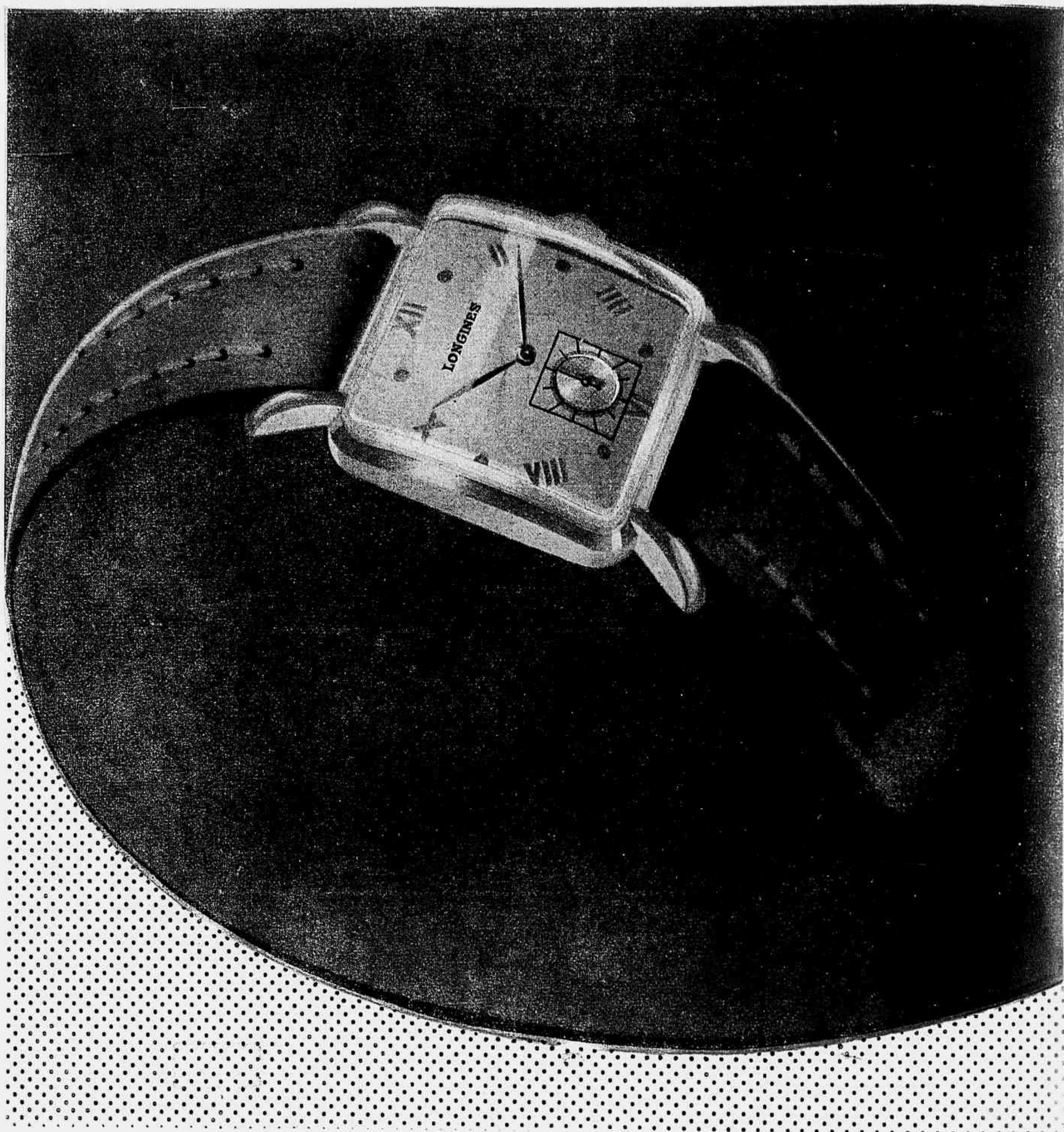
Lareira em mármore preto e bege com frente de espelho, forração de piso com passadeira de lã. Poltrona em tecido de seda italiana.

Mobiliários — Tapeçarias — Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIOCA. 67 - RIO



Duas vezes secular, a arte relojoeira fez de LONGINES o seu símbolo.
Precisão surpreendente e comprovada. Beleza que reflete o mais
puro sentimento artístico. LONGINES - síntese de perfeição.

LONGINES

10 GRANDS PRIX